REVISTA DO



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE
RIO GR. DO SUL

II.º Trimestre
de 1945

ÍNDICE

GENERAL SOUSA DOCCA – *Dr. Eduardo Duarte* 157

RIO BRANCO – *Otelo Rosa* 161

ESBOÇO BIOGRÁFICO DO GENERAL JOSÉ DE ABREU, BARÃO DO SERRO LARGO – *J. M. da Silva Paranhos Jr.* 164

O BRASIL NA CARTOGRAFIA E NA LENDA – *Prof. Walter Spalding* 211

DOIS ESTUDOS FARROUPILHAS:
– I O CRUZEIRO PLANALTINO
– II SANTA VITÓRIA – *Dr. Manuel Duarte* 218

TENTATIVA EMANCIPACIONISTA – *Dr. Manuel Duarte* 237

DOIS OFICIOS DE ALFONSO MABILDE –
– (Introdução do Prof. Walter Spalding –
Notas do *Dr. Manuel Duarte*) 242

BIBLIOGRAFIA 269

ÍNDICE DO VOLUME 275

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAFICO DO RIO GRANDE DO SUL

—:— Sede social: Rua Riachuelo, 1307 —:—

* * *

DIRETORIA:

Presidente: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
1.º vice-presidente:..Dr. Olinto Sanmartin
2.º vice-presidente: Dr. Armando Dias de Azevedo
Secretário Perpétuo: Dr Eduardo Duarte
1.º Secretário: Dr. Jorge Godofredo Felizardo
2.º Secretário: Prof. Walter Spalding
1.º Tesoureiro: Prof. A. G. Lima
2.º Tesoureiro: Coronel Luiz Carlos de Moraes
Orador: Prof. Otelo Rosa
Bibliotecario: Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

* * *

COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Manoel Duarte — Presidente
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Prof. Walter Spalding

* * *

A revista está registada de acôrdo com a lei.
O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul foi reconhecido de utilidade pública pelo Decreto n.º 4373, de 24-XI-1921.

* * *

ASSINATURA DA REVISTA

Ano	Cr$	30,00
Número avulso	Cr$	8,00

Números atrazados: preços especiais.

* * *

Toda a correspondência deverá ser remetida para o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL — Rua Riachuelo n.º 1307 — PÔRTO ALEGRE — Rio Grande do Sul — Brasil.



Ao Durante ofereço este retrato —
— Com o amizade que jamais fenece,
que com o tempo cresce e mais se firma
e o coração recebe e fortalece,
com elevado apreço e nobre estima —
o Souza Docca, amigo vero e grato Rio 12-V-1942

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAFICO DO
RIO GRANDE DO SUL

ANO XXV — II TRIMESTRE DE 1945 — N.º 98

GENERAL SOUZA DOCCA

Dr. Eduardo Duarte

Come un fúlmine caduto sul sereno, assim chegou até nós a notícia do falecimento, na capital federal, de Emílio Fernandes de Souza Docca, o grande companheiro que há longos vinte e cinco anos tinhamos junto de nós, em pessôa ou em espírito, pois que o Instituto era para êle uma parte do seu eu, para o qual teve sempre o melhor do seu carinho ,a devoção da sua inteligência, o veículo da sua produção intelectual, fazendo da coleção da nossa Revista repositório do muito que êle escreveu sobre o passado do amado rincão continentino.

E vinte e cinco anos estão transcorrendo que o nosso Instituto deu os seus primeiros passos na vida... Foi alí, numa das salas do prédio que já não existe, onde funcionava o Arquivo Público, que a idéia surgiu, e, em breve se tornava realidade. Eram poucos. Dirigia a repartição o dr. Florêncio de Abreu; junto de nós trabalhavam, diariamente, em pesquizas de caráter histórico, Souza Docca, o saudoso P. João Batista Haffkemeyer e, poucos passos distante, na repartição de Estatística, Otávio de Faria, que foi o primeiro a abrir vaga em nossa companhia, pois logo depois era arrebatado pela voragem cruel da morte. Foram os primeiros e logo em sessões preparatórias subsequentes novos elementos foram se integrando em nosso ideal, até que em 5 de agôsto de 1920 o Instituto se tornava em realidade.

E nêstes cinco lustros de vida onde jámais houve esmorecimentos por parte dos nossos consócios, o Instituto recebeu sempre o influxo benéfico de Souza Docca, que, mesmo quando distante tinha-nos junto de si e para esta Revista reservava o fruto do seu fecundo talento, enchendo-nos de ânimo e coragem, sempre que dificuldades surgiam para levar avante esta obra que também era sua e que constituia uma grande honra para a nossa terra e a nossa gente.

E por isso o Instituto contando em seu seio homens de tal envergadura, conseguiu desbravar a sua vida, estando hoje em situação tal que, se pode afirmar, jamais perecerá.

Além dos incontáveis trabalhos publicados nesta Revista, deixou o saudoso confrade uma bibliografia verdadeiramente surpreendente, (*) tendo-se em conta a vida trabalhosa que levava, notadamente nês-

---

(*) — OBRAS DO GENERAL SOUZA DOCCA:

1 — Causas da Guerra com o Paraguai — 1919;
2 — O exército nas Campanhas Platinas — 1920;
3 — Vocábulos indígenas na Geografia riograndense — 1925;
4 — Estudo da História — 1926;
5 — Um problema Geográfico: As nascentes do Jacuí — 1926;
6 — A Convenção preliminar da paz de 1828-1929;
7 — O Brasil no Prata — 1930;
8 — Ideologia Federativa na Cruzada Farroupilha — 1932;
9 — A História à luz da Filosofia — 1932;
10 — A Missão Ponsomby e a Independência do Uruguai — 1932;
11 — Ensáio psicológico do Marechal Bento Manuel Ribeiro — 1933;
12 — O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha — 1935.
13 — O Porque da Brasilidade Farroupilha — 1936;
14 — Capacidade Psicológica do Duque de Caxias — 1937;
15 — Regionalismo Sulriograndense na Literatura — 1937;
16 — Caxias Pacificador — 1939;
17 — As forças Armadas na Formação e defesa da Nacionalidade — 1939;
18 — Limites entre o Brasil e o Uruguai — 1939.
19 — A Capitania de São Pedro — 1939.
20 — Hilário Ribeiro, elogio na Academia Sulriograndense de Letras — 1939.
21 — A Questão militar — 1939.
22 — Caxias, — conferência realizada no Teatro Municipal de São Paulo — 1940.
24 — Gente Sulriograndense — 1940.
25 — O Bicentenário da Colonização de Pôrto Alegre — 1941.
26 — Homem capaz, — ensáio sôbre a personalidade do dr. Getúlio Vargas — 1942.
27 — A Estatística e a Segurança Nacional — 1942.
28 — Marquês de Barbacena — ensáio biográfico à luz da psicologia — 1943.
29 — Visconde de Taunay, no seu centenário natalício — 1943.
30 — Dia Panamericano — conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 1943.
31 — Caxias e a Pacificação do Rio Grande do Sul — A finalidade da Revolução Farroupilha, — conferência no lançamento da pedra fundamental do Monumento à Caxias, em Pôrto Alegre, a 1-3-1945, — 1.º Centenario da pacificação do Rio Grande.

Além de numerosos artigos esparsos por jornais e revistas do Brasil.

tes últimos tempos em que, com a sua promoção ao generalato, assumiu a direção do Serviço de Intendência e Administração Militar.

Em vésperas de sua reforma do exército no qual ingressou com a idade de quinze anos, (**) esperava Souza Docca transferir-se para esta capital a-fim-de levar a têrmo as biografias de Rio-Branco e Caxias, tendo já publicado sobre êste um capítulo que nos mostra o que seria a óbra atinente ao grande soldado, patrono do nosso Exército.

Mas o destino, tantas vezes cruel, não lho permitiu e hoje tarjamos estas colunas de preto, para noticiar o doloroso passamento daquêle que foi dentre nós o maior e de quem recebemos sempre o influxo benéfico para levar avante esta óbra que nos mostra o que eram e o que fizeram gerações que passaram e que de tão gloriosos lances encheram a historia da nossa terra e da nossa gente.

— Este foi o historiador, em linhas gerais. Como soldado alcançou em seu quadro o mais alto pôsto, devendo-lhe hoje o nosso Exército a organização não só da Intendência e Administração Militar mas também do Serviço de Fundos, o que fez de fórma tão eficiente que constitui padrão de glória para o grande soldado hoje extinto.

Ainda nos dias que correm, o seu esforço e acendrado amor à sua prfissão, se fez sentir no preparo do serviço de Intendência dos nossos bravos soldados da Fôrça Expedicionária, serviço que alcançou notável êxito, do que deu eloquente testemunho o general João Batista Mascarenhas, comandante em chefe da valorosa fôrça, nas congratulações que dirigiu ao seu colega, general Souza Docca.

E' que êle foi grande em tudo, dêsde a sua incomparável bondade até o amor, o grande amor que votava à sua terra, ao nosso Rio Grande do Sul, que êle sabia elevar fazendo-o sempre e cada vez maior, para dignificá-lo dentro da nossa Pátria que tanto se orgulha do seu diléto filho.

O claro que Souza Docca deixa em nossa companhia é impreenchivel. Como um grande general que foi em nosso Exército, no Rio

---

(**) — EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA, filho do coronel José Fernandes de Souza Docca e de dona Maria José da Rosa Docca, nasceu em São Borja, no ano de 1884, e faleceu no Rio de Janeiro a 21 de maio de 1945. Era membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto de Geográfia e História Militar, do Rio, — da Sociedade Brasileira de Filosofia, da Sociedade Capistrano de Abreu; correspondente da Junta de História de Montevideu, e dos Institutos Históricos do Ceará, Paraiba, São Paulo e de Pernambuco. Sócio fundador da Associação dos Homens de Letras do Brasil e da Academia Sulriograndense de Letras. Possuia a medalha de Ouro por serviços militares.

Grande êle foi o general da sua história, deixando o precioso acêrvo que aí está, glorificando a nossa terra, honrando gerações que são verdadeiros padrões de glória da terra continentina, honrando-se a si próprio, que êle foi um bom, um grande, um digno filho desta nunca assás bem amada terra do Cruzeiro do Sul.

A tua memória, Souza Docca, é imperecivel e o Instituto Histórico saberá cultuá-la pelos tempos em fóra, como glória legítima desta geração que te conheceu, te amou e jamais esquecerá o que foste entre nós, padrão de trabalho, paradigma de honra civil e militar, historiador honesto e conciente da óbra dos nossos maiores, daquêles que souberam amar e dignificar o nosso Rio Grande de São Pedro, a terra que jamais desmereceu da grande Patria comum, amiga.

Glória eterna à tua memória, grande e querido companheiro!

RIO BRANCO

Transcorreu em 20 de abril último, o centenário do nascimento de José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco.

O Brasil inteiro comemorou, condignamente, a efeméride. A personalidade do patriota insigne foi estudada, sob todos os seus aspétos; os inestimáveis serviços de Rio Branco ao país foram devidamente realçados.

Associando-se a tais homenagens, deliberou a "Revista" transcrever em suas páginas o "Esboço biográfico do general José de Abreu, barão do Serro Largo", um dos primeiros trabalhos históricos de Rio Branco, publicado em 1868.

Professor; promotor público; deputado geral; jornalista; consul; diplomata, ministro, Rio Branco teve uma ativa, fecunda, nobilíssima vida pública, a que êle daria ainda maior fulgor com os seus estudos, de mérito invulgar, como geógrafo e como historiador.

Fixar os marcos da sua existência, da sua segura e harmoniosa ascensão, até ás culminâncias de figura autenticamente representativa de uma nacionalidade, parece-nos o melhor meio de traduzir o respeito e a admiração do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul à memória do eminente brasileiro.

— Filho do benemérito estadista, Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos nasceu no Rio de Janeiro em 20 de abril de 1845.

De 1862 a 1864 cursou a Academia de Direito de S. Paulo, transferindo-se depois para a de Recife, onde se bacharelou, em 1866.

Como acadêmico, já revelou os seus pendores pelos estudos históricos. Ainda em S. Paulo, começou a publicação dos "Episódios da Guerra do Prata", publicando ,também, a biografia do capitão de fragata Luiz Barros Pereira.

Em 1867, com 22 anos de idade, tinha ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que seria eleito presidente em 1907, passando, em 1909, a presidente perpétuo.

Em 1867, fez uma viagem a Europa e, no ano de 1868, desempenhou as funções de professor de história e geografia do Colégio Pedro II, e de promotor público de Nova Friburgo.

Em 1869, foi eleito deputado geral, por Mato Grosso, mandato político que exerceria até 1876. Fez, aí, vida jornalística, fundando, com

Gusmão Lobo e o padre João Manuel, o jornal "A Nação", no qual defenderia o gabinete presidido por seu pai.

Em 1870 serviu como secretário da Missão Especial do Brasil no Rio da Prata e no Paraguai.

Em 1875 e 1876 publicou as 1.ª e 2.ª parte das anotações à "Guerra da Tríplice Aliança", de Schneider. Neste último ano, foi nomeado Consul Geral do Brasil em Liverpool.

Em 1878, foi o representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no "Congresso de Americanistas", e em 1884 seria o delegado do Brasil à Exposição de S. Petersburgo, publicando o livro "Le Brésil á l'Exposition de St. Petersbourg", recebendo, nesse mesmo ano, o título de Conselheiro do Império.

Em 1888 teve o título de Barão do Rio Branco.

Em 1889, na "La Grande Encyclopedie", de Levasseur, publicou o artigo "Le Brésil"; e, na obra "Le Brésil", organisada por Sant'Ana Nery, o capítulo "Esquisse de l'histoire du Brésil". E' desse mesmo ano o livro de Benjamin Mossé "D. Pedro II — Empereur du Brésil", que é tambem, num sentido geral da autoria de Rio Branco.

Em 1891, foi nomeado Super-intendente geral do Serviço de Emigração na Europa; e em 1892 publicou a 1.ª edição das "Efemérides brasileiras".

Em 1893 era designado, pela morte do ministro brasileiro em Washington, Aguiar de Andrade, Enviado Extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial nos Estados Unidos, onde defenderia o Brasil no litígio com a República Argentina sôbre as Missões. Apresentou então ao árbitro, presidente Cleveland, a sua notável memória, que asseguraria ao Brasil, pelo laudo de 5 de fevereiro de 1895, a vitória diplomática e a incorporação, no nosso território, de 30.062 Km²

Em 1898 era eleito para a Academia Brasilaira de Letras e, no mesmo ano, seguiu para a Suiça, como enviado extraordinário, para dirigir a nossa defesa na questão do Amapá; em 1899 apresentaria ao govêrno suiço as duas memorias "Frontiéres entre le Brésil et la Guyanne Française", sendo, pelo laudo de 1.º de dezembro de 1900, que nos foi favorável, incorporados ao Brasil 260.000 Km². O Congresso Nacional, por lei de 31 de dezembro de 1900, declarou-o "Benemérito Brasileiro".

Ainda em 1900 foi nomeado ministro do Brasil em Berlim, e publicou as anotações á obra de Elysée Reclus.

Em 1902, o presidente Rodrigues Alves chamava-o ao Ministério das Relações Exteriores, cargo que exerceria até à morte, em 10 de fevereiro de 1912. Sobre o relevo, o prestígio da ação do grande Chanceler brasileiro, durante a sua permanência no Itamaratí, são excusados quaisquer comentários.

Os atos capitais da sua gestão foram: o tratado de Petrópolis, de 21 de novembro de 1903, sôbre a questão do Acre, que teve como consequência a posse pacífica do Brasil sôbre mais 200.000 Km²; elevação

das legações brasileira e norte-americana à categoria de embaixadas, e criação do cardinalato brasileiro, em 1905; a realização, no Rio de Janeiro, da terceira conferência internacional americana, a que compareceu Elihu Root secretário de Estado dos Estados Unidos, em 1906; a segunda conferência da paz, em Haia, em 1907, onde o Brasil, de quem foi intérprete Rui Barbosa, desvendou ao mundo a superioridade da sua política internacional; o tratado de 30 de Outubro de 1909, sôbre o condomínio da Lagôa Mirim. Alem desses atos, Rio Branco assinou vários tratados de limites, e 29 convenções de arbitramento.

—Além da Académia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio Branco pertença às seguintes instituições: "Société Française des Amis des Arts"; "Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano; Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; Sociedade de Geografia de Paris; Real Sociedade de Geográfia de Londres; Ateneu de Santiago; Académia Nacional de Historia, de Caracas; Sociedade Jurídico-Literária de Quito; Sociedade de Geográfia, de Lisbôa. — O. R.

ESBOÇO BIOGRÁFICO DO GENERAL JOSÉ DE ABREU, BARÃO DO SERRO LARGO

por JOSE' MARIA DA SILVA PARANHOS JÚNIOR (x)

I

Nascimento de José de Abreu. — Assenta praça no regimento de dragões. — É promovido a capitão, pelos serviços prestados nas campanhas de 1811 *e* 1812. *— É elevado a tenente-coronel, e recebe o comando militar da fronteira do Quarahim.*

Um dos talentos mais brilhantes que adornaram as letras e o jornalismo de nossa terra, o Dr. Justiniano José da Rocha, escrevendo a vida do ilustre marquês do Baependí (1), enunciou um conceito que não pode ser contestado em sua generalidade, quando acusou de ingrato e esquecedor o povo brasileiro.

Com efeito, é uma triste realidade! nem o passado, nem o futuro do país atrai entre nós a atenção pública, que descuidosa se deixa absorver na contemplação dos sucessos e dos homens do presente. Para os acontecimentos do passado, — dêsse passado ainda tão recente, mas tão fértil em grandes exemplos e lições proveitosas, — só há esquecimento e indiferença da parte de quase todos, e até escárneo e ridículo da parte de muitos.

Nunca pertencemos ao número dos indiferentes, ou dêsses espíritos fortes; e é por isso que tentamos hoje esboçar rapidamente a

(*) Êste trabalho foi escrito quando seu autor cursava ainda as aulas da Faculdade de Direito de S. Paulo. A isso, e á rapidez com que foi traçado, deve-se sobretudo o desalinho da frase e outras faltas, que sem duvida o leitor desculpará. Se esta memória póde aspirar a algum merecimento, é unicamente ao de ocupar-se de alguns pontos da nossa história, sôbre os quais nada se tem escrito até hoje.

O AUTOR.

(1) Biografia de Manoel Jacinto Nogueira da Gama, marquês de Baependi. Rio de Janeiro, 1851, 1 vol.

biografia de um brasileiro ilustre, que consagrou sua vida inteira ao serviço da terra que o viu nascer, dando no decurso dela as mais raras provas de amor e dedicação à pátria.

O general José de Abreu é, na verdade, um dos vultos mais eminentes e distintos da nossa história. Não foi êle, digamo-lo já, um dêsses entes felizes que se cobrem de honras e de grandezas, só por que sabem captar as boas graças dos poderosos da terra.

Abraçando, órfão de proteções, a carreira honrosa das armas, ilustrou seu nome, enriqueceu os fastos militares de sua pátria, e conquistou, unicamente por seu merecimento, as honras e as dignidades que lhe couberam em partilha.

Duas vezes livrou êle a província de São Pedro do Rio Grande do Sul da invasão estrangeira; dezenove vezes bateu-se nos campos de batalha, cobrindo sua fronte de louros imarcessíveis. Assim como nunca se deixou alucinar pelos encantos da fortuna, manifestando sempre uma modéstia que raríssimas vezes se pode encontrar em tão subido gráu; assim também não se deixou abater, nas horas do infortúnio, pelas injustiças e ingratidões de que foi vítima.

Sôbre os primeiros anos de sua vida muito pouco nos foi possível saber. Descendia de uma família de açoristas, que se estabelecera no Povo Novo, lugarejo situado entre Rio Grande e Pelotas, onde viu êle a luz do dia no último trintênio do século passado.

Recebidos os primeiros rudimentos da educação, alistou-se no regimento de dragões (2), habituando-se assim desde a mais tenra idade às privações da vida militar. Nêsse regimento serviu Abreu até ao posto de capitão, fazendo com êle a campanha de 1801, e as de 1811 e 1812, nas quais começou logo a tornar-se conhecido pelo zêlo e atividade, pela sua inteligência e admirável bom senso, que supriam completamente a falta de uma educação esmerada, aliás muito pouco comum, mesmo hoje, entre os que se dedicam à carreira das armas.

Nestas últimas campanhas, sendo tenente da 7.ª companhia do referido corpo, esteve a princípio em Missões, na coluna do então coronel João de Deus Menna Barreto (3), e foi depois destacado com o coronel Tomás da Costa (4) para a frontteira do Quaraim, ameaçada por Artigas, donde em seguida marchou para a foz do Santo Antônio, aguardando aí a chegada do exército pacificador às margnes do Uruguai (5.

A campanha de 1812 terminou, como se sabe, pelo triste armis-

(2) Segundo as informações que, por intermédio de um amigo, obtivemos do Exmo.º Sr. general J. J. Machado de Oliveira, êsse regimento teve posteriormente a denominação de 5.º de cavalaria.

(3) Depois marechal de exército, visconde de S. Gabriel, falecido em 1849.

(4) Tomás da Costa Correia Rabello e Silva, depois general.

(5) Em 1811 tinhamos na fronteira de Quarahim uma força mui diminuta, mas que arrojava-se a fazer incursões no território inimigo. Foi essa força (du-

tício que celebrara em Buenos Aires o comissário português Radmaker, e, conhecido êle, as nossas fôrças, após pequena demora, se puzeram em marcha, recolhendo-se à fronteira. No dia 12 de outubro, o general em chefe despediu-se, nas pontas de Cuñapirú do bravo exército que comandara, prometendo aos seus companheiros de armas levar à notícia do soberano os nomes dos que mais se haviam assinalado; e entre estes não olvidou o do tenente Abreu, de sorte que na primeira promoção foi êle elevado ao posto de capitão com antiguidade de 11 de junho de 1811.

Poucos anos depois, em 1814, era o mesmo Abreu nomeado comandante dos esquadrões de milícias de Entre-Rios, dando-se-lhe ao mesmo tempo a patente de tenente-coronel e comando militar do distrito de Entre-Rios, que comprendia a linha de fronteiras do Quaraim até Santa Ana do Livramento.

Aproveitando assim os seus serviços, e colocado em posição mais elevada, pôde êle nas campanhas seguintes assinalar-se por uma série de feitos notáveis, que bastariam para firmar a glória do seu nome, e para inscrevê-lo em caracteres de ouro em muitas das páginas mais brilhantes da nossa história.

Em 1816 é que começou a tornar-se interessante a vida do ilustre barão do Serro-Largo. Acompanhemo-lo aqui nos seus dias de glória, para seguí-lo depois em seus dias de infortúnio, quando, vítima da ingratidão, vendo esquecidos seus serviços, empunhava a sua espada, sempre vencedora, para ir morrer como um simples soldado em defesa da honra nacional ultrajada.

---

zentos homens) que se apoderou de Paysandú, depois de uma luta encarniçada, em que da guarniação apenas escaparam oito homens, perecendo todos os outros, inclusive o chefe inimigo, que era um capitão Bento Bicudo, filho de Pôrto Alegre.

Marchando Artigas para o Salto com os habitantes da campanha em número de quatorze mil, foi contido aí pelo major Manoel dos Santos Pedroso. Atacado traiçoeiramente junto ao Arapehy-Chico por forças cinco vezes maiores (tambem comandadas por um rio-grandense, o tenente-coronel Manoel Pinto Carneiro), pôde Pedroso repelir aos contrários e retirar-se para a serra do Jarão, d'onde voltou depois, a medir-se com o inimigo. Foi em consequência d'esses sucessos que o conde do Rio-Pardo destacou para o Quarahim a coluna do coronel Costa, da qual Abreu fazia parte.

II

Rápida vista d'olhos sôbre o estado da Banda Oriental em 1816, e sôbre as causas da intervenção armada do govêrno de D. João VI. — Chegada dos voluntários reais. — Instruções do capitão-general do Rio Grande. — Começo das hostilidades, encontros entre as forças inimigas e as de José de Abreu, no distrito de Entre-Rios. — O general Curado toma conta do exército da direita. — Plano de Artigas, suas forças invadem as Missões Orientais e sitiam S. Borja. — José de Abreu é enviado para levantar o sítio de S. Borja. — Sua marcha ao longo do Uruguai. — Combates do Passo de Japejú e do Ibicuí, em que é repelido Sotél. — Abreu atravessa êste rio em procura do coronel Andrés Artigas. — Combate de S. Borja e restauração das Missões Orientais. I.

A campanha de 1812 terminou sem que tivéssemos obtido as vantagens que o govêrno tinha o direito de esperar.

A Banda Oriental continuou a ser preza da mais desenfreada anarquia e da mais estúpida das tiranias. José Artigas, caudilho que adquirira já uma grande celebridade, não tanto pelos seus sentimentos patrióticos, como por sua ambição descomunal, e pela crueldade de que tantas provas soube dar, mantinha-se em luta com o diretório de Buenos Aires, a despeito dos auxílios prestados por êste para a expulsão dos espanhóes da cidade de Montevidéo, e dos esforços de alguns homens distintos do Rio da Prata (6). Sua influência estendia-se mesmo além do Uruguai, sôbre Corrientes, Entre-Rios, Santa Fé e Córdova.

A anarquia que reinava então nêsses países, a ninguém devia assombrar, pois era a conseqüência da transição violenta por que passaram, trocando repentinamente as instituições monárquicas e o regimem colonial por um govêrno puramente democrático (7).

O diretor supremo das Províncias Unidas, Posadas, e seu sucessor Alvear adotaram para com o caudilho Oriental uma política enérgica; mas uma revolução apeou êste último do poder (15 de abril de 1815), e a administração, que lhe sucedeu, procurou seguir uma linha de proceder oposta, tentando, mas debalde, estabelecer relações amigáveis com êsse chefe.

---

(6) Talvez se diga que somos demasiadamente rigorosos falando d'esse chefe, e, pois, julgamos conveniente transcrever para aqui um trecho da "**Auto-Biografia del Brigadier General Rondeau**", que caracterisa Artigas em poucas palavras... "pretendia para a sua provincia (diz Rondeau) a emancipação absoluta de qualquer outro poder, que não fosse o seu, porque só êle se reputava o arbitrio de seus destinos".

Póde vêr-se igualmente na "**Memória sôbre la projectada retirada del ejercito destinado al sitio de Montevidéo, etc.**", escrita pelo general Nicolas Vedia, a maneira como é julgado o mesmo caudilho.

(7) Não nos venham com o exemplo dos Estados-Unidos. E' um povo excepcional, que por índole e caráter muito difere dos povos de origem latina.

Foi então que à côrte do Rio de Janeiro chegou emigrado o ex-ministro de Buenos Aires Nicolas Herrera, amigo do diretor decaído, e proscrito como êste (8).

Com o talento e a sagacidade que tanto o distinguiam, conseguiu êle, auxiliado por Alvear, fazer renascer na côrte de D. João VI os planos de conquista que, havia muito, eram aí alimentados (9).

Os seus amigos, as apreensões e receios que a influência de Artigas despertava no ânimo do gabinete de São Cristóvão pela segurança e tranquilidade das fronteiras meridianas do Brasil; as queixas constantes e repetidas dos habitantes do Rio Grande, que pediam garantias para suas vidas e propriedades; tudo isso decidiu e deu causa à intervenção de 1816 e à ocupação militar da Banda Oriental, que só teve lugar depois de desatendidas pelo govêrno de Madrid as justas reclamações de D. oão VI (10).

O govêrno guardou o mais inviolável segredo sôbre a resolução que adotara, de expulsar o inquieto e perigoso vizinho; e limitou-se a comunicar à Grã-Bretanha, e à Espanha, que ia transferir para o Brasil uma divisão de voluntários, escolhidos dentre as tropas que haviam feito a guerra peninsular. Essa divisão, comandada pelo general Carlos Frederico Lecôr, mais tarde visconde da Laguna, partiu efetivamente de Lisboa e desembarcou no Rio de Janeiro, seguindo depois para Santa Catarina, donde marchou por terra para o Rio Grande.

O govêrno já havia transmitido ao capitão-general do Rio Grande, marquês de Alegrete, as convenientes instruções para a defesa das fronteiras, recomendando-lhe que batesse e dispersasse tôdas as par-

---

(8) Quem estudar a história dos países banhados pelo Prata há de lembrar-se muitas vezes d'estas palavras de Edgar Quinet em referência á Italia: "La ressource de chaque parti vaincu est d'ouvrir les portes du pays á une armée étrangére. Considerez l'Italie á quelque époque que se soit, il est un personnage, que vous recontrez dans chaque événement, et qui est l'artisan infatigable de cette histoire: je veux parler de l'emigré. Toujours prét á livre cette patrie, qu'il n'a pu gouverner, il sollicite l'ennemi, il presse, il conduit l'invasion. (Revolutions d'Italie — Paris — 1857, — 1 vol.).

(9) Vejam-se as **"Memorias e Reflexões sôbre o Rio da Prata por um official da marinha brasileira"**; trabalho de alto merecimento histórico, infelizmente interrompido, que se deve á pena do falecido almirante Jacinto Roque de Sena Pereira. O Sr. conselheiro Pereira da Silva que em sua recente e preciosa **"História da Fundação do Império"**, se ocupa extensamente dos negócios do Rio da Prata, não nos fala da influência que teve Herrera sôbre a invasão de 1816, e sôbre os ulteriores acontecimentos.

(10) O govêrno do Rio de Janeiro pediu ao de Madrid (antes de mover as suas tropas) providências para a expulsão do audacioso caudilho, e conquanto o gabinete hespanhol se mostrasse a principio inclinado a satisfazer essa exigência, mudou posteriormente de resolução, enviando para Nova Granada a expedição que tinha a princípio destinado ao Rio da Prata.

Também n'essa reclamação não fala o Sr. conselheiro Pereira da da Silva na obra já citada.

tidas contrárias, que se aproximassem do nosso território; e o marquês déra-se pressa em cumprir as ordens terminantes que recebera, mobilizando, além da fôrça de linha de que dispunha, todos os regimentos milicianos; mas a chegada dos "voluntários reais" à côrte e os movimentos de tropas no Rio Grande levantaram suspeitas no ânimo de José Artigas, que bem depressa foi informado miudadamente das intenções do govêrno de D. João VI, por cartas enviadas do Rio de Janeiro.

O audaz caudilho não se atemorizou com isso, e em seu louco orgulho chegou até a rejeitar os auxílios que de Buenos Aires lhe ofereceu o diretor Puyrredon. Quiz resistir só por si, e preparou-se para a luta, concentrando em Purificación, à margem do Uruguai, o grosso de suas fôrças.

O ilustre general Curado (11) havia sido incumbido pelo marquês de Alegrete da defesa das fronteiras do Quaraim e do Uruguai; e, conquanto se apressasse em reunir as fôrças cujo comando lhe fôra cometido, e em marchar para o seu posto de honra, achou já o inimigo de sobre-aviso, perfeitamente pronto para romper as hostilidades.

As partidas dêste já haviam por mais de uma vez transposto o Quaraim e penetrado em nosso território, onde os pequenos recontros e choques de cavalaria sucediamse uns aos outros; mas o intrépido tenente-coronel Abreu, que, como dissemos, comandava o distrito militar chamado de Entre-Rios, soube sempre repelir os destacamentos inimigos, derrotandoos, e arrojando-os para longe da fronteira.

A atitude enérgica, que em tão críticas circunstâncias assumiu êsse bravo militar, mereceu do distinto paulista Diogo Aroche de Moraes Lara menção especial, na sua interessante **História das campanhas de 1816 e 1817**, em termos de justo e merecido louvor (12).

Nessas circunstâncias apresentou-se o general Curado na fronteira, e tomou posições no Ibirapuitan-Chico, destacando logo para as Missões orientais o general Chagas Santos e aguardando entretanto os movimentos do inimigo para manobrar convenientemente.

Artigas, depois de ter feito partir Otorguez e Rivera para as bandas do Jaguarão e do Chuy, avançou de Purificación com três mil homens (13), foi postar-se na quebrada das Três Cruzes, situada nas proximidades do Serro de Lunarejo.

Com essas fôrças concebeu o arrojado plano de invadir o Rio

---

(11) **Joaquim Xavier Curado, depois conde de S. João das Duas Barras.**

(12) Vide a **Revista do Instituto Histórico,** tomo VII, pág. 124 e 273. "... N'estas guerrilhas e partidas principiou a fazer-se assinalado o tenente-coronel José de Abreu, então comandante dos esquadrões e do mencionado território de Entre-Rios".

(13) Vide a **Memoria de los successos de armas, que tuvieron lugar en la guerra de la independencia de los orientales con los espanoles e portugueses, etc. etc.,** escrita por um oriental contemporaneo.

Grande, enquanto Rivera e Otorguez hostilizavam as fôrças de Lecór e as que guarneciam a linha do Jaguarão.

Ordenou que o coronel Andrés Artigas invadisse as missões orientais, e que o coronel Berdun transpuzesse o Uruguai em Belém, seguisse pela sua margem direita e o atravessasse de novo, colocando-se entre o Quaraim e o Ibicuí. Efetuada a conquista das Missões, o primeiro dêsses chefes devia avançar pelo coração do Rio Grande, apoiado por uma coluna ao mando de Pantaleon Sotél, enquanto o grosso do exército inimigo atacava a divisão de Curado.

O plano não podia ser melhor concebido. Ameaçadas pelo flanco e pela retaguarda, as nossas forças teriam de recuar precipitadamente para não ver a sua retirada cortada, e para cobrir o interior da província. A vigilância dos nossos chefes, porém, descobriu logo as intenções do inimigo, e preparou-lhe o mais pronto e solene castigo.

O general Tomás da Costa (14), que comandava uma divisão avançada das forças de Curado, percebendo os passos do inimigo, destacou logo para as Missões o bravo tenente-coronel José de Abreu, e com os restos de sua coluna retirou-se até ao acampamento de Curado, conduzindo os habitantes da fronteira, e todos os móveis que puderam estes carregar consigo.

Abreu havia sido incumbido por êle de obstar à passagem de Sotél no Uruguai, e sua junção com Andrés Artigas, correndo em seguida sôbre S. Borja, ameaçada por uma divisão de mil e quinhentos homens ao mando d'êste último chefe.

Para empresa tão arriscada foram-lhe dados apenas seiscentos e cincoenta e três homens das três armas, e duas peças de artilharia (15); mas o bravo rio-grandense não olhava ao número, senão ao cumprimento do dever, e partiu alegre e orgulhoso para desempenhar a sua honrosa missão.

Seguiu, pois, sem demora, margeando o Uruguai, e forçando quanto possivel as marchas.

Soube então que Sotél estava atravessando esse rio no passo de Japejú, e voando ao seu encontro, descobriu-o no dia 21 de Setembro, atacou-o por surpresa, e arrojou-o à outra margem, apreendendo mil e quinhentas rezes, muitos cavalos, armamento e alguns prisioneiros.

A mortandade do inimigo foi grande, porque, ao lançarem-se seus

---

(14) Tomás da Costa Corrêa Rabelo e Silva.

(15) Essa força estava assim dividida: cavalaria, um esquadrão de dragões, um de milicias do Rio Pardo, um da legião de S. Paulo, um de milicias de Entre-Rios, um de lanceiros guaranís, com quinhentas e treze praças; infantaria, uma companhia da legião de S. Paulo, cento e dezesete praças; artilharia da legião de S. Paulo, vinte e três praças, e duas peças. Total, seiscentos e cinquenta e três homens e duas bocas de fogo. (Vejão-se as "**Memórias da Campanha de 1816 por Diogo Lara**", impressas no volume 7.º da **Revista do Instituto Histórico**).

soldados ao rio, Abreu fez trabalhar sobre êles, a artilheria, causando-lhes com isso um grande dâno.

Sotél, porém, não era homem de desanimar. Com o auxílio de algumas barcas canhoneiras tentou efetuar a passagem da sua força junto à foz do Ibicuí, no passo de Santa Maria. O previdente Abreu havia já destacado uma força de cavalaria para dar-lhe notícia dos movimentos do inimigo, e logo que foi informado das intenções d'êste, deixou a guarda das bagagens confiada ao esquadrão do Rio Pardo, e correu para o Ibicuí.

Sotél com as canhoneiras protegia a passagem de suas tropas para a margem direita do Ibicuí. Vendo isso, fez Abreu abrir uma picada no mato, e conduziu por ela a artilharia e a infantaria até à borda d'água, onde, acoberto com o arvoredo, rompeu um fogo vivissimo sôbre os contrários, que corresponderam com balas e metralhas (16). Desenganado o chefe artiguenho, reembarcou suas forças, e desceu precipitadamente o Ibicuí; mas sofreu ainda junto à foz d'êste um fogo terrivel de mosquetaria, dirigido por uma força que o bravo tenente-coronel fizéra com antecipação ocupar êsse ponto.

Se Abreu dispuzesse, como o adversário, de algumas canhoneiras, estaria, totalmente perdida a coluna de Sotél. Êste, porém, com o auxílio d'elas pôde, fugindo do Ibicuí, lançar-se Uruguai acima para operar sua junção com Andrés Artigas, que já então trazia em apertado sitio a povoação de S. Borja, onde o general Chagas Santos opunha-lhe a mais firme e enérgica resistência.

Não havia, pois, tempo a perder. O que Abreu devia fazer em momentos tão supremos era avançar com a máxima rapidez possível para êsse ponto. Foi o que o distinto e audaz cabo de guerra executou, sem que o embaraçassem os obstáculos naturais que teve de superar n'êsse trajéto.

Nos dias 25 e 26 atravessou o Ibicuí, operação dificil em consequência de ter engrossado o rio e da falta absoluta de canôas e de material apropriado para efetuá-la.

O entusiasmo que sabia inspirar a seus subordinados, orgulhosos de um tal chefe, fez com que estes puzessem em prática esforços quasi sobrehumanos para vencer as distâncias e as dificuldades.

No dia 27 eram batidos pela sua coluna, em Ituparay, duzentos homens enviados por Sotél muitos dias antes para levantar gado. O inimigo deixou no campo trinta e oito cadaveres (17).

O dia 3 de Outubro tinha sido destinado pelo coronel Andrés Artigas para dar novo e decisivo assalto a S. Borja. Esse chefe sitiava aí o general Chagas Santos desde 21 de Setembro, e nos repe-

---

(16) Diogo Lara "Memorias".

(17) N'êsse encontro perdeu vinte e quatro mortos; e em duas guerrilhas, que tiveram lugar no mesmo dia, quatorze mortos e um prisioneiro.

tidos ataques que déra, principalmente no dia 28, havia já perdido duzentos homens. Aguardava o reforço de Pantaleon Sotél, para investir a povoação, e êste desde o dia 2 começára a operar a sua passagem, trazendo, além de infantaria, seis boças de fogo.

Abreu não podia chegar mais a propósito. Tão veloz foi a sua marcha, e com tanta habilidade e prudência se houve durante ela, que o inimigo não suspeitou a sua aproximação.

Favorecido por um denso nevoeiro, apresentou-se nas circunsvizinhanças do povoado, tendo feito antes os seus soldados trocarem as vestes de viagem pelas fardas de grande parada, animando-os com palavras cheias de ardor e entusiasmo.

Grande foi o alvoroço dos inimigos quando seus postos avançados deram noticia da chegada dos nossos. Abreu, avançando sempre, tratou de ganhar uma posição conveniente, mas antes que o pudesse fazer saíram-lhe ao encontro oitocentos homens de cavalaria. Dispôs então a sua coluna em ordem de batalha, e destacou forças de cavalaria para que flanqueassem o inimigo. Êste retrogradou, sustentando com os nosos flanqueadores um vivo fogo e foi colocar-se entre dois pomares.

Abreu ordenou à infantaria que ocupasse os pomares. Esta avançou a pásso de carga, protegida por um esquadrão ligeiro, que lhe cobria a frente, e, ao aproximar-se do primeiro pomar, a infantaria inimiga, que n'êste estava de emboscada, soltou-lhe uma descarga à queima-roupa. Os nossos soldados, sem se perturbarem, investiram, e depois de uma luta terrivel e desesperada apossaram-se de ambas as posições, deixando estendidos todos os que as defendiam, com exceção de poucos, que a muito custo puderam ser salvos da morte pelos nossos oficiais.

Nessa ocasião chegava o intrépido José de Abreu com o resto da coluna em auxílio da nossa infantaria. Achando-a, porém, senhora dos pomares, e vendo o inimigo em retirada para reunir-se ao grosso de suas forças, preparou-se para atacá-lo, e, apoiando-se nas posições que acabavam de ser tomadas, ordenou à artilharia que o metralhasse.

A linha inimiga conservava-se imóvel, respondendo-nos com a sua artilharia e infantaria.

O esquadrão de S. Paulo avançou então a galope sôbre o inimigo, carregou um corpo dêste, que com uma peça fazia sôbre os nossos vivissimo fogo, arrojou-o fóra de combate e apoderou-se do canhão.

Esta carga, executada com ardor e felicidade, causou alguma confusão na linha inimiga, e, aproveitando-se d'esta vantagem e do entusiasmo de seus soldados, Abreu investiu-o com todas as suas forças, cortou-a pelo centro, e desbaratou-a inteiramente lançando-a em completa desordem uma parte para o pásso de S. Borja, e outra para os lados de Botuí.

Toda a artilharia, as bagagens, a secretaria militar, muito armamento e dois mil cavalos foram os troféus d'essa esplendida vitória, que, póde-se dizer, decidiu da sorte da campanha, aniquilando inteiramente o plano de operações que traçara Artigas. No campo ficaram cêrca de quatrocentos inimigos mortos e trinta prisioneiros (18). O inimigo foi perseguido até grande distancia; mas, achando-se nossos soldados nimiamênte fatigados recolheram-se ao povoado, onde descansaram por um curto espaço de tempo, saindo logo depois a infantaria e artilharia para o pásso de S. Borja, protegidas por um esquadrão de cavalaria, e para o Botuí uma força de cavalaria de duzentos e trinta homens.

No primeiro d'esses pontos dispersou Abreu os inimigos, que, dispondo-se a passar o Uruguai a salvamento, tiveram entretanto de atirar-se a nado, acossados por êle e batidos por sua artilharia, perecendo no rio mais de duzentos.

A força de cavalaria destacada para o sul encontrou no dia seguinte os fugitivos, em numero de setecentos, perto do Botuí, a cinco léguas de S. Borja, e, apezar da inferioridade numérica dos nossos, o capitão Prestes que os comandava, atacou-os causando-lhes a perda de cem homens. Abreu, sempre ativo e solícito no cumprimento de seus deveres ,apresentou-se aí no dia seguinte, apreendendo mais seiscentos e vinte cavalos. Achou apenas os vestigios da nossa vitória e da precipitada fuga do inimigo (19).

Tantos e tão assinalados triunfos tornaram desde então popular e prestigioso entre os veteranos do sul e nome do intrépido José de Abreu, que era o terror dos soldados de Artigas. O modo brilhante, por que executou a arriscada missão de que fôra encarregado, mereceu muitos louvores e elogios, não só de seus superiores e de seus companheiros de armas, como do govêrno e da imprensa da época.

O ilustre cronista d'essa campanha, Diogo Lara, que tantas vezes temos citado, assim se exprime no seu interessante trabalho ácerca das operações do nosso herói na margem esquerda do Uruguai:

"Do que fica dito se conhece que o tenente-coronel Abreu concluiu a total restauração da provincia de Missões dentro de nove dias consecutivos ao da sua passagem do Ibicuí, opondo a mais de dois mil inimigos a pequena força de seiscentos e cincoenta e três homens, tão

(18) O ilustrado Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua "**História da Fundação do Império do Brasil**", tomo IV, pág. 23, diz que Abreu incitou os assediados a saírem igualmente da praça e auxiliá-lo poderosamente.

Há manifésto engano n'esta asserção.

O autor da "Memoria da Campanha de 1816", que também serviu de guia áquele ilustre escritor na descrição dos sucessos de que nos ocupamos, afirma positivamente o contrário em uma nota.

(19) Veja-se Diogo Lara, "Memorias da campanha de 1816": oficios de 22 de Outubro, 8 e 9 de Novembro, dirigidos por Abreu e Chagas Santos ao tenente general Curado, com a descrição d'esses combates.

felizmente, que a perda total das suas tropas, nas ações que teve, foi insignificante à vista da que causou aos insurgentes, aos quais matou seguramente mil homens (20), tomando-lhes imenso armamento, cavalos, etc.; serviço êste que pela sua importância constitue êste oficial benemérito e credor de todos os louvores e contemplação do seu soberano, assim como no reconhecimento e gratidão da capitania do Rio Grande, que deve aos honrados e valentes esforços de tão bravo oficial uma grande parte do território e propriedades, salvos por êle e pelas suas tropas".

A essas palavras, escritas por pena tão competente e imparcial, juntaremos alguns trechos da carta dirigida pelo bravo general Curado ao vencedor de S. Borja.

"QUARTEL-GENERAL EM IBIRAPUITAN-CHICO.

"Sr. tenente-coronel José de Abreu.

"Recebo com satisfação a parte oficial que V. S. me dirigiu do pásso de S. Borja, com data de 8 do corrente, sôbre o ataque e derrota dos inimigos, que pretendiam invadir a fronteira de Missões.

"Louvo a V. S. o acêrto com que dirigiu a sua marcha, vencendo os obstáculos da estação; louvo o sábio discernimento com que V. S. dispoz o ataque; louvo a sabedoria com que dirigiu as operações e o combate; louvo finalmente, a prudente conduta com que V. S. soube adquirir o conceito e estima da tropa de seu comando.

"Estimo sobremaneira que V. S. désse mais esta prova para radicar o seu abalisado merecimento, etc."

José de Abreu tinha, com efeito, motivos para ensoberbecer-se, se não fosse tão bravo quanto modesto. Êle, porém, recebia essas e outras demonstraç,es de aprêço, sem que elas pudessem operar em seu ânimo a menor mudança, nem dar origem ao menor arranco de amor próprio.

Em Março do ano seguinte teve ele a satisfação de ler o aviso de 2 de Fevereiro dirigido pelo conde da Barca a Curado, em que êsse ministro, em nome do rei, ordenava ao general que fizesse constar ao tenente-coronel José de Abreu que Sua Magestade ficara satisfeito dos seus serviços e do valor que manifestou no combate de S. Borja.

---

(20) Há sem dúvida alguma exageração n'esse numero. A perda do inimigo póde ser calculada em setecentos mortos, no minimo.

III

Fátos que se seguiram ao combate de S. Borja. — O inimigo resolve atacar-nos com todas as suas forças. — Move-se o nosso exército. — Abreu é incumbido do comando da vanguarda. — O exército inimigo, ao mando de La Torre, marcha ao encontro dos nossos. — Resolve o nosso general atacar o quatrel-general de Artigas. — Abreu é incumbido d'esta missão. — Ataque do Arapeí (3 de Janeiro de 1817) e derrota de Artigas. — Volta Abreu com a noticia de que La Torre n'êsse dia devia atacar-nos. — Batalha de Catalan (4 de Janeiro). — Parte que n'ela teve Abreu.

A notícia do combate de S. Borja e da derrota de Andrés Artigas decidiu o general Curado a fazer atacar a divisão do coronel Berdun, e logo depois o grosso das forças inimigas.

Assim as vitórias de Abreu nas Missões prepararam duas outras, não menos brilhantes, e ferteis em resultados.

A primeira foi devida ao intrépido general João de Deos Menna Barreto (visconde de S. Gabriel), que, a 19 de Outubro, derrotou junto ao Ibiraocaí ao mesmo Berdun; a segunda, ganhou-a oito dias depois, junto a Carumbé, o ilustre general Joaquim de Oliveira Alvares (21).

Abreu não pôde tomar parte n'esses combates, conquanto recebesse ordem de transpor o Ibicuí, e manobrar de acôrdo com Menna Barreto: o inimigo atacára a este antes da sua chegada. Novos louros, porém, deviam muito breve juntar-se aos que já havia êle colhido.

Expulso o inimigo do nosso território, preparavam-se nossas tropas para atacar as forças que êle concentrava e reunia no Arapeí, quando, a 15 de Novembro, o marquez de Alegrete, capitão general do Rio Grande, assumiu o comando do nosso pequeno exército da direita, que mal contava em suas fileiras dois mil e quinhentos combatentes; poucos, mas todos bravos e aguerridos, cheios de fôrça moral e de entusiasmo.

Sempre audaz e temerário, sem esperar que os nossos o fossem atacar, Artigas destacou La Torre com a maior parte de seus soldados, para surpreender e dar batalha ao exército brasileiro.

Êste já então manobrava e movia-se em busca do inimigo. O marquez de Alegrete, que, como o general Curado, possuia a grande habilidade de conhecer os homens, sabendo tirar de suas habilitações o maior partido possível, incumbiu do serviço de vanguarda o bravo

(21) Em Ibiraocaí perdeu o inimigo duzentos e trinta e oito mortos e vinte e quatro prisioneiros; em Carumbá uns seiscentos homens, dois estandartes, muitos prisioneiros, armamento e sete caixas de guerra. Nós tivemos apenas vinte e seis mortos, e quarenta e quatro feridos.

tenente-coronel Abreu, confiando-lhe o comando de dois esquadrões de milicias de Entre-Rios, dois esquadrões de guerrilhas, sessenta infantes e duas peças, tirados estes últimos da legião de S. Paulo.

Com essa força, colocada sempre a um quarto de legua da testa da nossa coluna, guardava Abreu o nosso campo e vigiava a campanha pela frente e flancos.

La Torre, iludido pelos movimentos dos nossos, avançou até ao Ibirapuitan, e só aí sabendo da verdadeira paragem em que estavamos, contramarchou para atacar-nos pela retaguarda.

Nosso exército avançou duas léguas, e foi tomar posições no Catalan, galho do Quarahim, procurando atraír La Torre, e aproximar-se do acampamento de Artigas no Arapeí.

A posição em que se colocava o nosso general, entre La Torre, pela retaguarda, e Artigas, pela frente, era sem dúvida muito arriscada, mas êle soube tirar partido d'ela para dar ao mesmo tempo sôbre ambos dois golpes fortes e decisivos.

Como La Torre a marchas forçadas se avisinhava dos nossos, era mistér que o ataque do acampamento do Arapeí fosse conduzido com celeridade e prontidão, para que no dia da batalha estivesse de novo reunido todo o nosso exército.

O escolhido para essa empresa delicada e importante foi o bravo Abreu. Chamando-o à sua presença, o marquez fez-lhe ver todo o perigo da comissão que lhe confiava, declarando-lhe mesmo que, se fossemos infelizes, a derrota seria inevitável, quando nos vissemos a braços com as forças de La Torre.

Abreu tranquilisou o general, e assegurou-lhe que estava pronto para cumprir suas ordens.

Nas instruções que lhe deu, o capitão-general ordenou-lhe terminantemente que destruisse o quartel-general inimigo, e que estivesse de volta no dia seguinte. Na noite de 2 de Janeiro de 1817 pôz-se José de Abreu em movimento com seiscentos homens e duas peças; e as sete da manhã seguinte avistava as avançadas de Artigas. A forte posição em que se apresentava, não fez vacilar um momento o hábil tenente-coronel (22), que a foi logo atacar com o seu valor costumado e resoluta intrepidez, tendo n'um momento distribuido suas tropas, adaptando-se à natureza do terreno em que tinham de operar.

O inimigo achava-se acampado em terreno escabroso, para o qual pentrava por um desfiladeiro. Além d'este estendia-se uma planicia, que era separada de outra, que ocupava Artigas com o grosso de suas forças, por extenso cordão de mato (23).

Apoderar-se d'aquele desfiladeiro, foi obra de alguns instantes.

---

(22) Moraes Lara.

(23) Veja-se em Moraes Lara a descrição minuciosa do combate, e o plano, que acompanha a sua memória.

Senhor da entrada da posição inimiga, e da primeira planície, sofreram suas tropas um fogo vivíssimo de mosqueteria, dirigido por trezentos atiradores inimigos, emboscados nas árvores, que dividiam a primeira da segunda planície. Abreu distribiu a infantaria em duas colunas, que, protegidas por cavalarias, entraram pelos extremos da mata, atacaram o inimigo e assenhorearam-se d'essa posição.

Então a nossa artilharia, avançando, começou a metralhar os contrarios, que formavam-se na planicie inferior e aí tentaram ainda resistir. A' frente da infantaria e cavalaria carregou o inimigo, bateu-o, dispersou-o, causando-lhe perdas imensas; até o próprio Artigas, que com o exemplo animava os seus, escapou de caír em nosso poder.

Desbaratado o inimigo, o tenente-coronel Abreu incendiou o acampamento, e pela noite do mesmo dia 3 incorporava-se já ao exército (24).

No quartel-general de Artigas achou Abreu vários despachos dirigidos por La Torre a êsse chefe, e, instruido assim da marcha do exército inimigo, deu-se pressa em transmitir ao general em chefe as noticias que acabava de colher. Na noite de 3, quando no campo brasileiro todos esperavam com anciedade pelo resultado do ataque de Arapeí, apresentava-se o próprio Abreu, coberto de poeira, na barraca do marquez de Alegrete, anunciando-lhe a vitória, que acabava de alcançar, e a noticia de que La Torre recebêra ordem de atacar-nos a 3.

Estas novas espalharam-se logo de boca em boca, e os nossos soldados, cheios de entusiasmo e contentamento, começaram a preparar-se para a batalha que estava iminente.

No dia seguinte (4 de Janeiro) pela madrugada, o inimigo com 3.400 homens atacava o nosso exército. Ao primeiro tiro todo êle estava em armas.

A luta esteve por muito tempo indecisa, combatendo ambos os lados com igual valor e tenacidade.

Em nossa esquerda o bravo visconde de S. Gabriel sustentava com firmeza e coragem a sua posição, em quanto a nossa direita se debatia contra uma massa imponente de soldados inimigos, que se arremessavam impetuosamente sôbre suas baionetas. O marquez de Alegrete e o general Curado (conde de S. João das Duas Barras) animavam nesse ponto os nossos soldados, que faziam prodigios de valor; mas o arrojo e ardimento com que o inimigo acometia, e voltava sempre à carga, já que os inquietava, quando repentinamente se apresentou no campo de batalha o intrépido Abreu, fazendo com que a vitória desde lógo se pronunciasse pelos nossos.

---

(24) "O tenente-coronel Abreu, cujos honrosos serviços, etc.". Vejam-se os elogios, que lhe tece o cronista d'esta campanha a propósito d'aquele ataque. "O tenente-coronel não se fez menos famoso pela batalha de Catalan, que pelo ataque de Arapeí, e pelas ações que dirigiu sbre a margem esquerda do Uruguai.

Achando-se a uma légua do grosso do exército, ouvindo os tiros que anunciavam-lhe o ataque do inimigo, fez imediatamente montar os seus cavaleiros, e atirou-se inopinadamente no meio da refrega, executando uma brilhante carga de flanco sôbre a esquerda inimiga. Animados com esse socorro, os bravos da direita lançaram-se à baioneta sôbre o inimigo, soltando vivas entusiásticos ao heróico tenente-coronel Abreu, e o nosso triunfo foi desde então completo.

O inimigo fugiu em debandada, deixando no campo uns 900 mortos, 290 prisioneiros, 1 bandeira, 7 caixas de guerra, seis mil cavalos, seiscentos bois, muito armamento e munições, e todas as bagagens. Essa brilhante vitória custou-nos 73 mortos, e 146 feridos.

Os serviços que prestára o distinto rio-grandense não foram esquecidos pelo governo do Rio de Janeiro, que os recompensou, promovendo-o por decreto de 24 de Junho a coronel de linha, e dando-lhe o comando do regimento de milicias denominado de "Voluntários Reaes de Entre-Rios", creado recentemente pela ordem do dia de 23 de Março. No ano seguinte entrava Abreu para o quadro de nossos oficiais-generais, recebendo a patente de brigadeiro.

IV

Campanhas de 1819 a 1820. — Artigas invade o Rio-Grande. — Abreu evacua Alegrete, e retira-se diante do inimigo. — Combate do Ibirapuitan-Chico (14 de Setembro). — Reune-se ao general Corrêda da Câmara, e coloca-se com êste no passo do Rosario. — São atacados a 17 por La Torre, que é repelido. — Marcham em observação do inimigo. — Combate do Ibicuí-Guassú (27 de Dezembro). — Artigas marcha em direção às vertentes do Taquarembó, e é seguido por Abreu e Câmara. — Volta para atacá-los. — Estes retiram-se, e reunem-se ao conde da Figueira. — Marcha o nosso exército em procura do inimigo. — Batalha de Taquarembó (20 de Janeiro). — Parte que n'ela teve Abreu. — É destacado para limpar a campanha até ao Uruguai. — É recompensado com o posto de marechal de campo graduado.

Vencedor em Catalan, o nosso exército avançou ao longo do Uruguai, alcançando sempre novas vitórias e novos louros. O general Curado, que, com a retirada do marquez de Alegrete, assumira (25) pela segunda vez o comando em chefe, depois de ter batido em vários recontros as colunas inimigas, vendo-se em inação e sem cavalos, dispôz-se a voltar à fronteira para tomar quarteis de inverno; mas o visconde

(25) O marquez de Alegrete deixou o exército, retirando-se para Pôrto Alegre, em 20 de Dezembro de 1817.

da Laguna conseguiu dissuadí-lo do seu intento (26), fazendo com que ocupasse o Ricon de Haêdo na margem direita do Rio Negro.

De guarda à nossa fronteira ficou o general Abreu, com uma fôrça que não chegava a quinhentos homens, tendo o seu quartel-general em Alegrete.

Artigas não quiz perder a oportunidade que se lhe oferecia de indir o Rio Grande, que êle via inteiramente aberto e indefeso.

Reuniu todas as fôrças de que podia dispôr, e à frente de três mil homens atravessou o Quaraim, dirigindo suas marchas para o vale de Santa Maria (27).

Os escritores nacionais, que se ocupam da invasão de 1819, e dos sucessos que precederam a famosa batalha de Taquarembó, guiaram-se todos pela descrição que o **Correio Brasiliense** publicou em Londres, descrição incompleta e inexata, que não esclarece convenientemente os fatos e que os adultera por vezes.

Graças a alguns documentos que pudemos obter, expòremos sucinta mas fielmente êsses acontecimentos, em que figura com tanto esplendor o grande nome de José de Abreu.

Apenas teve notícia dos movimentos de Artigas, e certificou-se do verdadeiro número de suas tropas, tratou o general Abreu de expedir **próprios** ao condè da Figueira, comunicando-lhe os planos do inimogo.

Abreu compreendeu-o logo; evacuou Alegrete, e retirou-se sôbre o passo do Rosário no Santa Maria, levando adiante de si as famílias e fazendeiros dessas paragens, que fugiam à aproximação dos invasores.

Entretanto Artigas, empenhado em destruir a pequena coluna brasileira, havia destacado a 10 de dezembro o seu imediato, La Torre, com uma forte divisão de cavalaria, ordenando-lhe que forçasse as marchas e obrigassem Abreu a aceitar combate.

Êste, que continuava a sua retirada acossado de perto por La Torre, vendo ameaçados os habitantes que protegia, e que procuravam precipitadamente ganhar a margem direita do Santa Maria, entendeu que devia bater-se, para retardar a marcha dos contrários, e dar tempo a que êsses infelizes escapassem ao canibalismo das hordas de Artigas.

"Já se fazia difícil um encontro (diz Aniceto Gomes em carta escrita a Ramirez com data de 16 do dito mês de dezembro), porém afortunadamente Abreu, soberbo com os passados triunfos, retrogradou".

---

(26) Vejam-se as **Memorias e Reflexões sôbre o Rio da Prata**, etc. O visconde da Leguna, além dos ofícios que expediu a Curado, incumbiu Senna Pereira de preparar o animo dêsse general, e de convencê-lo da utilidade de manter-se no Rincon. O general Curado ao fim de três dias cedeu, não sem repugnancia, ás sugestões do Visconde da Laguna.

A fronteira do Rio Grande ficou assim aberta e desprotegida.

(27) Três mil homens, segundo as partes oficiais do próprio inimigo.

Ao romper do dia 14 as avançadas inimigas avistavam as da pequena coluna brasileira; e tal era o terror que o seu distinto chefe infundia entre os contrários, que La Torre, apezar da superioridade imensa do número, não ousou atacá-lo, e preferiu, para fazê-lo, aguardar a chegada de Artigas.

Abreu apoiou-se em um serro escabroso nas vizinhanças do Ibirapuitã-Chico com os seus quatrocentos e quatro soldados; e o exército inimigo formou-se-lhe em frente, forte de três mil homens, colocando em uma lomba a sua infantaria e artilharia.

Ao meio dia começaram a escopetear-se os postos avançados, e pouco depois romperam os inimigos contra os nossos um fogo nutrido de artilharia e fusilaria, atirando-nos à carga a grande massa de cavalaria, que se formara nos flancos e na retaguarda da sua linha.

A resistência dos nossos foi enérgica, mas o capitão Daniel Beresford, abandonando a infantaria que comandava, e fugindo vergonhosamente, fez com que o inimigo alcançasse, mais depressa do que pudera, uma vitória fácil, certa e sem glória.

A cobardia dêsse oficial causou a morte de oitenta dos nossos soldados, que foram envolvidos e degolados. Abreu com a cavalaria pôz-se logo em retirada para o passo do Rosário, repelindo o inimigo e salvando com o seu sangue-frio e bravura a coluna que comandava.

A quarta parte de seus soldados, porém, ficou estendida no campo da batalha, morrendo como heróis naquele combate desigual, em que cada um de nossos bravos teve de bater-se com sete inimigos.

Tal foi o combate de Ibirapuitã-Chico, que os escritores, que conhecemos, erradamente (28) dão como pelejado no passo do Rosário.

Essa pequena vantagem encheu de contentamento e orgulho aos chefes inimigos.

Em carta escrita por Artigas a Ramirez (29), e interceptada no Uruguai pela flotilha de Senna Pereira, anunciava-lhe êsse chefe que estava em território brasileiro, e que muito breve assentaria o seu quartel general em Pôrto Alegre, rogando-lhe ao mesmo tempo que lhe mandasse reforços, porque queria carregar grandes tropas de gado para enriquecer a seus amigos e compatriotas.

O modo como sempre se exprimiam os nossos contrários quando falavam do benemérito general Abreu, pode dar uma idéia do respeito e da admiração que tributavam êles a tão ilustre cabo de guerra.

Basta que citemos aqui as palavras do mencionado Ramirez, dirigidas a 8 de janeiro do ano seguinte ao cabildo, quando comunicou a notícia do combate do Ibirapuitã-Chico, e a carta que Aniceto Gomez, dois dias depois daquele recontro, escreveu a êste general, da qual já citamos um trecho.

---

(28) Os Srs. Varnhagen e Pereira da Silva não escaparam d'êsse engano.
(29) Escrita no dia 14, momentos depois do combate.

"O general Artigas (escrevia Ramirez), à frente de três mil decididos orientais, acabou com a divisão do distinto português Abreu".

Gomez começava a sua carta do seguinte modo: "Glória à pátria, e honra aos livres!

"Triunfaram nossas armas em Guirapuitã-Chico (30) no dia 14 do corrente contra o famoso Abreu (31).

Recebendo os despachos em que Abreu dava conta da invasão de Artigas, e pedia socorros para resistir-lhes èficazmente, o conde da Figueira ordenou ao tenente-coronel Marques de Souza que fizesse marchar o então brigadeiro Corrêa da Câmara, para comunicar-se com Abreu, devendo os dois, de acôrdo, conter os invasores no Santa Maria, e evitar que o transpuzessem.

Pelo dia 15, isto é, no dia seguinte ao do combate, o general Câmara reunia-se a Abreu na estância de Joaquim Rodrigues, além do passo do Rosário. Daí voltaram juntos os dois generais, e fizeram-se fortes naquele ponto, sendo a 17 atacados por La Torre, que foi rechaçado depois de um combate que durou desde as dez horas da manhã até à noite.

Nêste ataque pôde o general Abreu certificar-se de que a cavalaria às ordens de La Torre, que fazia a vanguarda do inimigo, compunha-se apenas de oitocentos homens.

Ignorando, porém, qual o plano dêles, fez ver ao general Câmara que devia seguir-lhe a trilha para observar seus movimentos; prudente alvitre, a que Câmara acedeu prontamente.

Efetivamente no dia 18 saíram os dois generais do passo do Rosário, e, marchando sôbre as pegadas do exército oriental, souberam a 26 que estavam a légua e meia do acampamento dêste.

Colocaram-se então na margem direita do Ibicuí-Guassú, pouco acima da sua confluência com o Ibicuí-Merim, ficando assim entre aquele rio e o passo de São Borja no Santa Maria.

Aí veiu o inimigo atacá-los no dia 27, com duas fortes colunas, que tentaram passar o rio em dois lugares, onde êste dava váo. O general Câmara postou-se no passo da direita, e o general Abreu no da esquerda.

A luta foi renhida. Os nossos, ardentes de entusiasmo, trocaram em breve a defesa pelo ataque, e cairam sôbre o inimigo já abalado e rôto.

Enquanto Câmara perseguia os fugitivos até ao próprio acampamento de Artigas, onde a artilharia inimiga obrigou-o a deter-se, o valente Abreu apoderava-se de um bosque, em que grande número de inimigos se haviam refugiado para melhor resistir.

---

(30) Corrupção de Ibirapuitan-Chico. Em vez de Ibiraocaí, Artigas dizia também Guiraocaí.

(31) Um outro equívoco do **Correio Brasiliense**, repetido por todos os nossos escritores, foi dizer que o combate tivera lugar a 13 e não a 14.

Muito armamento, sessenta mortos, dezesete prisioneiros, cavalos selados, etc., cairam em nosso poder.

Abreu e Câmara voltaram de novo às nove horas da noite para a margem direita do Ibicuí-Guassú (32), manobrando no dia seguinte à vista do inimigo, e pela sua esquerda, sem que êste os incomodasse.

Artigas procurou atrair os nossos, para batê-los antes da junção com o conde da Figueira: marchou em direção a Santa Ana do Livramento, e daí voltou rapidamente sôbre êles, que o seguiam de perto.

Mas Abreu e Câmara, que, com as fôrças que dispunham, não podiam bater-se em campo aberto, retiraram-se, afim de evitar uma derrota certa, e chamar o inimigo para o passo de São Borja, ponto sôbre o qual marchava o conde da Figueira.

No dia 10 de janeiro verificou-se a junção dos nossos três generais, ficando assim burlado o plano do audacioso caudilho.

Vendo isso, Artigas dirigiu-se de novo às nascentes do Taquarembó, já abandonando o território brasileiro; porém o conde da Figueira, a marchas forçadas, alcançou o exército oriental no dia 20 de janeiro.

Apenas avistou o inimigo, tomou o capitão-general todas as disposições para o ataque. Abreu com a sua divisão devia atravessar um pântano, e atacar pela frente; Câmara devia transpôr o Taquarembó, e atacar pelo flaco.

Formado em linha de batalha, rompeu o inimigo o fogo com quatro peças de artilharia, que nenhum mal nos fizeram.

"À minha voz de avançar, diz o conde em sua parte oficial, o brigadeiro Abreu executou o seu movimento com tanta impetuosidade, apezar do vivo fogo de artilharia e fusilaria do inimigo, que desde logo o obrigou a perder a sua primeira posição, e a retirar-se para outra mais forte, defendida pelo rio, que se achava então muito cheio".

Nossos soldados, sem se deterem, atravessaram, e arrojaram-se sôbre os contrários; mas a brilhante carga, com que Abreu inaugurou o combate, a serenidade e valor com que se arremessou sôbre as hostes inimigas, fizeram com que estas desfalecessem.

A resistência foi miserável; o inimigo quase não combateu, e na maior desordem e confusão deitou a fugir, fustigado e perseguido pelos nossos oficiais superiores e subalternos, setecentos e noventa e cinco inferiores e soldados mortos, feridos quinze inferiores e soldados, prisioneiros vinte e um oficiais e quatrocentos e sessenta e nove inferiores e soldados; ao todo mil trezentos e cinco homens.

Tomamos quatro peças, todas as munições, uma bandeira, quatro caixas de guerra, muito armamento, gado e cavalos.

Esta vitória, que acabou com o poder e domínio de Artigas, e

(32) A respeito do lugar d'êste combate erram os nossos escritores, quando dão a entender que foi ainda o pásso do Rosário.

para a qual tanto concorreu o intrépido Abreu, valeu ao nosso herói a graduação de marechal de campo em março do mesmo ano.

Quatro dias depois da batalha seguiu o ilustre rio-grandense com a sua divisão até ao Uruguai, para perseguir o inimigo e desassombrar a campanha.

V

Depois da proclamação da independência, é nomeado governador das armas do Rio-Grande do Sul. — Ativa a remessa de reforços para o sitio de Montevidéo, e marcha até Mercedes com uma divisão auxiliar. — Volta para o Rio-Grande depois da capitulação dos portuguezes. — É-lhe conferido o posto de marechal de campo.

Após a batalha de Taquarembó, pacificada a Banda Oriental, que passou a fazer parte do reino-unido de Portugual, Brasil e Algarves, o general Abreu conservou-se na fronteira da província do Rio Grande, comandando as fôrças que a guardavam.

O grito de independência soltado no Ipiranga pelo inclíto fundador do Império foi achá-lo naquela posição. Dotado de sentimentos patrióticos, e cheio de amor pelo seu país natal, Abreu saudou com entusiasmo a aurora da liberdade que despontava, e aplaudiu a nova ordem de cousas estabelecida pelo primeiro Imperador.

O govêrno provisório, que se estabeleceu no Rio Grande do Sul, nomeou-o, em fins de 1822, governador das armas da província, nomeação que foi confirmada pelo govêrno geral; e Abreu, aceitando êsse cargo, quiz logo depôr aos pés do Sr. D. Pedro I, que personificava a idéia da liberdade e da independência do Brasil, os seus protestos de fidelidade e dedicação.

Para congratulá-lo e testemunhar-lhe os sentimentos de que êle general e os seus comandados se achavam possuidos, mandou em comissão, a 12 de dezembro, o major J. da Silva Brandão.

Mas nem assim livrou-se das calúnias e intrigas dos homens que em Montevidéo, se opunham à adoção do novo regimem.

Em um periódico sustentado por êstes, La Aurora, fez-se correr a notícia de que o bravo riograndense havia proclamado a constituição das côrtes de Lisboa.

O ilustre veterano, com essa franqueza rude do soldado, entendeu que devia protestar contra o que êle qualificava de horrorosa calúnia.

"Aderí, disse êle em seu manifesto, aderí afincadamente à sagrada causa do Império do Brasil, e por ela protesto dedicar, como já o jurei, os meus derradeiros alentos".

Como governador das armas do Rio Grande, cabia-lhe a missão de prover à sua defesa, de reforçar as tropas brasileiras que ao mando do visconde da Laguna sitiavam as portuguesas em Montevidéo.

Abreu requisitou logo do govêrno o armamento necessário para ocorrer a qualquer eventualidade, e fez reunir todas as fôrças disponíveis da província, expedindo ordem ao general Sebastião Barreto, para que se reunisse ao general Marques, e juntos marchassem a incorporar-se às fôrças sitiadas.

Com o intuito de ativar a reunião de gente, partiu a 7 de janeiro para o Rio Pardo, e a 26 assentou o seu quartel general em São Gabriel, levando consigo armamento, e mais trem de guerra, de que careciam os corpos que já estavam na fronteira, e os que deviam reunir-se.

Depois dos reforços que enviou ao visconde, organizou ainda uma coluna de mil e cem homens, com a qual se postou no Queguay, e avançou em junho até Mercedes, sôbre o Rio Negro, regressando no mês seguinte à sua primitiva posição.

Essa coluna devia avançar até Montevidéo, se as circunstâncias exigissem alí a sua presença. Os acontecimentos, porém, não realizaram esta previsão.

O sítio de Montevidéo, posto que sustentado com vigor, não incomodava entretanto aos portugueses do general D. Alvaro da Costa, que mantinham livres suas comunicações por água.

Cêdo, porém, viram-se êles, sitiados, privados dêsse recurso, porque uma fôrça naval enviada do Rio, às ordens do chefe de divisão Pedro Antônio Nunes (33), derrotou, em dias de outubro, nas proximodades de Montevidéo, a esquadra portuguesa. D. Alvaro pouco depois capitulou, e as nossas fôrças entraram na capital Cisplatina.

Abreu com a sua coluna de observação recolheu-se à província do Rio Grande, sendo elogiado pelos relevantes serviços que acabava de prestar, e recebendo em seguida o posto efetivo de marechal de campo com a insígnia do Cruzeiro.

---

(33) A nossa divisão naval compunha-se: da corveta **Liberal**, de 24 bocas de fôgo (comandante o capitão-tenente Gavião); brigue **Cacique**, de 18 (comandante capitão-tenente Antonio Joaquim do Couto); brigue **Guaraní**, de 16 (comandante 1.º tenente Joaquim Guilherme); escuna **Leopoldina**, de 12 (comandante 1.º tenente Francisco Bibiano de Castro); e escuna **Sete de Março**, de 1 rodisio (comandante 2.º tenente Francisco de Paula Osorio). A divisão portugueza compunha-se das corvetas **Conde dos Arcos**, de 26 peças, e **General Lecór**, de 16, brigue **Liguri** de 16, e escuna **Maria Theresa**. D'essa vitoria naval não fez menção o Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua recente **História da fundação do Império**.

VI

Questão da Cisplatina. — Revolução de 1825 protegida pelo govêrno argentino. — Detenção do coronel Julian Laguna e do brigadeiro Rivera. — O visconde da Laguna pede reforços ao govêrno geral, e à provincia do Rio-Grande do Sul. — Abreu prepara uma divisão, e invade a Cisplatina. — Começa a desinteligência do general Sebastião Barreto com Abreu. — Estado da Cisplatina, quando Abreu pôz-se em marcha. — Demora-se êste junto ao arroio Preguelo à espera das forças dos coroneis Rivera (22 de Agosto), que é rechaçado. — Abreu move-se para cobrir êsse ponto, e atacar Rivera. — Tentativas inúteis para chamar Rivera a uma ação geral.

Devolta ao Rio Grande, o general Abreu continuou a exercer o cargo de governador das armas, desenvolvendo aí todo o zêlo e atividade de que é capaz um funcionário briosos e dedicado à causa pública.

Não tardou, porém, que os acontecimentos viessem chamá-lo de novo aos labores e privações da campanha.

O govêrno brasileiro persistia na idéia da incorporação da Cisplatina. Longe do teatro dos acontecimentos, e iludido pelas falsas asseverações dos vísconde da Laguna, acreditava que a idéia da união era com fervor esposada pelos orientais, e dava um valor imenso a atos que, sendo feitos na presença das baionetas estrangeiras, não podiam de forma alguma ter o carácter de manifestações espontâneas e livres do voto popular (34).

Entretanto era crença de muitos homens importantes do Brasil que, estando êste nos primeiros períodos de sua regeneração política, não devia herdar de Portugal a louca ambição de domínio sôbre um território estranho, e muito menos sacrificar os seus recursos na difícil emprêsa de procurar no sul limites naturais.

Foi assim que a constituinte, nêsse ponto bem inspirada, não quiz incluir desde logo a Cisplatina entre as províncias do Império, e reservou a questão para um exame especial.

De seu lado o govêrno argentino julgava-se com direito ao território da Banda Oriental, sem lembrar-se de que esta se havia desligado das outras províncias do Rio da Prata, mantendo livre a sua autonomia debaixo do govêrno de Artigas.

---

(34) Não queremos dizer que essa idéia não tivesse enérgicos apologistas e sinceros defensores na Banda Oriental. Póde-se dizer até que os espíritos mais cultos e a parte mais sensata da população, escarmentados pelos tristes resultados das discordias civis, defendiam-na com fervor. Mas os habitantes da campanha, os gaúchos e os caudilhos? Não se devia contar com êsse elemento, tão poderoso n'aqueles países, e tão adverso aos brasileiros? Não se devia contar com o espírito inquieto e turbulento d'essa gente da população, habituada á anarquia e antipática á paz e á ordem?

D. Valentim Gomez foi enviado em 1823 ao Rio de Janeiro, para fazer valer essas pretenções, e a 6 de fevereiro do ano seguinte o nosso ministro de estrangeiro, L. J. de Carvalho e Mello, declarou, em resposta ao memorandum por êle apresentado, que o govêrno imperial estava decidido a manter a incorporação da província disputada.

Essa fatal resolução arrastou-nos a uma guerra impopular, que, após duros e imensos sacrifícios, terminou pelo famoso tratado preliminar de paz de 28 de agôsto de 1828, preparado e urdido pelos manejos, seduções e ameaças de **Lord Ponsomby** (35).

Quanto não teria ganho o Brasil, se, pondo de parte veleidades puerís, tivesse erigido desde logo a Banda Oriental em estado livre e soberano, garantido a sua independência contra as infundadas pretenções do govêrno de Buenos Aires! Essa política de vistas mais largas e previdentes, inspirada pelo sentimento nacional, ter-nos-ia assegurado o apôio da Grã-Bretanha, que foi o verdadeiro motor e alma da guerra, que contra nós sustentou a república das Províncias Unidas do Rio da Prata (36).

Uma revolução prevista por todos, que não eram míopes, arrebentou afinal na Cisplatina, favorecida às escâncaras pelo govêrno de Buenos Aires.

A 19 de abril de 1825 o general Juan Antonio Lavalleja desem-

---

(35) Do seguinte ofício do duque de Palmella ao conde do Porto Santo vê-se a alternativa que ofereceu a Inglaterra ao Brasil, e as ameaças d'esse govêrno, que tão escandalosamente contrariou-nos durante todo o decurso da guerra... "Soube por uma confidência do barão de Itabaiana, de cuja veracidade por várias provas me convenci, que **Mr. Canning** lhe declarára francamente o desejo que tinha de induzir o gabinete do Rio de Janeiro a mandar evacuar pelas suas tropas a Banda Oriental, ou seja para entregá-la ao govêrno de Buenos Aires, mediante uma indenização pecuniária, ou seja erigindo em Montevidéo um govêrno independente, debaixo da proteção da Grã-Bretanha. Para dar mais força a essa declaração explícita, chegou **Mr. Canning** a acrescentar que a Inglaterra não podia ser muito tempo indiferente espectadora de uma semelhante luta, nem permanecer neutral; e que estava resolvida a abraçar o partido de Buenos-Aires, se dentro de seis meses não estivesse concluida a paz, etc. etc." **(Correspondência do duque de Palmella, publicada por J. J. dos Reis e Vasconcellos, tomo 2.º, pág. 259).**

(36) Quando em 1862 se inaugurou na côrte a estátua do augusto fundador do Império, a imprensa política abriu uma animada discussão sôbre o reinado d'êsse Príncipe, a quem o Brasil deve a sua integridade e a sua preciosa constituição. Entre as acusações que lhe eram feitas, avultava a da guerra do Rio da Prata; e (cousa admirável!) trinta e sete anos depois d'êsse acontecimento era essa acusação formulada com mais paixão ainda do que o fizeram os periódicos exaltados da época!

Censurava-se o Senhor D. Pedro I por se deixar dominar da ambição de conquista; e entretanto um de seus acusadores, chefe de uma escola política importante em nosso país, e por conseguinte atilado e sagaz, lamentava em 1861 a falta de um conde de Cavour, que pudesse realizar a conquista dos ducados do Rio da Prata!

Já se vê, pois, que, se ainda recentemente havia brasileiros da importancia

barcou no Arsenal Grande com trinta e dois companheiros apenas; e, plantando no território Oriental o pavilhão tricolor de Artigas, reuniram-se logo em tôrno dêle uns duzentos patriotas (37).

Com tais elementos teriam os trinta e três companheiros pago bem caro o seu amor à pátria, e estaria desde logo sufocada a revolução, se o coronel Julian Laguna, depois de ter representado uma farça ridícula (38), não se bandeasse para os insurgentes; sendo pouco depois, a 27 dêsse mês, imitado o seu exemplo pelo brigadeiro Frutuoso Rivera.

A defecção dêsses dois chefes encorajou os independentes, e fez com que um sem número de voluntários corressem de todos os pontos da campanha a engrossar o pequeno exército de Lavalleja.

Êstes acontecimentos induziram o visconde de Laguna a solicitar a remessa imediata de reforços, tanto ao govêrno geral, como ao comandante das armas da província vizinha.

Não se conservou surdo a tal reclamo o general Abreu. Reuniu as fôrças de que podia dispôr, e invadiu a Cisplatina com uma divisão composta de duas brigadas de cavalaria, dirigindo suas marchas sôbre Mercedes, povoação situada à margem esquerda do rio Negro, e ocupada por uma pequena guarnição brasileira.

Debaixo de suas ordens vinha o então brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto, que, achando-se acampado nas proximidades de Montevidéo ao romper a revolução, havia atravessado toda a campanha oriental até à fronteira, com o fim de proteger a retirada das famílias brasileiras alí residentes.

Tendo chegado aquele general à fronteira, precisamente quando Abreu dava os primeiros passos para organizar a divisão com que devia penetrar na Cisplatina, entendeu êste que seria conveniente que se lhe incorporasse, e nêste sentido oficiou ao visconde da Laguna, que aquiesceu prontamente a tão justa sugestão.

Entretanto foi isso desgraçadamente o sinal de uma desinteligência mesquinha entre Barreto e Abreu, porque àquêle repugnava militar debaixo das ordens do homem em quem via um rival feliz e glorioso. Esta desinteligência, a despeito da generosidade e cavalheirismo com que se houve o ilustre general Abreu, afetando ignorar os ma-

---

d'aquele a quem nos referimos, que sonhavam com a incorporação dos ducados, não é muito para admirar que em 1825 houvesse quem pensasse, não em conquistar ducados, mas em conservar um que já estava em nosso poder. Os êrros do passado devem servir-nos de lição para o presente, mas nunca devem dar lugar a incoerências d'essa ordem.

(37) Carta do general Manoel Jorge Rodrigues (barão de Taquarí) ao cônsul brasileiro em Buenos-Aires.

(38) Nas **Memórias de Garibaldi**, publicadas pelo Sr. Alexandre Dumas (pai), vem a descrição d'êsse fato. A' parte o que há aí de romantico, é exata a noticia que êle dá da interessante cêna que representou Laguna.

nejos do seu competidor, produziu consequências funestas, e em grande parte concorreu para o máu êxito da batalha de Ituzaingó. Mas não antecipemos os fatos.

Quando o general Abreu entrou na Cisplatina, já a revolução tinha ganho terreno, graças ao contemporisador visconde da Laguna, que, depois de haver cometido o gravíssimo erro de destacar contra os independentes, soldados ligados a êles pelos laços da nacionalidade, e até mesmo da amizade, havia adotado por sistema a inércia, que foi sempre a sua estratégia, e que lhe valeu o irônico apelido de Fabius Cunctator.

Lavalleja dominava toda a campanha até ao Rio Negro, e possuia três mil e quinhentos homens (39) perfeitamente armados, pois o govêrno de Buenos Aires fazia-lhe pelo Uruguai constantes remessas de munições e armamento, apezar da flotilha que tínhamos nêsse rio, ao mando do então capitão-tenente Jacintho Roque de Senna Pereira, que não era suficiente para interceptar inteiramente a comunicação entre as duas margens (40).

Depois de uma marcha laboriosa, feita no rigor do inverno, chegou a divisão auxiliadora do general Abreu à margem esquerda do Rio Negro, vadeando-o nos dias 5 e 6 de julho. Compunha-se ela de uns mil e duzentos homens, desprovidos de tudo, e fatigados por uma marcha terrivelmente penosa, em razão dos obstáculos naturais que tiveram de vencer. Os mais pequenos arroios tinham-se convertido em torrentes caudalosas, que obrigavam o general a caminhar muitas léguas, para procurar as suas nascentes, despontando-as, como se diz no sul.

Forçoso lhe foi dar então descanço aos seus soldados, cujos cavalos estavam em mísero estado, e pedir alguns auxílios ao coronel Norberto Fontes, comandante de Mercedes, que acudiu-lhe prontamente com alguns mantimentos e com um cirurgião.

O general inimigo Fructuoso Rivera achava-se com mil cavaleiros (41) no seu campo de Molles, próximo de Durazno, e ao saber da aproximação da coluna de Molles, adiantou-se com seiscentos homens escolhidos para observar-lhe os movimentos.

Abreu conservava-se em imobilidade no Rio Negro a alguma distância do arroio Pregúelo, esperando, para manobrar, a chegada de cavalhadas e de quatrocentos homens, que haviam partido do Quaraim e de Santa Ana às ordens dos coroneis Jerônimo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto.

---

(39) Veja-se a **Mensagem de Lavalleja**, apresentada ao Congresso da Florida a 18 de Junho de 1825.

(40) Todavia, o comandante da flotilha desenvolveu sempre a maior atividade, e seus navios por vezes conseguiram apreender lanchões carregados de armas.

(41) Mensagem [illegible]

lo citado rio, campos de Matto Grosso, onde fôra nesse
ado o Tenente Victor Baptista e mais dous companhei-
; assim tambem, que tinha sido morto o Padre Carmo,
na a nossa procura.

direita
dia ata
ros seus
que vin

À vista disso, concebeu o chefe inimigo o plano de apoderar-se de Mercedes, antes que a ela chegasse a divisão auxiliar.

Deixou emboscados em frente do acampamento desta cem homens, e no dia 22 de agôsto atacou o povoado (42).

O ataque começou às onze e meia da noite, e foi dirigido com muito ímpeto sôbre os postos mais vulneráveis.

Um alferes oriental de nome Navarro, que fazia parte da guarnição, e que desertara nêsse dia, pôde indicar a Rivera os pontos mais fracos, e conseguiu, atraiçoando-os vilmente, apanhar quatro oficiais e cinco soldados, que se achavam doentes em uma das casas da povoação, chegados poucos dias antes da divisão de Abreu.

Protegida pelos fogos da canhoneira **D. Sebastião** (43), a heróica guarnição repeliu com bravura o ataque, voltando segunda vez à carga o inimigo, e sendo rechaçado de novo com grande perda.

Foi essa uma noite azíaga para os contrários, porque, além da perda que sofreram nos dois ataques, tiveram o desgosto de ver batida e dispersa por um piquete nosso, duas vezes menor que ela, a fôrça que deixaram de observação em frente ao acampamento do general Abreu.

No dia seguinte, pelas oito horas da manhã, pôz-se a nossa divisão em movimento para cobrir Mercedes, e atrair o inimigo a uma ação geral; foram, porém, inúteis todos os esforços que empregou para conseguir êste último resultado.

As partidas inimigas, atacadas pelos nossos piquetes, dispersavam-se em vez de concentrar-se, ficando os nossos vencedores em todos os choques, que tiveram lugar nos dias 23, 27 e 28 até 2 de setembro.

---

(42) Já antes, em Maio, pretendêra Rivera apoderar-se d'êsse ponto, intimando ao comandante brasileiro, que se rendesse, e dizendo que tinha á sua disposição dois mil homens. A resposta que teve foi esta: "Homens não intimidam a homens. Não é a primeira vez que V. Ex se põe á frente de igual número sem intimidar as armas brasileiras, acostumadas por sua subordinação, disciplina e fidelidade a vencer as multidões".

(43) Comandante, o 1.º tenente Cipriano José Pires.

VII

Abreu destaca contra Ribera o coronel Bento Manoel. — Combate de Arbolito (4 de Setembro), e marcha de Bento Manoel para Montevidéo. — Lavalleja levanta o sitio da Colonia, e concentra suas forças no interior. — Posição dos beligerantes. — Plano de operações comunicado pelo visconde da Laguna a Abreu. — Combates do Rincon e de Sarandí. — Abreu não concorreu para esses revezes; acusações infundadas que lhe foram feitas. — Retira-se para Belém e aí reúne-se a Bento Manoel. — Segue para o Rincon de Mata-Perros.

Perdidas as esperanças de obrigar Rivera a aceitar combate, tomou Abreu posições perto de Mercedes, aguadando as colunas de Jardim e Menna Barreto, diante das quais fugia o coronel Julian Laguna, que com duzentos homens lograra, pouco antes, surpreender e aprisionar em Paisandú um pequeno destacamento nosso.

Lavalleja sitiava então a praça da colônia do Sacramento, cuja guarnição, dirigida pelo intrépido Manoel Jorge Rodrigues (mais conhecido pelo título, que depois recebeu, de barão de Taquarí), se mantinha firme em seu posto, rebatendo sempre os ataqus dos independentes.

Para impedir que êsse chefe, reunindo-se a Rivera, viesse com todo o exército republicano ao seu encontro, resolveu o general Abreu bater a coluna dêste último.

Para isso fez vir do Rincon de Haêdo (também chamado de las Gallinas) a cavalhada fresca que aí tinha, e destacou oitocentos homens escolhidos dentre todos os corpos de sua divisão, confiando sua direção ao célebre Bento Manoel Ribeiro, então coronel.

Achava-se acampado no dia 2 de setembro na fóz do Coquimbo quando Abreu levantou o acampamento, e manobrou com todas as suas tropas, para iludir a guarda avançada que, sob as ordens de Felipe Caballero, deixara o general inimigo em nossa frente. Graças a êsse movimento, conduzido com a habilidade e perícia com que sempre se havia o distinto vencedor de São Borja, pôde Bento Manoel sair durante a noite sem ser percebido.

No dia 3 Rivera acampou nas nascentes do Viscocho, e nessa noite transportou-se para junto do arroio da Águila, donde se descobre a coxilha do Arbolito.

Aí encontrou-o Bento Manoel no dia seguinte, depois de ter com três esquadrões batido ao amanhecer a fôrça de Caballero, que, descobrindo pelos rastos dos cavalos, mas já tarde, a partida da coluna imperial, correra a reunir-se ao grosso das fôrças inimigas.

Ao avistar os nossos soldados, formou o general Rivera a sua pequena divisão, e adiantou-se com todo o valor ao encontro dêles.

Os atiradores dos dois lados tirotearam-se por algum tempo, e

afinal a linha inimiga, dando uma descarga, acometeu a nossa com fúria, carregando-a de espada em punho.

Recebida, porém, com firmeza essa carga pelos nossos bravos, foram os contrários repelidos, batidos e acutilados, por espaço de quatro léguas, deixando no campo sessenta e quatro mortos e quatorze prisioneiros (44).

Esta vitória (45), e a marcha de Bento Manoel com novecentos homens par a Montevidéo (46), onde foi recebido em triunfo, obrigou Lavalleja a deixar de observação em frente à Colônia apenas duzentos homens, e a retirar para o acampamento geral de suas tropas perto da Florida (47).

A superioridade numérica das nossas fôrças (48), e o entusiasmo que entre elas reinava, depois dos revezes sofridos pelos independentes em frente de Mercedas e da Colônia, e no combate de Arbolito, tornaram certa a próxima submissão de Cisplatina com o aniquilamento completo da revolução.

E', com efeito, fora de dúvida que os patriotas orientais teriam dentro em breve visto morrer a idéia grandiosa que os fizera empunhar as armas, se a Providência, que sempre ampara as causas justas, não reunisse contra nós uma série de circunstâncias tão imprevistas, quanto funestas às armas imperiais.

A rivalidade mesquinha de alguns chefes, o egoismo e a ambição de outros prepararam as derrotas que se seguiram, e que coroaram tão infelizmente a campanha de 1825, aliás inaugurada debaixo de tão bons auspícios, graças à atitude que tomara o bravo general Abreu, apresentando-se no campo da luta com a sua pequena mas valente divisão, e (o que muitas vezes vale mais que um exército) com o prestígio do seu nome glorioso.

Lavalleja compreendeu perfeitamente as circunstâncias críticas em que se achava, quando procurou concentrar em um só ponto, no centro da campanha, todas as suas tropas.

---

(44) Entre os mortos acharam-se um major (Mancilla) e mais dois oficiais; entre os prisioneiros um capitão (Tavares) e outro oficial.

(45) Nas partes oficiais êsse combate é conhecido pelos nomes de combate de Arbolito, das Pontas de S. Salvador, Aguita e Coquimbo. Na biografia do marechal de exército Bento Manoel Ribeiro, ultimamente publicada na **Revista do Instituto**, não se faz menção d'sta vitória, uma das mais brilhantes alcançadas por êsse valente cabo de guerra.

(46) A sua coluna, primitivamente composta de oitocentos homens, foi depois do combate reforçada por ordem de Abreu.

(47) A narração d'êsses fatos é feita á vista de documentos oficiais (tanto do nosso lado como do contrário), á vista de informações que obtivemos, e de um ou outro trabalho parcial que examinámos.

(48) Dizemos superioridade numérica, porque contamos também com as guarnições de Montevidéo e da Colônia, e com as forças do Rio Grande em marcha.

As praças da Colônia e de Montevidéo estavam em nosso poder; na linha do Rio Negro achavase o general Abreu com um punhado de soldados, que deviam em breve ser reforçados; a fronteira do Rio Grande era guardada pelo general Bento Corrêa da Câmara; no Prata e no Uruguai dominava a esquadra do vice-almirante Rodrigo Lobo.

Assim Lavalleja achava-se cercado, e correndo o risco de ser esmagado pelos nossos soldados.

Então o visconde da Laguna comunicou ao general Abreu um plano de operações ofensivas que delineara, e que, se houvesse sido fielmente executado, seria coroado do mais brilhante e pronto sucesso.

Dois revezes, porém, insignificantes como feitos de armas notáveis pelas consequências que acarretaram, vieram mudar inteiramente a face dos negócios, e tornar impossível a execução dêsse plano; revezes, pode-se dizê-lo, devidos ambos, menos ao esfôrço e ao poder do inimigo, do que à imprudência dos nossos chefes.

O primeiro teve lugar no Rincon de Haêdo, a 24 de setembro; o segundo, junto ao arroio Sarandí, a 12 de outubro.

No Rincon foram batidos os coroneis Jerônimo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto pelo general Rivera, cuja chegada aguardava havia muito o general Abreu; e foram batidos, porque, em vez de marcharem unidos, levados de uma mal entendida rivalidade, apressavam acintosamente as marchas, com o fim de chegar primeiro que o outro ao ponto de seu destino (49).

O inimigo apanhou-os de surpreza, e destroçou-os cada um por sua vez, destruindo inteiramente os quatrocentos homens que êles comandavam.

O segundo dêsses chefes pagou com a morte gloriosa o seu fatal erro (50).

Preenchida com tanta felicidade a sua missão, voltou Rivera, com a cavalhada que tomara, para o acampamento de Lavalleja, e achou êste chefe preparando-se para atacar Bento Manoel, que com uma brigada saira da praça de Montevidéo.

Êste, recebendo ordem de reconhecer o campo inimigo, partiu com mil e cem homens, e incorporou-se no dia 10 de setembro, nas

---

(49) Enquanto Lavalleja concentrava nas proximidades da Florida o seu exército, para poder tentar um golpe, que lhe desse uma vitória parcial, e o tirasse da posição difícil em que se achava, ordenou a Rivera que com quatrocentos homens se apoderasse da cavalaria que tinhamos no Rincon. Abreu só tinha em Mercedes pouco mais de trezentas praças, porque, como já dissemos, novecentos ás ordens de Bento Manoel haviam seguido para Montevidéo a pedido do visconde da Laguna.

(50) Morreu aos vinte e sete anos esse jovem coronel, que se assinalava já por uma longa série de feitos ilustres. Era filho do marechal de exército João de Deos, visconde de S. Gabriel (falecido em 1849), e irmão do vencedor de Paisandú, o marechal de campo José Propício, barão de S. Gabriel, falecido em 1865.

nascentes do Yi, ao coronel Bento Gonçalves, que comandava quatrocentos cavaleiros (51).

Achando-se assim com mil e quinhentos homens, julgou Bento Manoel, em seu orgulho, que por si só poderia dar cabo da revolução, e, desprezando as instruções que recebêra, atreveu-se a atacar o inimigo com a sua pequena coluna, fatigada e enfraquecida por continuas marchas forçadas.

No dia 12 de Outubro, aniversário do primeiro Imperador, avistou êle o exercito republicano, postado junto ao Sarandí, que despeja suas águas em um dos tributários do rio Yi, o arroio de Castro.

Lavalleja, que de há muito espreitava os seus movimentos, esperava-o impassivel e certo da vitória.

Aos nossos mil e quinhentos homens opunha êle dois mil e quinhentos das três armas, perfeitamente disciplinados, cheios de entusiasmo pela causa que defendiam, e em melhores condições que os nossos, porque à superioridade numérica acrescia o estarem em descanso, e conhecerem perfeitamente o terreno em que combatiam.

Como se isso não bastasse, foi tal a alucinação que se apoderou de Bento Manoel, que deu começo ao combate unicamente com mil e tantos homens, sem esperar os quatrocentos de Bento Gonçalves, que vinham um pouco retardados (52).

Póde-se dizer que o sinal da nossa derrota foi dado aos primeiros tiros pela defecção da infantaria guaraní, tornando-se impossível depois d'ela, um combate regular.

Como bem observa o visconde de S. Leopoldo, "foi antes uma dispersão do que um combâte" Bento Gonçalves com o seu regimento ilêso, dirigiu-se para a fronteira do Jaguarão, sem ser incomodado pelo inimigo; Bento Manoel, com os destroços de sua coluna, depois de pelejar heroicamente retirou-se para a de Sant'Ana, perseguido até alguma distancia pelo inimigo; o regimento de dragões retrogradou para Montevidéo, e o coronel Alencastro teve de depôr as armas com as forças que comandava.

---

(51) Bento Manoel se havia oferecido para atacar o inimigo em seu próprio campo. O tenentegeneral Maggessi, barão de Villa-Bella, reclamou para si, como mais graduado, o comando das forças que, se houvessem de destacar contra o inimigo. Sem dar uma decisão definitiva, ordenou o visconde que Bento Manoel fosse reconhecer o campo inimigo, devendo antes fazer junção com Bento Gonçalves, a quem oficiou n'êsse sentido.

(52) Armitage, tão inexato quando refere fatos d'esta guerra, diz, com os documentos oficiais do inimigo, que pelejaram nêsse combate dois mil e duzentos brasileiros. O visconde de S. Leopoldo e o general Abreu e Lima (que o copia n'esse como em muitos outros pontos) dão o algarismo exato. Só se bateram mil brasileiros, porque os quatrocentos soldados de Bento Gonçalves não chegaram a entrar em fogo. O Sr. A. D. Pascual, na sua recente obra — **Apuntes para la historia de la Republica Oriental**, engana-se com Armitage, dizendo que tinhamos dois mil e duzentos homens.

Tais foram os tão falados combates do Rincón e de Sarandí, em que os orientais venceram sem desar para nós e sem grande glória para êles.

Êsses dois revezes foram, como se vê, exclusivamente devidos ao procedimento de Jardim, de Menna Barreto e de Bento Manoel. Sem a mesquinha rivalidade d'aqueles, e a imprudente ambição d'êste, não teria a causa da revolução alcançado tais vantagens, que, insignificantes como feitos militares, puzeram entretanto o inimigo de pósse de toda a campanha oriental, fortaleceram o espírito de resistência, e decidiram o govêrno de Buenos Aires a intervir francamente na luta.

Não nos levem a mal esta divagação. Julgamos dever expor os fatos e falar n'esses dois combates, porque sôbre o general Abreu se fez então recaír toda a responsabilidade d'êles.

Ainda em 1827, na sessão da câmara dos deputados de 18 de Maio, o ilustre general Cunha Mattos, falando na guerra, assim se exprimiu a respeito da campanha de 1825:

"A guerra, Sr. Presidente, tem sido de tal modo dirigida, que estamos vendo arruinado o Brasil! Permita-se-me que o diga com bastante sentimento do meu coração; os erros são antigos, e os erros tem continuado até hoje.

"O erro fatal do barão do Serro-Largo, general valente, que dezenove vezes se bateu no campo da honra, arrastou a desgraça do Brasil, e trouxe as derrotas do Rincon e de Sarandí. Em vez do Rincon das Gallinhas, êle ocupou Sant'Anna! Qual foi o resultado d'isso? Um corpo de quasi seiscentos cavalos, sob as ordens de chefes intrigados, marchava em desordem, quando o inimigo, aproveitando-se da confusão, cai-lhes em cima com duzentos cavalos, e leva tudo à espada!..." (53).

A simples exposição dos fatos e a leitura d'ssa parte do discurso do general Cunha Mattos bastam para a cabal defesa do ilustre Barão do Serro-Largo.

O general Cunha Mattos acusava-o por ter ocupado Sant'Anna, quando êle, como já vimos, ocupou Mercedes nas vizinhanças do Rincon! D'esta natureza eram as acusações que faziam a Abreu.

Reduzido à inação em Mercedes, o general Abreu foi mero espectador de todos esses sucessos. Da sua divisão dstacára com Bento Manoel, á requisição do visconde da Laguna, novecentos homens. Estes foram batidos em Sarandí, e os quatrocentos que esperava da fronteira, antes de se lhe incorporarem, foram batidos no Rincon.

A incorporação d'êstes últimos devia elevar a força sob seu imediato comando a setecentas praças, com as quais tinha êle de defen-

(53) O deputado pelo Rio Grande Xavier Ferreira, respondendo a Cunha Mattos, negou a responsabilidade de Abreu pelo revês do Rincon, mas não soube dizer, quanto á censura principal, que êste general ocupou precisamente o ponto que o primeiro orador inculcava como o melhor.

der, por determinação do visconde, a margem do Uruguai, de acôrdo com a flotilha de Senna Pereira.

Mas esses dois revezes reduziram-no a uns trezentos homens, e nessas circunstâncias, privado da cavalhada de refresco, via-se ameaçado pelo inimigo vitorioso, que sem dificuldade esmagá-lo-ia, se por mais tempo permanecesse em território já todo em poder das armas republicanas.

Decidiu-se então a evacuar a Banda Oriental, retrogradando para a fronteira do Rio Grande.

Até ao Salto fez-se Abreu transportar pela esquadrilha do Uruguai duplamente mortificado pela desgraça das nossas armas, e pelo procedimento que para com êle tinha o general Barreto.

Do Salto dirigiu-se com os restos de suas divisão para a fronteira do Arapehí (54), ocupando Belém, em cujas proximidades reuniu-se-lhe Bento Manoel com os fugitivos da coluna destroçada em Sarandí; e d'ai seguiu depois para Rincon de Mata-Perros, situado entre o Arapehy-Chico e o Sarandi-Pires.

VIII

Abreu deixa no Rincon de Catalan Bento Manoel, e fixa seu quartel-general em S. Gabriel. — Recebe a noticia de lhe ter sido conferido o titulo de barão do Serro-Largo. — Providencias para defeza da fronteira do Rio Grande. — Combate de Taquarí (17 de Dezembro), e sorpresa do forte de Santa Teresa (31 de Dezembro). — Vencem os inimigos do barão do Serro-Largo, que é exonerado do comando das armas do Rio Grande. — Sua despedida. — Estado em que deixou a provincia. — Erros do seu sucessor. — Combates durante o ano de 1826. — Viagem do senhor D. Pedro I ao Rio Grande.

A fronteira do Rio Grande, depois dos sucessos que acabamos de narrar, ficou ameaçada de incursões pelas partidas inimigas, senhoras de toda a campanha oriental .

Incumbido, como comandante das armas, da defesa d'aquela provincia, deixou Abreu no Rincon de Catalan uma brigada de cavalaria e dirigiu-se para S. Gabriel, onde fixou seu quartel-general.

Eram mui diminutos os recursos de que então dispunhamos para defender a extensa linha de nossas fronteiras meridionais, pois só tinhamos na provincia do Rio Grande oito regimentos de cavalaria de segunda linha (55), algumas companhias de guerrilhas, o esquadrão

(54) Eram por esse lado a linha divisoria entre o Rio Grande e a Banda Oriental, pela convenção celebrada com Montevidéo a 30 de Janeiro de 1819.

(55) Eram esses regimentos: o 20 (de Pôrto Alegre), 21 (Rio Grande), 22 (Rio Pardo), 23 (Alegrete, chamado antes regimento de Entre-Rios), 24 (S. Borja, antes regimento de guaranís das Missões) 39 (antes regimento de Serro Largo), 40 (antes regimento de Lunarejo). Em toda a provincia só havia um batalhão de infantaria de 2.ª linha, com a numeração de 46.

de lanceiros do Uruguai, e uma partida do terceiro regimento de cavalaria do exército.

Toda a força de primeira linha, que em tempos ordinários fazia aí guarnição (56), achava-se em Montevidéo, ou na Colonia.

Ainda assim, com essa insignificante força, o velho general guarneceu a fronteira, distribuindo convenientemente os corpos pelos pontos mais vulneráveis e importantes.

O seu primeiro cuidado foi elevar aqueles corpos, então extraordinariamente reduzidos em pessoal, ao seu estado completo: e enquanto se ocupava n'isso, pondo em ação toda a influência de que gozava entre os rio-grandenses, aguardava êle a chegada das tropas que haviam desembarcado em Santa Catarina, para empreender a segunda campanha, e procurar o inimigo em suas próprias posições.

Não pôde entretanto levar a efeito êsse seu desejo. As intrigas de seus inimigos e rivais conseguiram fazer desvairar o govêrno.

Abreu havia recebido, por decreto de 12 de Outubro, o título de barão do Serro-Largo, em atenção aos seus serviços passados, e aos que acabava de prestar; mas pouco depois, sabendo o govêrno das derrotas do Rincon e de Sarandí, deixou-se levar pelos manejos da intriga, e responsabilisou o seu brioso general por desastres nos quais, como já mostrámos, não teve êle a mínima parte.

Foi exonerado do comando das armas, assim como o visconde da Laguna do cargo de capitão-general da Cisplatina, sendo substituido aquele pelo brigadeiro Massena Rosado (57), e êste pelo tenente-general barão de Villa-Bella (Maggessi) (58).

A 20 de Dezembro, ocupado em aumentar as forças da provincia, do seu quartel-general de S. Gabriel dirigiu o ilustre barão do Serro-Largo aos rio-grandenses uma proclamação, convidando-os a tomar as armas contra o inimigo comum: "Enquanto Deus me der forças, dizia então êle, prometo-vos não embainhar a minha espada, sem que o inimigo seja lançado além do Rio da Prata, que deve ser a nossa divisa para a conservação da paz, para a segurança de nossos interêsses, e para a gloria do grande Imperio a que pertencemos". Um mês depois, a 22 de Janeiro de 1826, despedia-se dos seus camaradas e patrícios, depois de ter passado, oito dias antes, ao novo governador das armas o comando do exército.

Cheias de nobreza foram as palavras de despedida do velho e dis-

(56) A força de 1.ª linha, que estacionava no Rio Grande, e que se achava então n'essas duas praças, constava dos seguintes corpos: regimentos ns. 4 e 5 de cavalaria, 3.º corpo de artilharia montada, e 9.º batalhão de caçadores (Vide o decreto de 1.º de Dezembro de 1824).

(57) Francisco de Paula Massena Rosado.

(58) Até então a Cisplatina fôra governada pelo visconde da Laguna, na qualidade de capitão-general. O barão de Villa-Bella foi o primeiro presidente nomeado para ela.

tinto general. Diante da ingratidão imensa de que era vítima, vendo seus serviços esquecidos, e olvidados os dias de glória que déra à sua pátria, o ilustre veterano, com a grandeza d'alma que tanto o distinguia, não fez uma única recriminação, não soltou um só queixume (59).

Depois de anunciar a sua exoneração, terminava os seus adeuses com as seguintes palavras, que por si sós bastam para exprimir o seu desinteresse e patriotismo: "Vou contente beijar a mão do nosso Imperador, e pedir-lhe permissão para voltar como simples soldado a unir-me às fileiras dos meus antigos camaradas, pois deveis ter conhecido que sou mais propenso a obedecer do que a comandar".

A demissão do barão do Serro-Largo foi um dos muitos erros que o govêrno imperial cometeu durante o decurso d'essa guerra, tão mal encaminhada e dirigida.

Possuindo um nome prestigioso, conquistado por sua bravura e honestidade, e pelos serviços que havia prestado à provincia do Rio Grande, cujo território livrára duas vezes (em 1816 e 1820) da invasão estrangeira, simpatisado geralmente pelos brilhantes dotes de seu coração, prático no sistema de guerra adotado n'essas paragens, e perfeito conhecedor do terreno em que tinham lugar as operações, teria o general Abreu sabido conduzir o exército brasileiro à vitória, evitando os erros do seu sucessor, que tão fatais foram às nossas armas, e que tão funestamente influiram sôbre a campanha de 1827.

Se, em tão críticas circunstâncias, afastar do supremo comando militar um tal homem era já um erro funesto o govêrno parece que esforçou-se em agravá-lo com a nomeação do novo governador das

---

(59) Não vimos o original d'êsse documento, mas sim a tradução feita por um dos periódicos de Buenos-Aires; "Despedidas que faz o barão do Serro-Largo aos habitantes d'esta provincia de S. Pedro do Rio Grande. — Honrados habitantes. Tenho empregado todos os dias, que Deus me tem concedido, desde a idade de treze anos até hoje, no serviço d'êste país.

"Sois testemunhas dos esforços que hei empregado na defesa d'esta provincia, quando invadida pelo estrangeiro, sem outro interêsse que o de ser útil ao lugar em que nasci, e podeis dizer como procedi n'essas circunstancias, e se obtive algum lucro, abusando dos cargos que ocupei. A imprensa é livre, e por êsse canal podem todos publicar livremente o que sabem, ou o que pensam.

"A ocasião é própria, porque foi servido Sua Magestade Imperial substituir-me pelo Exmo. Sr. brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado, oficial habilitado para o lugar que acabo de deixar, pelos conhecimentos e pelas qualidades que possúe. Ordenou-me o mesmo Augusto Senhor que me recolhesse á côrte do Rio de Janeiro, ordens que passo imediatamente a cumprir. Despeço-me, pois, dos meus honrados patricios, agradecendo o modo por que fui sempre tratado, não só durante o período em que ocupei o cargo de governador das armas, como em todas as épocas da minha carreira militar.

"Levo, com o sentimento de apartar-me de tão dignos cidadãos, a gloria de não ter perdido um só palmo de terra da provincia cuja defesa me foi confiada até o dia 14 do corrente, em que fiquei isento de toda a responsabilidade, etc."

armas, homem desconhecido, e que, suposto tivesse boas intenções, não estava na altura do cargo que ía desempenhar.

Abreu entregou-lhe a provincia, virgem, durante o seu comando, das plantas inimigas. Com efeito, graças às providências por êle tomadas, o inimigo não ousára penetrar uma única vez em nosso território, e conservou-se inativo, apezar de já ter cêrca de quatro mil homens. Apenas pelo lado do Serro-Largo e de Santa Tereza, na parte da fronteira entregue pelo barão ao general Corrêa da Câmara (Bento), mostrou-se o inimigo em força.

No departamento do Serro-Largo apresentou-se o coronel Ignacio Oribe, entrincheirando-se perto de Conventos, à margem do Taquarí, d'onde foi a 7 de Dezembro desalojado por quinhentos dos nossos bravos ao mando do coronel (Bento) Gonçalves, deixando em nosso poder, além de muitos mortos e feridos, trinta e quatro prisioneiros (entre os quais um oficial), uma bandeira, muito armamento, seiscentos cavalos, e toda a correspondência (60).

Em frente ao pequeno forte de Santa Tereza apresentou-se a trinta e um d'esse mesmo mês o coronel inimigo Leonardo de Oliveira, que conseguiu surpreender a guarnição d'êsse ponto, comandada por um alferes, e a guarda do Chuí, retirando-se pouco depois com algum armamento e vários prisioneiros, entre os quais alguns oficiais (61).

Esta surpresa e aquele combate foram os dois únicos feitos de armas que tiveram lugar na fronteira desde que o barão do Serro-Largo voltou para a provincia até que entregou o comando das forças, que a guarneciam, ao general Rosado.

Este, desde que tomou conta do govêrno das armas começou a contrariar todas as sábias disposições tomadas pelo seu antecessor para cobrir a fronteira.

Amontoou em Sant'Ana do Livramento todo o exército, exceto a pequena brigada de Bento Gonçalves, que conservou-se no Jaguarão, pela enérgica resistência d'êste chefe.

Reunidas as tropas sôbre um pequeno recinto, começaram a aparecer moléstias, que, tornando-se epidêmicas, dizimaram cruelmente suas fileiras e reduziram os soldados a um estado de abatimento, que muito influiu sôbre as ulteriores operações do exército. Desprovidos de tudo, mal vestidos, pessimamente alimentados, entregues a meia

---

(60) Sôbre êsse combate veja-se a parte oficial do marechal de campo Corrêa da Câmara, comandante da fronteira do Rio Grande. Ignácio Oribe retirou-se em desordem, acossado pelos nossos, até Frayle-Muerto.

(61) Êste sucesso, cuja inteligência é manifesta, passa todavia no Estado Oriental, por uma **brilhante e assinalada vitória.** Mais de uma vez temos visto apontado o combate de Santa Tereza (nem combate houve!) como um padrão de glória das armas Orientais.

dúzia de cirurgiões, que, além de baldos de conhecimentos, não dispunham de um hospital regular, nem dos medicamentos mais indispensáveis, os infelizes soldados sofreram toda sorte de privações e de sofrimentos durante o comando de general Rosado. A desinteligência mesquinha, que existia entre êste e o presidente da província, general Gordilho (primeiro visconde de Camamú) agravou consideravelmente êsse triste estado de cousas (62).

Concentradas em Santa Ana do Livramento todas as nossas fôrças, a fronteira ficou inteiramente aberta. O inimigo, aproveitando-se disso, entrou por ela mais de uma vez, entregando ao saque e à devastação o território banhado pelo Uruguai, sem que encontrasse um só destacamento nosso, pois a brigada de Bento Manoel, que o barão do Serro Largo colocara no Rincon de Catalan, e que poderia obstar aquela incursão, se tinha reunido também, ao exército por ordem do novo comandante das armas. Era tal o estado do exército, que, pedindo uma vez Bento Manoel autorização para bater o inimigo, que se apresentara no Uruguai, foi-lhe respondido que não havia no acampamento cartuchos suficientes para semelhante emprêsa!

Ainda assim algumas vezes mediram-se os nossos com as fôrças imperiais (63); mas essas vantagens, pela má colocação do nosso exército, eram alcançadas depois que o inimigo assolava nosso território, causando prejuizos imensos, e punha a salvo grande parte do que roubava. E, como se não bastasse a inépcia com que o novo comandante das armas abandonou ao inimigo toda a fronteira, a demora na remessa de fôrças para o sul, conservando durante todo o ano de 1826 inativas as nossas tropas, veiu dar tempo a que os argentinos preparassem e disciplinassem um magnífico exército, superior a doze mil homens.

---

(62) Veja-se a interessante Memória do Sr. Machado de Oliveira, sôbre a campanha de 1827, no tomo XXIII da **Revista do Instituto Histórico.**

(63) A 6 de Agosto o bravo major A. de Medeiros Costa derrotou em Caraguatá a vanguarda de Ignácio Oribe ao mando de Claudio Berdun, destruindo-a de tal modo, que só trinta homens escaparam, ficando cento e quarenta e oito mortos ou feridos, e vinte dois, entre os quais dois oficiais, prisioneiros.

A vanguarda da coluna do tenente-coronel J. A. Martins, expedida para os lados do Quarahim contra trezentos bandidos comandados por um Lopez-Chico, alcançou-os já em retirada, passando o **Toro-passo**. Bastou essa pequena forma comandada pelo capitão Gabriel Gomes Lisbôa, para arrojá-los á margem direita do Uruguai, retomando grande parte dos roubos que haviam feito.

Mas o combate da **Capilla del Rosario** no Merinay (Corrientes) foi o mais importante d'êsses feitos d'armas. Bento Manoel fôra despachado com a primeira brigada contra uma força correntina ao mando de Felix Aguirre, que saqueava as Missões Orientais. A' sua aproximação fugiu o inimigo para Corrientes.

O intrépido paulista atravessou o Uruguai a 31 de Outubro, e a 5 de Novembro colheu a gente de Aguirre. Colocou-se êste na Capilla del Rosario com oitocentos homens e três peças, postando muito adiante, e d'êste lado do Merinay, o coronel Pedro Gomes Toribio com outros duzentos. Bento Manoel desbaratou inteiramente esta força, ficando Toribio entre os mortos, e avançou sôbre a outra; mas Aguirre com sua artilharia pôz-se logo em retirada, deixando, para

Tais foram as consequências da demissão de Abreu. Tal o estado da província e do exército depois que êle deixou o comando das armas.

Estas notícias desoladoras puderam alfim chegar aos ouvidos do Sr. D. edro I; e o Príncnpe patriota tomou a resolução de ir pessoalmente inspecionar o teatro dos acontecimentos, para que por si mesmo pudesse, usando de sua influência e prestígio, dar remédio a tantos males.

O Imperador compreendeu que era preciso aumentar o exército, e habilitá-lo com os meios necessários para marchar contra o inimigo, sem esperar que êste se fortalecesse e viesse procurar os nossos soldados na ocasião que lhe fosse mais conveniente.

IX

O barão do Serro-Largo oferece-se para organisar um corpo de voluntários. — O Imperador regressa à côrte. — O marquez de Barbacena é nomeado comandante em chefe do exército. — Conferência do marquez com o barão do Serro-Largo. *— Este recusa aceitar o comando de uma divisão, e só pede o do corpo de voluntários que ia organisar. — Parte para S. Gabriel, para onde chama os seus velhos companheiros de armas. — O exército argentino dirige-se à nossa fronteira. — Movimentos dos dois exércitos. — Junção de Barbacena e de Brown no arroio das Palmas. — Fuga simulada de Alvear. — O barão do Serro-Largo reune-se ao exército no passo dos Enforcados. — É incumbido de comandar a vanguarda. — Marcha do exército em direção ao passo do Rosario. — Batalha de Ituzaingó. — Morte do barão do Serro-Largo.*

Votado ao esquecimento, vivia o bravo barão do Serro Largo ignorado nos subúrbios de Pôrto Alegre, só entregue às afeições da família. Tragava em silêncio a injustiça de que fôra vítima, quando a pre-

---

protegê-la, trezentos soldados, que foram igualmente destroçados. No campo deixou o inimigo trezentos homens mortos ou feridos, muito armamento e mais de mil cavalos. Tivemos um oficial e trinta e sete praças fóra de combate. Só falamos nos combates que tiveram lugar com as forças que guarneciam a provincia do Rio Grande. No Rio da Praça muitas ações brilhantes ilustraram, n'êsse ano de 1826, as armas imperiais, sendo as mais notáveis a defesa da praça da Colonia (atacada pelo almirante argentino Brown e pelo general Lavalleja, e defendida pelo general Rodrigues, barão de Taquarí), e a vitória naval alcançada pelo chefe de divisão James Norton, no dia 30 de Julho, sôbre a esquadra inimiga. E já que tocámos n'esses feitos d'armas, cumpre-nos dizer que o Sr. A. D. Pascual enganou-se nos seus **Apuntes**, quando disse, á pág. 259 do 1.º vol., firmando-se em Armitage, que sofremos uma **quasi derrota** junto á Enseada no dia 9 de Fevereiro. N'êsse dia travou-se perto da ponta de Corales um combate naval, sendo Brown repelido e batido pelo vice-almirante Rodrigo Lobo. No dia 11 de Abril não surpreendeu Brown nossa esquadra, como diz o mesmo escritor. Apresentou-se êle nas vizinhanças de Montevidéo, e foi logo perseguido por Norton, que saiu ao seu encontro, e com êle bateu-se, pondo-o em fuga. Quanto á abordagem da fragata **Imperatriz**, na noite de 27 d'êsse mesmo mês, de que fala o Sr. Pascual á mesma página, houve com efeito falta de vigilancia da nossa parte, mas, apezar d'isso, foi Brown repelido e obrigado a fugir.

sença do excelso fundador do Império, despertando entre os riograndenses o amortecido entusiasmo, fê-lo sair do seu retiro para oferecer à pátria como simples soldado a sua espada gloriosa.

Infelizmente a presença do Imperador, se muitos benefícios levou ao exército, não pôde todavia produzir todas as vantagens que eram de esperar.

E a sua volta súbita e inesperada fez com que a província recaisse na mesma prostação em que estivera antes mergulhada. Foi assim que mui dificilmente se pôde recolher o produto de uma subscrição popular, agenciada durante a presença do Príncipe, com o fim de auxiliar as urgências do Estado nas despesas da guerra, e que dos homens que se haviam oferecido para reunir voluntários, destinados a engrossar as fileiras do exército, apenas o barão do Serro Largo cumpriu a sua promessa.

Que atalidade pesava então sôbre o govêrno do Brasil! Possuiamos um exército numeroso e agurrido, que facilmente poderia ternos assegurado pronta vitória, e, não obstante, no teatro da luta havia apenas recursos insignificantes e uma fôrça mais que diminuta!

Ao regressar para a Côrte, o Imperador deixara já no Rio Grande o novo presidente e o comandante em chefe do exército. Para o primeiro dêsses lugares havia sido nomeado o brigadeiro Salvador José Maciel, e para o segundo o tenente-general marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes).

O novo general quiz aproveitar os serviços do ilustre barão do Serro Largo, cujo nome conhecia e respeitava, e antes de partir para Santa Ana do Livramento teve com êle uma larga conferência, manifestando-lhe por essa ocasião toda a estima e veneração que lhe votava.

Querendo dar-lhe no exército uma posição condigna ao elevado posto que ocupava, ofereceu-lhe o marquez o comando de uma divisão, mas o velho general opôz-se formalmente a isso, e preferiu combater como simples soldado a aceitar tão honrosa comissão.

Depois dessa conferência o barão do Serro Largo dirigiu-se a São Gabriel, onde começou a reunir os voluntários que acudiram ao seu chamado, e o marquez encaminhou-se para Sant'Ana do Livramento, onde chegou no 1.º de janeiro de 1827, tomando posse do comando do exército 10 dias depois (64).

---

(64) Titára, nas suas **Memórias do grande exército allado libertador do Sul da América**, diz erradamente que o marquez tomára o comando no dia 1.º. N'êste dia apresentou-se êle ao exército, passando-lhe revista, mas só a 11 tomou conta do comando. Eis a proclamação que dirigiu aos seus soldados: — "Bravos do exército do sul! brasileiros. O Imperador nô-lo concedeu, e eu procurarei compensar a tão alta mercê, proporcionando ao exército todos os fornecimentos ne-

Já a êsse tempo movia-se em procura da nossa fronteira (65) o exército argentino do general Alvear, forte de onze mil homens e vinte e quatro bocas de fogo (66). A inação em que estivemos por espaço de mais de um ano dera tempo a que o inimigo se preparasse descansadamente e assumisse a ofensiva, reconhecendo-se habilitado para guerrear-nos em nosso próprio território.

A direção que traziam os contrários era ignorada dos nossos, mas, qualquer que ela fosse, devêra decidir o marquez a bandonar Sant'Ana do Livramento, para reunir-se às fôrças que às ordens do marechal de campo Gustavo Henrique Brown, chefe do estado-maior, achavam-se na fronteira do Jaguarão (67).

---

cessários a seu comodo e existência, dispondo e aproveitando toda a ocasião de encontrar com o inimigo.

"A proclamação imperial de 16 de Dezembro, que acaba de ser distribuida, me dispensa de recomendar-vos cousa alguma. Cumpra cada um de nós o que o magnanimo Imperador determina, que a disciplina, a abundancia e a vitória serão inseparáveis de nossas fileiras. — Quartel-general em Sant'Ana do Livramento, 1.º de Janeiro de 1827. — Marquez de Barbacena".

(65) Começou a mover-se no dia 26 de Dezembro, deixando o acampamento do Arroio-Grande (Vejam-se os boletins do exército republicano). Ao pisar em nosso território fez o general inimigo espalhar a seguinte proclamação: — "Brasileiros! O exército da república pisa o vosso território. Olhai, e por toda parte encontrareis n'êle os prenuncios da liberdade. Os que com inaudito valor escalaram os nevados Andes para romper as cadeias de meio mundo, e desde uma até outra zona levaram nas pontas de suas baionetas a grande carta da soberania do povo, são os mesmos que hoje vos saudam. Brasileiros! O exército republicano é o amigo de todos os povos, porque a sua causa é a mesma dos povos: — liberdade, igualdade e independência. Êle se move para obrigar vosso Imperador a desistir de uma pretensão injusta. Um dia atreveu-se êle a insultar a magestade do grande povo argentino, e o govêrno da república encarregou-nos de fazê-lo entrar em seus deveres. O Imperador é o único responsável pelos males que podem cair sôbre vós; tratae de evitá-los com o vosso procedimento, nós não vos causaremos diretamente o menor prejuizo. O exército republicano não leva consigo senão força, justiça, ordem, liberdade e igualdade; dom do céu, patrimônio da América, e do qual só vós estais ainda excluidos. Brasileiros! Repousai tranquilos em vossos lares; o pavilhão republicano será vossa égide; vossas propriedades serão respeitadas, vossas pessoas garantidas. Nossas armas só se dirigem contra os soldados do Imperador; porém, desgraçados dos que, confundindo os interêsses do povo com os d'aquele, tratarem os argentinos como inimigos. Eles não deixarão de ser livres, mas será a espada quem os conduzirá á felicidade, que agora desprezam, e que, em nome de sua pátria, lhes promete alcançar. — Carlos de Alvear".

(66) Formava três corpos ou divisões; um de infantaria ao mando do general E. Soler (era o 3.º corpo), e dois de cavalaria (1.º e 2.º) ao mando dos generais J. A. Lavalleja e Julian Laguna. A artilharia era comandada pelo coronel Iriarte.

(67) Titára diz erradamente na citada obra, pág. 118, que essa força se desmembrou do exército marchando para o Jaguarão. O Sr. A. D. Pascual, que o copia n'esse ponto nos seus **Apuntes para la historia de la Republica Oriental**, repete o mesmo êrro á pág. 295. Aquelas forças haviam desembarcado no Rio Grande, e marchavam a reunir-se ao exército.

O intento de Alvear era penetrar por Bagé, colocando-se entre Barbacena e Brown, para batê-los separadamente (68); mas, apezar das precauções que tomara no intuito de ocultar seus movimentos (69), passou pela decepção de ver frustrado o seu plano.

A 13 de janeiro o general em chefe deixou Sant'Ana do Livramento, e foi acampar na várzea do Mrro Grande (70), margem esquerda do Cunha-perú, destacando nêsse dia o general Sebastião Barreto com mil e setecentos homens da cavalaria para observar em Bagé o inimigo, e certificar-se de seus movimentos.

Moléstia repentina e perigosa deteve o marquez naquele sítio até ao dia 19; mas três dias antes (a 16), recebendo comunicação de que o inimigo se mostrara em fôrça no passo das Pedras, e que uma de suas grandes avançadas penetrara em Bagé, expediu ordem a Gustavo Brown para que, quanto antes, se reunisse ao exército, e começou a forçar as marchas, tomando a 4 de fevereiro posição no arroio das Palmas (71), onde, protegido pelo terreno, esperou que o inimigo o viesse atacar.

No dia seguinte realizou-se a junção das fôrças que Brown conduzia desde a cidade do Rio de Janeiro (72).

Vendo destruido o seu plano, Alvear não ousou atacar o pequeno exército imperial na formidável posição que êste ocupava, e tomou o partido de atraí-lo para o interior da província, procurando o vale de Santa Maria.

Até então tinha o marquez de Barbacena manobrado com tino e habilidade. O rápido movimento que executou, para operar a junção com as fôrças da esquerda, separadas da direita por mais oitenta léguas, desconcertou completamente o general Alvear, e arrancou dêste palavras de admiração, que, partindo de um inimigo, constituem

---

(68) Alvear o diz na **Exposicion** que publicou em resposta á mensagem do govêrno.

(69) O inimigo seguiu por um terreno deserto e de difícil acésso, deixando em frente de Sant'Anna do Livramento, para iludir o marquez, uma força de cavalaria. Tão seguro estava Alvear de que poderia realizar o seu plano, que no boletim n.º 2 fez escrever o seguinte:

"Tudo anuncia que o inimigo será surpreendido ao saber da verdadeira direção do exército, e que êsse triunfo se conseguiu por uma marcha de flanco executada com rapidez e ordem por um caminho deserto, por onde ninguem antes havia passado".

(70) Além dos boletins dos dois exércitos, dois escritos, documentos e informações que obtivemos, guia-nos a **Resposta do brigadeiro Cunha Mattos ao Sr. Rasgado** — Rio — 1827.

(71) Chegou no dia 2 ao arroio das Palmas, mas só no dia 4 ocupou a posição em que esperou o inimigo.

(72) Essa força eleva-se a dois mil e quinhentos homens.

o mais belo dos elogios (73); mas desde que teve notícia da marcha do exército contrário em direção a São Gabriel, e da sua simulada fuga, o nosso general abandonou o campo das Palmas, e forçou as marchas em seu seguimento, caindo assim no laço que lhe armara o seu adversário.

Acreditou que um exército com cêrca de onze mil homens, composto de excelente tropa, fugir diante d um que não chegava a contar sete mil, e deixou-se arrastar pelo inimigo até ao lugar que este escolhera para oferecer-lhe batalha.

O barão do Serro Largo, cumprindo a sua promessa, já tinha reunido em São Gabriel grande número de veteranos, seus companheiros de armas, e desertores indultados, que ao grito de seu nome acudiam dos distritos da Serra.

Ressentido do procedimento que para com êle se teve, apenas solicitou o comando do pequeno corpo que organizara e nessa medíocre posição reuniu-se ao exército no dia 13 de fevereiro, encontrando-o acampado à margem do Camacuã-Grande, em frente ao passo dos Enforcados.

Êste fato por certo recomenda-o muito ao respeito e à admiração da posteridade. Foi sem dúvida um exemplo raro de abnegação e de amor pátrio êsse que então deu o marechal de campo barão do Serro Largo, sujeitando-se a comandar um simples corpo de cavalaria, êle que em outros tempos ocupara cargos e comissões importantes, e a quem fôra já cometido o mando de todas as tropas em operações no Rio Grande.

A fôrça com que se apresentou, e que não chegava a seiscentos homens, recebeu no exército a denominação de **Corpo de paisanos**, denominação bem cabida, porque as praças de que se compunha já tinham perdido todos os hábitos de disciplina que caracterizam as tropas regulares (74); só havia nelas aquêle valor antigo, dedicação pela pátria e confiança e amor para com o intrépido cabo de guerra que os comandava.

Ao reunir-se ao exército, Abreu levou-lhe a notícia de que Alvear seguia em direção a São Gabriel, notícia que foi poucos instantes confirmada, sabendo-se mais que as fôrças inimigas haviam acampado já naquêle ponto.

O marquez confiou ao ilustre barão do Serro Largo a importante missão de fazer o serviço da vanguarda do exército com o seu pequeno corpo de voluntários ,e começou a acelerar as marchas. Em qua-

---

(73) "... então (diz Alvear) **tomou uma resolução que lhe faz muita honra, não só pelos conhecimentos militares que revela, vendo a difícil posição em que o haviam colocado as manobras do seu contrário,** etc." **Veja-se a Exposição de Alvear em resposta á Mensagem do Govêrno** — Buenos-Aires, 1828, 1 volume.

(74) Veja-se a Memoria do Sr. Machado de Oliveira.

tro dias venceu o nosso exército, acampando sucessivamente em vários galhos do Camaquã, as vinte e três léguas que separam daquela povoação o passo dos Enforcados.

A 17 a vanguarda de Serro Largo entrou em São Gabriel, achando-a abandonada do inimigo, e livrou-a do incêndio que havia destruido já três casas.

Em São Gabriel soube o marquez que Alvear procurava o passo do Rosário, no Santa Maria, e que tinha abandonado algum trem pesado. Isso convenceu-o ainda mais de que o seu adversário fugia precipitadamente diante do exército imperial, e dirigindo a êste uma proclamação, continou a forçar as marchas (75).

Na madrugada de 19 fez reforçar a vanguarda, e foi acampar a três léguas e meia de São Gabriel, no campo dos Salsos, depois de ter atravessado o banhado de Inhatium, que estava quase todo seco pelo rigor da estação calmosa.

No campo dos Salsos houve um ligeiro ataque entre as fôrças do barão do Serro Largo e a retaguarda inimiga, formada por um corpo considerável de cavalaria. Depois de renhido tiroteio, a nossa vanguarda atacou o inimigo, e forçou-o a pôr-se em retirada.

Sabendo, pouco antes das 4½ da tarde, do resultado dessa escaramuça, o marquez levantou o campo, e foi colocar-se já à noite em uns banhados secos da estância de Antônio Francisco, situada à esquerda da estrada, três léguas adiante do último acampamento.

---

(75) Eis-la: — Soldados! Quando o inimigo se apresentou n'esta fronteira, estava o centro do exército imperial a mais de 80 léguas de distancia das divisões da esquerda; estaveis sem transporte, e até com falta de armamento e munições de guerra. Vosso valor e vosso patriotismo venceram todas as dificuldades, e por marchas forçadas e atrevidas, quasi á vista do inimigo, e estando os postos avançados em constante tiroteio, conseguistes fazer junção com a maior parte das tropas da esquerda no dia 5 do corrente; as outras reuniram-se nos dias 11 e 13. Então fazia o inimigo todas as demonstrações de atacar-nos, e posto que, por sua superioridade numérica, e pela linguagem de suas proclamações, o ataque parecia provável, não passou de demonstrações, e, deixando as margens de Camaquan, colorou aquele principio de retirada, dizendo que nos esperava nos campos de S. Gabriel, ou que seguiria para Pôrto Alegre. Por novas marchas forçadas aqui chegastes esta manhã, e, longe de encontrarmos o inimigo, achamos a certeza de sua vergonhosa e precipitada fugida, havendo a retaguarda, comandada por Lavalleja, deixado a povoação de S. Gabriel ôntem pelas 4 1/2 da tarde, entretanto, que Alvear adiantou de quatro marchas a infantaria e artilharia. Bem quizéra eu dar-vos algum descanso depois de tantos centos de léguas de marcha com um sol abrasador, e até alguns dias sem água, e muitos sem pão ou farinha; mas um instante de demora nos privaria de colher os frutos de nossos trabalhos, e de termos acabado a guerra para sempre, como exigem a honra e a gloria do exército imperial. Soldados! Redobremos de esforços: a vitória é certa, na cidade de Buenos-Aires vingaremos as hostilidades cometidas nas pequenas povoações de Bagé e S. Gabriel! Quartel-general em S. Gabriel, 17 de Fevereiro de 1827. — Marquez de Barbacena, tenente-general, comandante em chefe".

Aí apresentaram-se-lhe alguns prisioneiros soltos por Alvear, dando a notícia de que êste efetuava a passagem do Santa Maria.

Oardil, de que lançou mão o chefe inimigo, acabou de alucinar o nosso general (76), que apenas deu ao exército três horas de descanço, ordenado que a cavalaria e a artilharia não soltassem os cavalos, e os conservassem presos pela soga, afim de que pudesse marchar ao primeiro sinal.

Logo que a lua começou a despontar, os nossos soldados puzeram-se de novo em movimento, posto que extenuados de cansaço. A vanguarda foi nessa ocasião reforçada com a brigada do coronel Bento Gonçalves, composta dos regimentos de segunda linha n.ºs 21 e 39 e de quatro companhias de guerrilhas, reforço êste que elevou as fôrças do barão do Serro Largo a mil e cento e cincoenta homens de cavalaria.

Não devemos omitir aqui um fato de muito valor pelas consequências que teve. Reunindo-se ao exército o barão do Serro Largo, requisitou do general em chefe o número de cavalos necessários para o seu corpo, por não lhe inspirarem confiança alguma os que trazia,

---

(76) Em mais d um ponto da sua interessante **Memória**, publicada no tomo XXIII da **Revista do Instituto**, diz o Sr. general Machado de Oliveira que o exército inimigo retirava-se diante do nosso, evitando uma ação geral. Não podemos infelizmente deixar de divergir do conceito de tão distinto escritor, e quando dissemos que a retirada de Alvear era simulada, feita no intuito de dividir as nossas forças, e de atraí-las para terreno mais vantajoso a êle, dissemo-lo com fundamentos muito valiosos.

As razões em que se baseia o Sr. Machado de Oliveira para assim pensar encontram-se a páginas 526, 534 e seguintes da referida **Revista**. Em substancia são estas: 1.ª, ter-se o inimigo abstido de atacar-nos no arroio das Palmas, quando o exército não estava ainda todo reunido, e subsequentemente ter-se afastado das nossas forças em direção a S. Gabriel; 2.ª, a precipitação com que deixou êsse ponto á aproximação da nossa vanguarda, abandonando trem de guerra, bagagem e a cavalhada inutilisada (pág. 534), o que foi em verdade encontrado no passo do arroio Cacequí; 3.ª, ter deixado as adjacências de S. Gabriel, onde a sua cavalaria podia manobrar com muito mais vantagem do que no lugar em que se deu a batalha; 4.ª, ter começado a passagem do Santa Maria, para cuja margem esquerda fez Alvear passar o trem pesado do seu exército e até um regimento. De tudo isto conclúe o Sr. Machado de Oliveira que os argentinos retiravam-se diante do nosso exército, e que, se aceitaram a batalha, foi porque êste, que os seguia de perto, obrigou-os a isso.

É certo que os argentinos não se animaram a atacar-nos no arroio das Palmas, porque o terreno nos favorecia imensamente, e tolhia o concurso da cavalaria, que era a arma mais poderosa do seu exército: mas a precipitação de sua retirada, quando eles possuiam um exército mais numeroso que o nosso, não passou de uma hábil tática de Alvear. Para mais facilmente iludir o nosso general, deixou êle no passo do Cacequí, vários objétos, que nenhuma falta lhe faziam, fez transportar para a outra margem do Santa Maria as suas bagagens e trem pesado, ordenando ao mesmo tempo que um regimento transpuzesse o rio. Essa última operação foi feita na presença de alguns prisioneiros, aos quais êle deu liberdade, e forneceu cavalos, afim de que levassem ao nosso campo, como sucedeu, a noticia de que o exército republicano começava a atravessar o rio.

em consequência do seu estado de fraqueza; e o marquez, atendendo à tão justa requisição, ordenou imediatamente ao general Sebastião Barreto, incumbido da distribuição da cavalhada, que satisfizesse ao pedido de Abreu.

A reclamação de Serro Largo não foi, porém, atendida, Barreto recusou-se positivamente a fornecer-lhe os cavalos de que carecia, porque, segundo então declarou, os que existiam mal chegavam para os diversos corpos do exército. Se o motivo era fundado, ou se ditou-o sòmente a inimizade que êsse oficial votava desde 1825 ao barão, é o que nãopodemos dizer com segurança: não faltaram, porém, acusadores que o denunciassem como antepondo aos interêsses e à honra do país seus despeitos e ódios pessoais. O certo é que essa recusa produziu resultados funestos, e quem conhece os hábitos dos cavaleiros do sul, pode avaliar a impressão que causou ela entre os soldados do barão. Não obstante, guiados pelo prestígio de seu chefe puderam sufocar o desânimo de que estavam possuidos, e continuaram no encalço do inimigo.

Quando o dia começava a despontar, avistou a nossa vanguarda fôrças inimigas. O barão deu-se pressa em prevenir o general em chefe (77), e êste, firmemente persuadido de que grande parte do exército argentino estava já na margem esquerda do Santa Maria, acelerou a marcha, julgando que tinha de haver-se unicamente com uma fração dêle.

Qual não seria a sua surpresa, quando às 5 3/4 da manhã avistou

---

Mas, apenas estes partiram, o regimento, que se havia transportado para o outro lado do Santa Maria, regressou, incorporando-se novamente ao exército. Quanto aos objetos que o inimigo abandonou no Cacequí, e de que fala o Sr. Machado de Oliveira, não passavam eles de caixões com papeis velhos, mapas, relações e partes, armamento inutilisado, canastras velhas, etc. Tudo isso foi examinado no dia 21 pelo Exm.º Sr. marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva, que nos ministrou obsequiosamente muitos e importantes esclarecimentos sôbre essa campanha. Há, porém, uma outra circunstancia de muito peso, que nos foi comunicada pelo mesmo Sr. Lima e Silva, e que nos levou a dizer que Alvear tinha escolhido de antemão o campo de batalha. Esse general conhecia perfeitamente todo o vale do Santa Maria nas proximidades do Ibicuí. Não havia ainda 20 anos, tinha êle residido por largo espaço de tempo na estancia do brigadeiro Antonio Pinto da Fontoura, situada do outro lado do rio, tendo muitas vezes percorrido os terrenos circunvizinhos nos frequentes passeios que dava. Das relações que teve n'aquele tempo com a familia Fontoura mostrou êle conservar ainda recordações e reconhecimento, porque, quando o seu exército esteve acampado no passo do Rosario, levantando todo o gado que encontrava, respeitou essa estancia, e só a ela mandou pedir alguns carneiros.

(77) Titára diz que o barão supôz que fosse um pequeno corpo inimigo, e que, não querendo repartir com outros os louros da vitória, não participou ao general em chefe que havia avistado os contrários. O Sr. A. D. Pascual, nos seus **Apuntes** ultimamente publicados, repete essa censura, que é inteiramente infundada.

em linha mais de dez mil homens, esperando-o firmes no lugar que haviam escolhido para oferecer-lhe combate ?!

Já era tarde para recuar. Nossa vanguarda, ao mando do intrépido Serro Largo, sustentava um renhido fogo de atiradores com as avançadas inimigas. Era preciso tomar posições e pelejar.

Nosso pequeno exército, apenas composto de cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens, com dez bocas de fogo (78), colocou-se em frente do inimigo, que se achava postado na coxilha de Santa Rosa, e o ataque começou, tendo lugar a célebre batalha de Ituzaingô.

Êsse punhado de bravos (79), que não descançavam desde a madrugada de 19, e que desde então quase não haviam tomado alimento, tiveram de bater-se com exército duas vezes superior em número, e que a esta vantagem reunia a de estar em repouso havia dois dias (80).

Não cabe nos limites dêste humilde trabalho dar aqui uma notícia circunstanciada da batalha de 20 de fevereiro de 1827, batalha em que tantos rasgos de valor e de heroismo obraram os nossos soldados, faltando-nos apenas um general hábil e experimentado. Talvez o façamos mais tarde, se, como desejamos, pudermos escrever a histór dessa guerra desgraçada, cuja direção foi uma série não interrompida de desacertos fatais.

As duas divisões do general Callado (2.ª) e Sebastião Barreto (1.ª) foram colocadas a grande distância uma da outra, de sorte que não

---

(78) A força total do exército brasileiro, incluindo os quinhentos e sessenta voluntários do barão do Serro-Largo, montava a sete mil e duzentos e oitenta e sete homens, dos quais quatro mil duzentos e noventa e oito de cavalaria, dois mil e cento e oitenta e nove de infantaria, duzentos e quarenta de artilharia. Mas a 1.ª brigada ligeira, ao mando de Bento Manoel e forte de mil e duzentos homens de excelente cavalaria, tendo sido destacada do exército no dia 3, só se reuniu a êle no dia seguinte ao da batalha, á qual não assistiram também cento e cincoenta e três infantes. Deduzindo-se do numero total estes mil e treezntos e cincoenta e três homens, verse-á que só estiveram presentes e ela cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens.

(79) N'essa manhã saíram de S. Gabriel e pararam no campo dos Salsos, descansando apenas três horas; ás 5 horas da tarde continuaram a marchar, e fizeram uma parada desde ás 10 da noite até 1 hora da madrugada de 20. A essa hora continuaram a marcha, avistando o inimigo ás 6 horas.

(80) Está hoje provado pelos mapas oficiais, tando do nosso exército, como do exército republicano, que pelejaram em Ituzaingo, de um lado dez mil e quinhentos e cincoenta e sete argentinos e orientais, com vinte e quatro canhões, do outro cinco mil e quinhentos e sessenta e sete, com dez bocas de fogo. Entrétanto Alvear teve a habilidade de dizer na sua **Esposicion** que só tinha seis mil e duzentos homens, e que os nossos eram dez mil; falsidade que ainda hoje se repete no Rio da Prata, apezar de estarem de há muito no dominio público os documentos que a desmentem. Não transcrevemos aqui esses mapas, mas eles encontram-se na obra de Titára, que primeiro os publicou e na **Memoria** do Sr. Machado de Oliveira, assim como nos **Apuntes** do Sr. A. D. Pascual.

puderam durante o combate manobrar de acôrdo, nem auxiliarem-se mutuamente.

Quasi em frente à primeira d'aquelas divisões ficou o barão do Serro-Largo com o seu corpo de voluntários, a brigada de Bento Gonçalves e uma peça de artilharia, mantendo com o 1.º corpo do exército argentino um fogo renhido de atiradores.

A divisão Barreto, composta de dois mil e seiscentos e trinta e cinco homens, avançou contra a esquerda e centro do exército de Alvear, recebendo n'essa ocasião Bento Gonçalves ordem de abandonar o ponto que ocupava, de sorte que unicamente ficou em nosso flanco esquerdo a força do barão do Serro-Largo, e a peça que lhe foi entregue no começo da ação pelo general Callado.

Vendo o movimento da 1.ª divisão, ordenou Alvear á cavalaria do general Laguna que o atacasse, enquanto a do general Lavalleja se arrojava contra as forças da nossa esquerda. Aquela divisão repeliu galhardamente as duas cargas que lhe dirigiu o inimigo, e continuou a avançar sobre as posições contrárias. A 2.ª, do general Callado, estava ainda imóvel, esquecida pelo nosso general na posição que lhe fôra destinada desde o começo da batalha, quando a cavalaria de Lavalleja moveu-se para atacá-la.

Antes de chegar até ela tinha êste chefe de encontrar-se com a pequena coluna do barão do Serro-Largo, que como dissemos, guardava o nosso flanco esquerdo, e era como que a vanguarda da 2.ª divisão.

Com o grosso de suas forças, em número de três mil e cem homens, avançou Lavalleja para atacá-la pela frente. O barão, que apenas tinha quinhentos e sessenta voluntários mal montados, não teve a insana pretenção de resistir áquela massa imponente, que marchava ao seu encontro. Dispunha-se a recuar, batendo-se em retirada, até procurar a proteção da divisão do general Callado, quando subitamente apareceu uma coluna de perto de setecentos homens, que se lançou sôbre êle, atacando-o de flanco, enquanto Lavalleja o ameaçava pela frente.

Essa carta repentina e inesperada, e o cansaço dos cavalos não deram tempo a que os seus soldados, dispersos a maior parte em linhas de atiradores, se formassem com rapidez.

O inimigo apanhou-os em confusão e carregou-os. Não o teriam talvez feito se Sebastião Barreto houvesse podido ou queridot atender à requisição do brioso e velho general, substituindo os cavalos fracos e cansados do seu corpo por outros mais fortes e frescos (81).

---

(81) No começo da batalha tinha ainda uma vez o barão do Serro-Largo requisitado do comandante em chefe a remonta de sua cavalhada, declarando terminantemente que não podia manter-se no campo com a que tinha. Nenhuma providencia se tomou! Veja-se a parte oficial do general Soares de Andréa (barão de Caçapava), que exercia as funções de ajudante-general.

Todos os esforços que fez o intrépido barão do Serro-Largo, para conter os seus soldados, foram inúteis.

A' carga do inimigo seguiu-se o completo destroço dos bravos e infelizes voluntários, que, confundidos com os orientais, vieram sôbre a 2.ª divisão.

Esta, não podendo distinguir os contrários dos amigos, formou quadrado, e rompeu o fogo sôbre a massa desordenada e confusa que lhe vinha em cima, sendo n'essa ocasião mortalmente ferido o velho barão do Serro-Largo.

Poucos momentos depois expirava o nosso bravo, com a mesma serenidade de ânimo com que tantas vezes se arrojára aos perigos dos combates.

Assim terminou sua carreira gloriosa êsse distinto veterano. A vida, que inteira consagrára à pátria, devia ser também sacrificada a ela, e, de feito, sua espada só deixou de combater quando a mão que a brandia caíu desfalecida.

Com tantos serviços, com tantas glorias, com tantas virtudes, tanta abnegação e civismo, o ilustre barão do Serro-Largo teve nos últimos dias de sua vida, como prêmio e recompensa, a ingratidão e o esquecimento do govêrno do seu país!...

Bem o disse Mme. de Sevigné: "Há serviços tão grandes e tão importantes, que só a ingratidão os póde pagar".

Mas acima das fragilidades e misérias dos contemporaneos, acima de seus ódios e de seus êrros, eleva-se um dia o juizo da posteridade, sempre severo, inflexivel e imparcial; e a posteridade, póde-se já dizê-lo, há de destinar a tão eximio cidadão e a tão ilustre vítima um lugar distinto entre os mais gloriosos e prestantes filhos da terra de Santa Cruz.

S. Paulo, 14 de Julho de 1865.

O BRASIL NA CARTOGRAFIA E NA LENDA

Prof. Walter Spalding

Diz-nos a história que foi Pedro Alvares Cabral quem descobriu o Brasil a 22 de abril de 1500.

Entretanto essa terra que Cabral batisou Véra Cruz, que também se chamou Santa Cruz e, por fim, para todo o sempre Brasil — não era novidade nos conhecimentos marítimos dos primórdios da idade média e continuou a ser lenda no próprio século de sua descoberta efetiva, e quando já estava iniciada a colonização.

Hennig admite onze descobrimentos da América antes de Colombo:

1) Navegantes da Asia Oriental, na antiguidade;
2) Irlandeses entre os séculos VI e VIII;
3) Vascongardos entre os séculos VIII e X;
4) Arí Marsson em 982;
5) Björn Asbrandson em 999;
6) Leif Erikson no ano 1000;
7) Gudleif Gudlangson em 1029;
8) Madoc, pelo ano de 1170;
9) Os normandos Adalbrand e Thorwald pelo ano de 1285;
10) Os pescadores das ilhas Far-Oer e o veneziano Zeno por volta de 1380, e finalmente,
11) Côrte Real, português, e Scolvus, dinamarquês, no ano de 1472.

Mas esses descobrimentos todos ficaram, praticamente, sem efeito.

Sabe-se que em relação a novas terras descobertas, o segredo era absoluto e, em consequência, ficavam, muitas vezes, esquecidas. Com a maioria das ilhas do Atlantico tal sucedeu e, quiçá, com as terras depois chamadas **novo mundo.**

Na Cartografia medieval inúmeras ilhas figuram visivelmente fantásticas quanto à colocação mas provavelmente reais quanto à existência.

Examinando alguns dêsses mapas, temos a impressão de que os navegantes e seus cartógrafos visitaram terras até então incógnitas, as ilhas do mar Caribe — e possivelmente a América do Sul, espalhando-

as à esmo pela vastidão do Atlantico, desde a Irlanda à altura do atual Dakar, mencionando, além disso, um conjunto denominado — **Antilia.**

Imaginação pura? Não o cremos, se bem narrativas existam que fazem honra ao maior mentiroso de todos os tempos — o barão de Münschausen.

Em dois grandes mapas do Atlantico, o de Bartolomeu Pareto e o de Benincasa encontramos sem número de ilhas: Brasil, Maury, Corui Marmi, Liconien, Sanzerso, Ventura, Collonbi, Brazil, Capraria, Louo, Insulle Fortunate **Sanct Brandany** Porto Santo, Legname, Verte, Selvagre, Ferro, Palma, Gomera, Inferno, Canaria, Ventura, Graciosa, Alegranza, Rocho, Lansarote, Maroxelo (Bartolomeu Pareto); San Giorgio, Bentura, Cholombi, Bracill, Chapraro, Louo, **Insulle Fortunate Sancti Brandanj,** Porto Sancto, Madera, Deserte, Seluagre, Ferro, Palma, Gomieia, Inferno, Channaria, Forte Bentura, Lancilotto, Gratiosa Alegrança, Rocho, Maroxello, Bechimarin, (G. Benincasa) e mais três ilhas ao Norte correspondendo uma a do Brasil, próximo a Irlanda, do mapa de Pareto, outra de Corui Marmi, e a terceira a de Liconien.

Mencionam, ambos — **Antillia** (Pareto) e **Antilia** (Benincasa). Este localisa ainda — Saluaga — a Oeste enquato Pareto desenha em forma de meia lua, a Oeste tambem, e correspondendo a **Saluaga,** outra ilha, mas sem nome e mais **Roillo,** — a O. da Antillia.

O mapa de Pareto traz a seguinte legenda:

> "Presbiter bartolomeus de pareto Ciuis Janue Acolitus Sanctissimi domini nostri pape Composuit Hamc Cartan MCCCCL v i Janua".

além de letras e outros sinais abaixo da legenda. O de Benincasa reza, segundo conseguimos lêr:

> "A Ortimarum Insule que multa nomina reperiuntur ut dicit Isidorus Lexy e a beato Brandano insule fortunate quare ab omniu papiti inessuram fructuu focon ditate eciaz insule st' uocate Quagestiliu error in carmine poetarum opter solly seconditate paradisuz esse pulauerunt. Nont est copia est, pomoru et auiu multitudo Melloc (ou Welloc) maximam copiã arietum Capraru multitudine et especialit erm Cannaria insula quest multitudine ignens fortitunis sit uoca in etiã multa aliaque modo non deseribuntar."

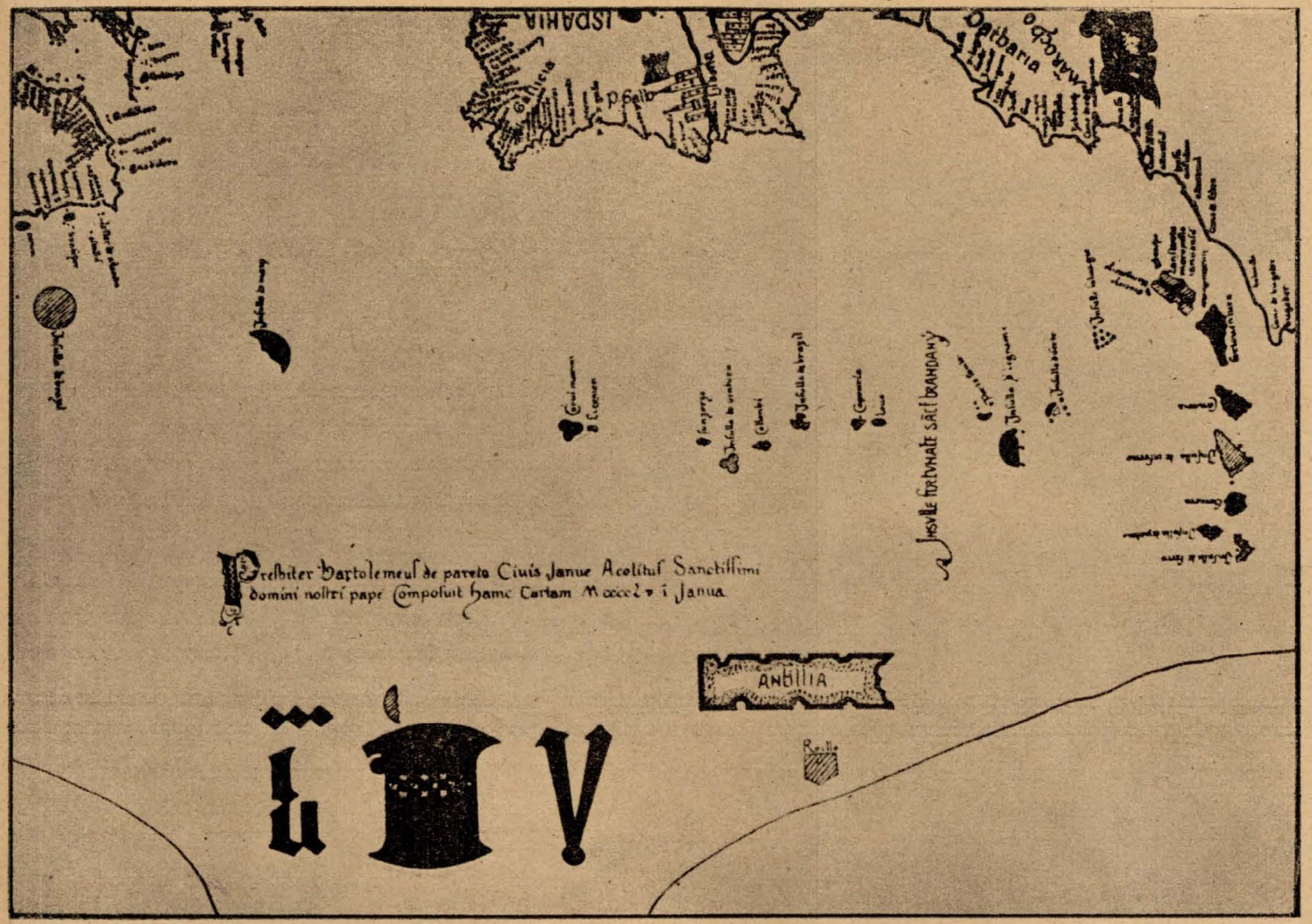
NOTA — **Por falta de til no u, as palavras** omniu, fructuu, e Capraru, **vão sem aquele sinal.**

Abaixo dessa legenda, à direita, escudo episcopal, e, à esquerda:

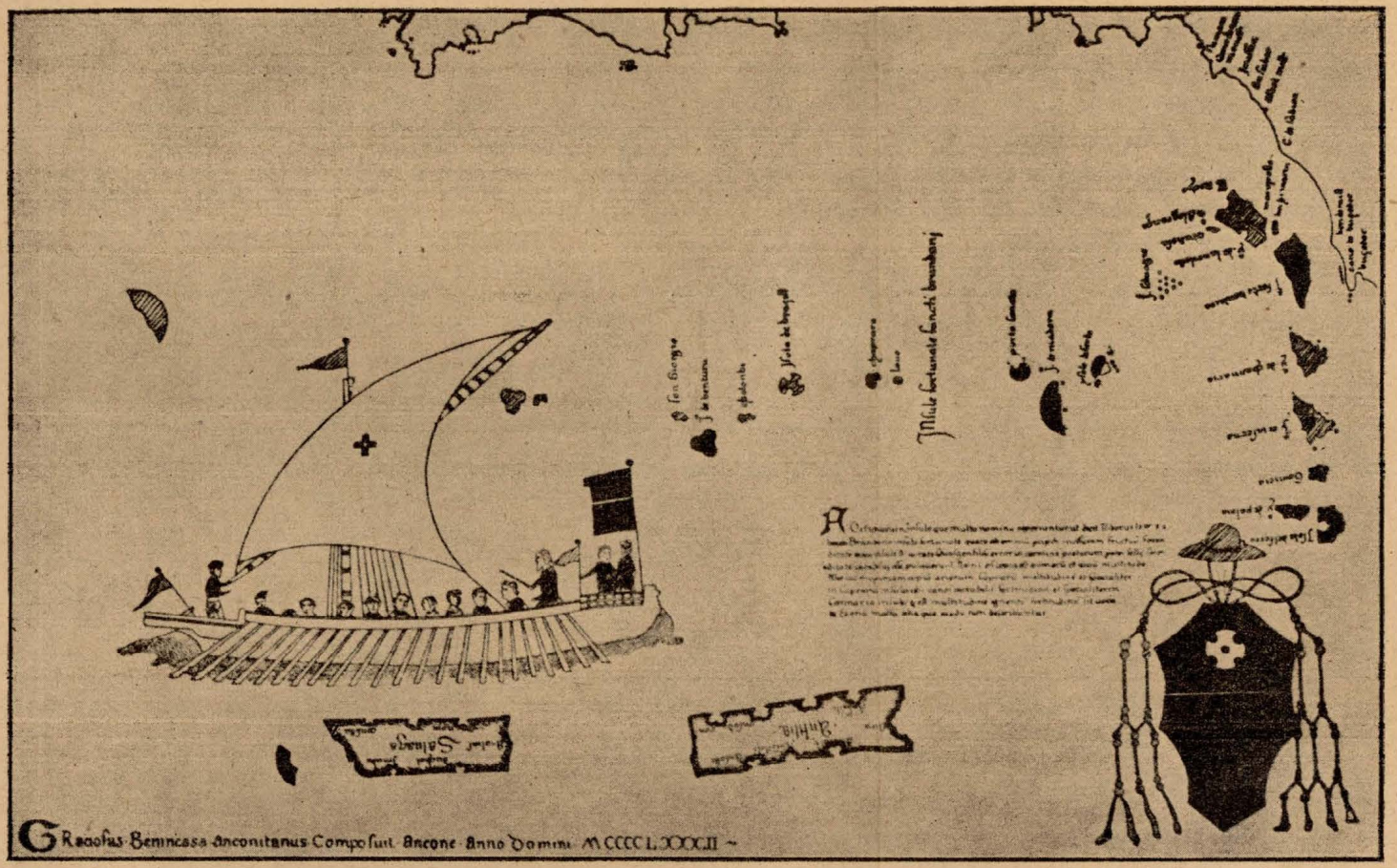
"Graciosus Benincasa, anconitanus. Composuit. Ancone. Anno Domini MCCCCLXXXII".

Andreas Bianco von 1436. (Markusbibliothek zu Venedig.)

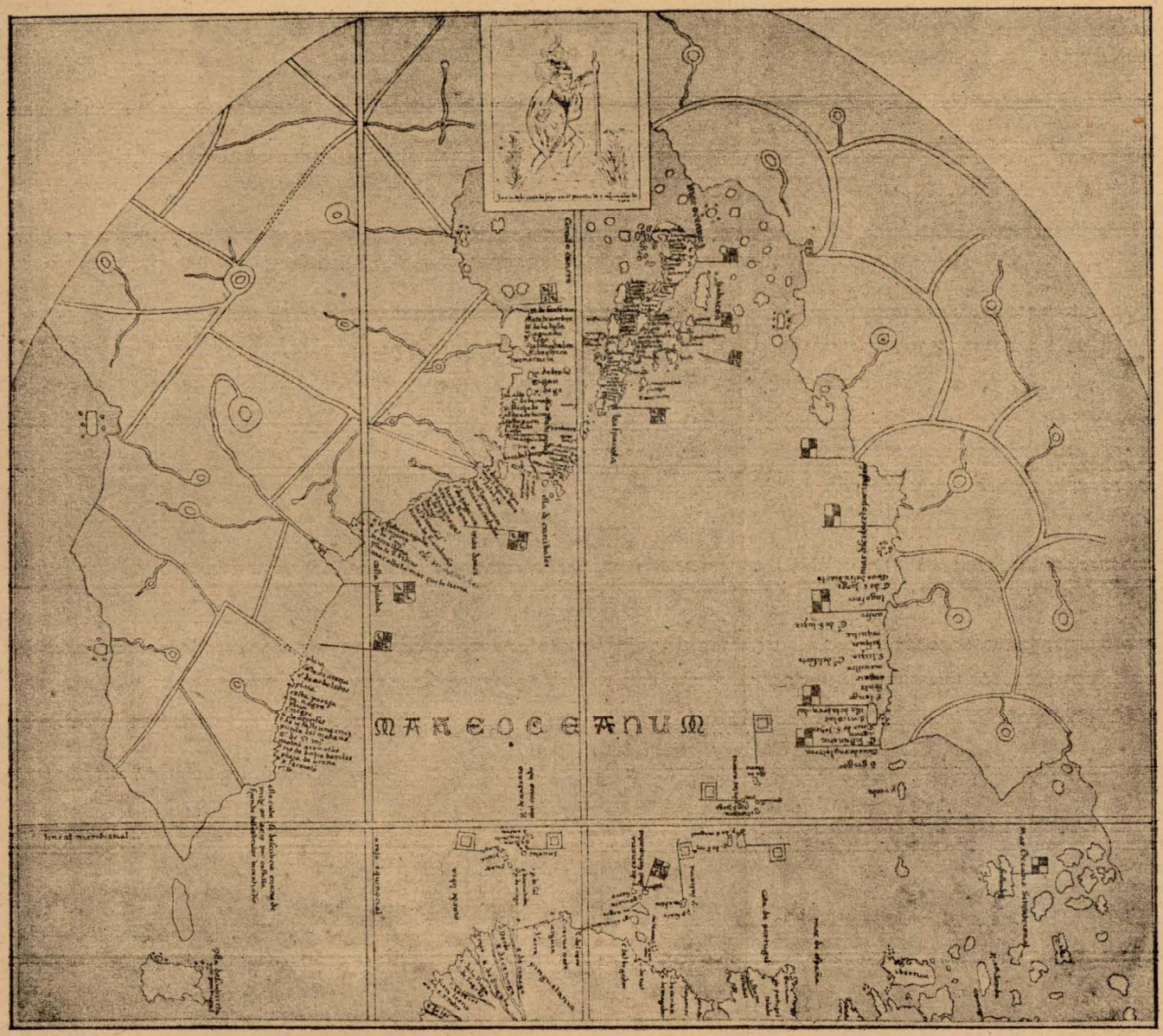
(Fotocópia, gentileza do Itamaratí)



Mapa de Bartolomeus Pareto, de 1455



Mapa de Graciosus Benincasa, de 1482.



Mapa de Juan de la Cosa, de 1500, segundo desenho de Kretschmer que o considera o mais antigo mapa da América. (Fotocópia, gentileza do Itamaratí).



Reprodução parcial do mapa de Cantino, de 1502. (Fotocópia, gentileza do Itamarati).



"Orbis Typus Universalis Tabula" Hieronimi Marini, Venetia MDXII

É o primeiro mapa que mencionava o nome Brasil no novo mundo. O original está na mapoteca do Itamarati. O clichê apresenta o mapa como Ex-Libris da Mapoteca do Itamarati.



Mapa de Nicolau Canério, de 1502, segundo Kretschmer (Fotocópia, gentileza do Itamaratí).



No. 8. Karte eines Katalanen des XV. Jahrhunderts.
(Biblioteca Nazionale zu Neapel.)

Mapa catalão do século XV. (Fotocópia, gentileza do Itamarati).



"Universale Orbe della Terra" — Venezia 1514 — Frei Michiel Barbolan. — Reprodução do original em pergaminho que se conserva na mapoteca do Itamaratí que, dêle, nos enviou fotocópia.



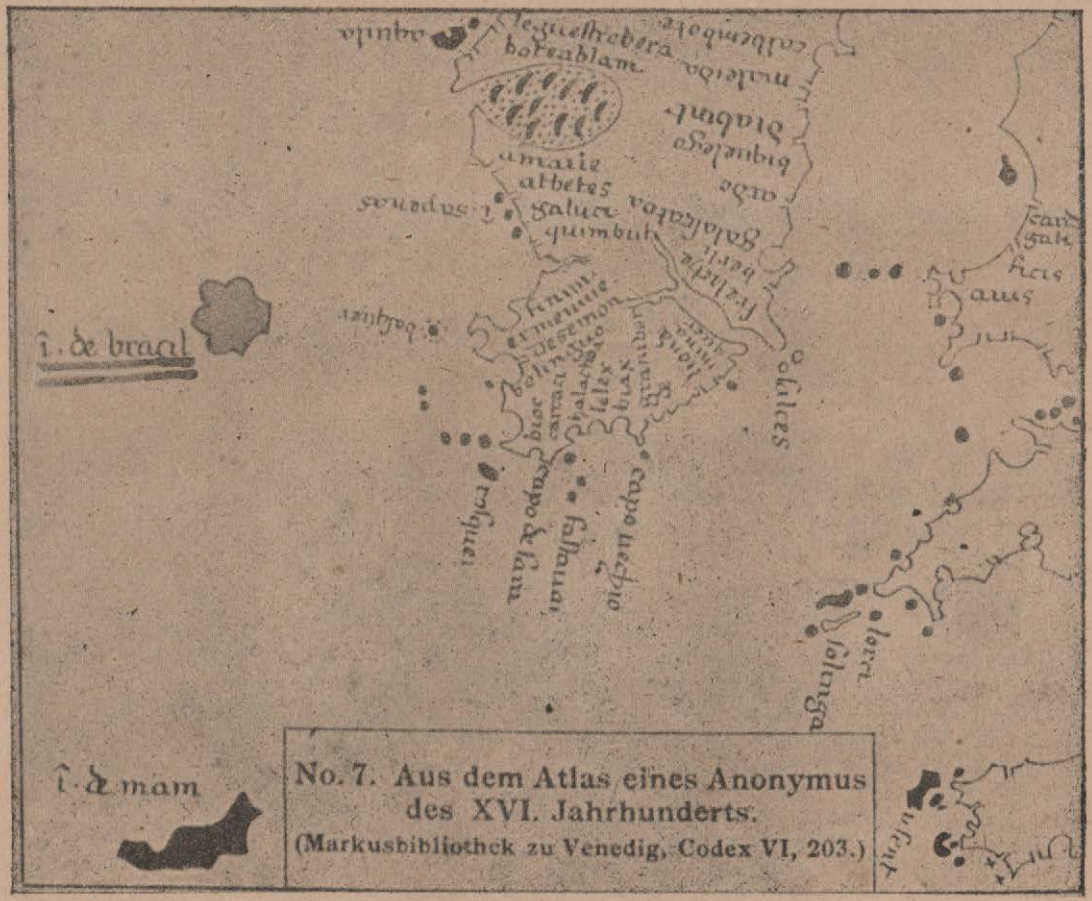
Mapa do Visconde de Maiollo, de 1515, (Fotocópia, gentileza do Itamaratí).



O "Mundus Novus" de Diego Ribeiro, de 1529.



Mapa de Mateus Prunes, de 1553, conservado na "Bibliotéca Comunale de Siena". Fotocópia gentileza do Itamarati.



Mapa anônimo conservado na Bibliotéca de San Marcus, em Veneza. É do século XVI. (Fotocópia, gentileza do Itamarati).



A ilha do Brasil, vista pelo Cap. Nisbet em 1674. (Conforme reprodução de desenho de Ronald Lampitt, in "Vamos ler!".)



Mapa de Nicolau Enes Visscher, da primeira metade do século XVII.

(Fotocópia, gentileza do Itamaratí).

Serão êsses dois mapas pura fantasia? — Duvidamos. São tantas as coincidências que devemos crer terem sido compostos, sinão com os dados de Zeno, ao menos com os de Côrte Real ou Johannes Scolvus (Jon Skolp).

O que, porém, não podemos pôr em dúvida é que êsses mapas foram feitos com dados de navegadores e que se referem à América — Mar Caribe e Brasil.

Note-se a curiosidade do de Pareto: duas **Insule brazil**, uma a S. O. da Irlanda e outra correspondendo ao extremo sul de Portugal o que nos parece resultado de informações diversas: Scolvus, dinamarquês, e Côrte Real, português.

O nome Brasil, escrito de modos diferentes, aparece em documentos, lendas e tradições da antiguidade, referindo-se, sempre, a certa terra que existiria do lado do poente, terra misteriosa, rica, fertil, feliz.

Na idade média surge na cartografia a **Ilha Brasil** localisada ora mais ao sul, ora mais ao norte, ora mais a este, ora mais a oeste, e, o nome **brasil**, é usado para designar, pau de tinturaria, entre venezianos, celtas, irlandeses etc. E' o berzino, verzino, brazil, braçil, ó bracil, ó brasail, berzil, etc.

Já na época do renascimento a **Ilha Brasil** começa a ser avidamente procurada e Pedro Alvares Cabral descobre a Terra de Santa Cruz, abundante em madeira tintórica.

Antes de 1.500, porém, outros mapas mencionam a ilha Brasil: Andreas Bianco em 1436 e mais o mapa anônimo, catalão, que se conserva na Biblioteca Nacional de Napoles, do século XV que menciona curiosíssima **Insula de brazil**, e, ao sul désta, a **Insula Many**.

Mas, nem por isso, a lenda desaparece. A **ilha Brasil** de Pareto e Benincasa continúa a preocupar os navegantes e as lendas não se desfazem de todo, tanto que século e meio após descoberta a terra brasílica, um piloto irlandês, John Nisbet, diz tê-la visto, visitado e nela pernoitado.

No tempo de Henrique II, (1518-1559) falava-se que um capitão gaulês alcançara a ilha Brasil, que seria "a terra paradisíaca das maçãs" e que devia ser a mesma "Bres afurtunada" ou ilha Afortunada dos irlandeses.

Em 1498, o embaixador espanhol em Londres escrevia a Fernando V (1452-1516) que

> "en estos pasados cinco años la ciudad de Bristol despacho un, dos y hasta tres buques por ano en busca de la Isla Brasil".

Na Biblioteca da Real Academia Irlandesa há um documento datado de 1635 no qual é descrita a Ilha Brasil a leste de Connaught e tão próxima desta que, "em dia claro poderá ser percebida da ponta extrema de Teching Head".

O capitão Ric, ao que parece alemão, disse tê-la divisado, em fins de 1635 nas costas irlandesas, mas não conseguiu aportar nela pois, quando se aproximou, a ilha "se desfez num nevoeiro".

Ainda na Irlanda, em 1663, um dos membros do Parlamento, Mr. Derry propoz fosse dirigida ao Rei petição na qual se tratava da "fundação de Companhia para colonizar o Brasil, a encantada ilha de nossas costas, que muitos proclamam ser muito grande, imensamente rica".

Em 1668 aparece queixa na polícia de Galway, feita pelo marinheiro Morough Ley, que se disse vítima de injusta prisão e, além disso, de ter sido degredado na Ilha Brasil, povoada de duendes, de 60 milhas de comprido por 30 de largura máxima.

Mas, de todas as referências sôbre a Ilha Brasil, a mais curiosa é a do capitão John Nisbet, de Lineskay.

Conta-nos que, no ano de 1674, viajando para França perdeu o rumo e, pouco depois do meio dia, aportou em Ilha estranha e nova para êle.

Tendo entrado em bôa enseada, desembarcou com oito companheiros e foi visitá-la. Atravessou denso bosque e viram, êle e os companheiros, gado, cavalos, carneiros, coelhos pretos, árvores frutíferas principalmente maçãs, e, caminhando sempre, atravessaram um rio em cuja foz se banharam. Na volta, pelo outro estremo, viram montanhas na qual nascia o rio, e, quasi defronte do pôrto, avistaram magnífico castelo. Bateram, mas ninguem respondeu. Parecia deserto. Percorreram-no, por fóra, e nada. Pensaram tratar-se de algum castelo antigo, abandonado, mas não ousaram arrombá-lo. Voltaram ao pôrto já noite, e fizeram fôgo. O frio era intenso. Súbito, quando estavam todos em torno da fogueira, ruido estranho, horrivel, encheu-os de pavor e fê-los abrigar-se à bordo. Na manhã seguinte, quando se dispunham à abandonar o pôrto, apareceu-lhes um velho acompanhado de dois servos que, interrogados por Nisbet, declararam terem sido presos e encerrados, há muito tempo, no castelo por artes diabólicas de feiticeiro da magia negra, que aquela ilha era a ilha Brasil, e que o castelo ruira quando êles fizeram fogo, livrando-os da prisão.

Aqueles três homens ,continua Nisbet, foram conduzidos a Killibeg onde

> "pelas roupas que vestiam, velhas e gastas, pelo dinheiro desconhecido que possuiam, pelo modo antiquado do falar, todos acreditaram no que êles contavam".

Não foi esta entretanto, a última referência fabulosa da ilha Brasil.

No século XVI, em mapa anônimo da Biblioteca de São Marcus, em Veneza, bastante parecido com o catalão do século XV, figura, ainda, a fabulosa **i. de bracil** e, abaixo, ao sul a **i. de mam.**

Em 1553 Mateus Prunes menciona a Oeste da Islandia (hxlanda) a

illa de brazil dando-lhe a fórma do globo que figura na nossa bandeira nacional — atravessado pela faixa. Falta, apenas, o lema.

Em 1791, outra descrição da ilha fazia um capitão de navio mercante, que dizia ser a **Brasil** uma "Rocha ou ilhota de aparência íngreme que lhe parecera desabitada". Êsse capitão não a localisa e é possível que a visão se refira à ilha Fernando Noronha ou aos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo.

Daí por diante, porém, a ilha Brasil ficou no reino das suposições. Começaram as dúvidas, sôbre sua existência e os mapas eliminavam-na, aos poucos, e já nos primeiros decênios do seculo XIX, desaparecera por completo da cartografia atlântica a lendária ilha que tanto dera que falar.

O primeiro mapa em que figura para o continente, o nome Brasil, é o de 1512, de Hieronimi Marini, veneziano. Êste mapa, em pergaminho, aquarelado, foi adquirido pelo Ministério das Relações Exteriores e figura na Mapoteca do Itamaratí, para o qual serve de motivo principal do Ex-Libris.

Em outro de 1502, no de Nicolau Canério, aparece "rio de Brasil" e a ilha "uera crus".

> "A uera cruz chamada per nome aquall achom pedralvares cabral fidalgo da cassa del rey de portugall e elle adescobrio indo por capitanio de XIIII navos que rey mandaua a caliqut ien el caracho indo topor com esta terra aqual terra fuerem esser terra ferme em a qual ha muita de descriuavam nuos omes e mulieres como quas mais os pario sam mais brancos". (Copia fiel do que consta no mapa).

Tambem o de Cantino, de 1502, menciona o "Rio de Brasil" e a "bera cruz" com descrição quasi idêntica ao de Canerio.

Este mapa de Cantino (parte com os papagaios) é o mais divulgado de todos.

Anterior a estes é o de Juan de la Cosa, de 1500, no qual figura a ilha de Cuba "La espanola" descoberta por Colón e a sudeste curiosa — "ylla descubierta per portugal". Esta ilha, pela posição deve ser a Vera Cruz de Cabral, o Brasil.

Depois destes, mencionam o nome **Brasil**, já no continente, os mapas de Joannes de Stobnicza (1512), existente na Library of Congress, Washington; o de frei Michiel Barbolan, de Veneza, 1514, que dá o nome de Brasil ao continente; o do Visconde de Maiollo (1515) que, no continente, menciona — "Tota tera vocat sante crusis de Re de Portogale", na qual aparece, tambem, o "Rio de Brasile" (1); o

---

(1) — O visconde de Maiollo ou Maggiolo tem outro mapa, de 1512, no qual aparece, a uma canto, como o de Marini, a "Terra de Brazile".

"Mundus Novus", de Diego Ribeiro, de 1592, coloca ao norte, na altura da foz do Amazonas, a "Terra Brasilis" e, ainda o "rio de brasil".

Giovanni Battista Ramusio (1565), também cita o Brasil em terra firme, e, como êle, Paulo Forlani no seu mapa de 1566, existente, como o anterior na Library of Congress, de Washington.

Entre outros vários afóra os já citados, em que figura o Brasil, citaremos mais os seguintes do século XVI:

Ruysch, menciona em seu mapa de 1508, a "Terra Sancte Crucis" e o "rio de Brasi";

No Globo Jagellonicus, de 1509/11, a oeste do "Mondus Novos — Terra Sanctae Crucis" aparece a "Terra de Brasil";

O Globo Lenox, de 1511, como o Jagellonicus, menciona a Noroeste a "Terra de Brasil", local em que deveria figurar a Colombia.

Waldseemüller no seu mapa de 1516, escreveu: "Brasilia sive Terra Papagalli", enquanto no de 1507 grafa, no continente, o nome "América" e menciona, mais ao sul, o "Rio Debrezil".

O nome "América" dado ao novo Mundo, deve-se a êsse geógrafo, pois foi êle quem primeiro assim a denominou nêsse seu mapa de 1507, então divulgadíssimo.

Mapa Português de 1516 - 1520, sem autor nem título, cujo original se encontra na K. Hof-und Staatsbibliothek-München;

Os Globos de Johannes Schöner, de 1520 e 1523, o primeiro conservado na Real Biblioteca de Nürenberg;

Nova Verior et integra totius orbis descriptio, de 1524, feito por Alonso de Santa Cruz, e guardado na Real Biblioteca de Stockholmo;

Num mapa de 1542, in "Richard Hackluyt and the English Voyagers", de G. B. Parks figura o autor o comércio do Brasol na "Cost of the brasil";

Pedro Medina em sua carta de marear, "Notable primero de la carta de marear", Sevilha, 1552, coloca a sudeste do "R. de las Amazonas" as palavras "Costa del Brasil";

O mapa das costas americanas (do Norte e do Sul), de Bastiam López, de 1558, cujo original está arquivado no British Museum;

Os tão citados mapas dos Mercator;

Os de Fernão Vaz Dourado, de 1568, na Biblioteca da Ajuda; de 1571, no Arquivo da Torre do Tombo, e o de 1580, na Real Biblioteca de Münich (Estes mapas de Vaz Dourado, e outros, figuram, em fascímile, in "Frontière entre le Brésil et la Guyane Française", Atlas, Paris 1899, 1900);

Occidentalis Américae partis, vel, earum Regionum quas Cristophorus Columbus primú detexit" etc., de 1594, confeccionado por Theodore de Bry e reproduzido no Atlas de "Frontière entre le Brèsil et la Guyane Française", e mais, do mesmo autor, o de 1596, — "America sive Novus orbis", etc.

Já no século XVII, mais perfeita se torna a cartografia, culminando com o magnífico mapa "Totius Americae", de Visscher, (primeira metade do século XVII). Este mapa é, talvez, o mais bem feito eo mais curioso dos mapas do século.

Da centúria de 1600 em deante, a cartografia, com os jesuitas à testa, melhora sensivelmente e são em número consideravel os mapas que, então, apareceram.

★

O nome Brasil, conforme vimos, póde tanto provir de berzino, brezino, bresil, do nome da madeira tintórica conhecida já dos venezianos, como do vocábulo celta **breasi, — ó brasil**, nome dado à fabulosa ilha, que significa **breas** = grande, **i, il**, = ilha, — ilha grande.

Se, outrora, Brasil representava certa terra fabulosa, rica e inatingivel, hoje Brasil se chama ésta terra imensa e boa, na qual se constróe civilização nova e sadia, em cooperação com toda a América para grandeza deste **Mundus Novus** imponente e feliz que está dando ao velho mundo o mais puro exemplo de fraternidade.

DOIS ESTUDOS FARROUPILHAS

Dr. Manuel Duarte

I

O CRUZEIRO PLANALTINO

Rasgaria a prosáica fuga de Fernandes Braga improviso clarão à básica ofensividade e defesa das armas bragantinas, durante o estupendo ciclo da epopéia farroupilha. Intuir-lhes-ia a chave do cruciante enigma da resistência fundamental do parasitário imperialismo unitarista, despiedosamente imposto às genuinas aspirações federativas da nacionalidade. Assim que do grotesco ridículo daquela deserção, se aprumaria o súbito imprevisto desta passada gigantesca: — o titânico bloqueio da Barra e águas interiores.

De contado se buscava fechar às legiões continentinas a única via marítima de comunicabilidade exterior e possibilidade de aquisição de abastecimentos.

Como de minúsculos nonadas, a cotio se tecem grandes destinos!...

Aos intrépidos liberais, pordavante só restariam fundas esperanças de ligação externa, pelo inacessivel Nordeste, através das arenosas planícies atlânticas e simultaneamente, dos montanos cimos do Planalto.

Já de início, pois, com a máxima diligência se empenhariam os farroupilhas por manter livre posse transitiva nas únicas veredas daquelas brumas longínquas, em cujas distensas fronteiras estuava o mesmo frêmito liberal de ingênitos ansêios nacionalistas. De sorte que naquêle formidavel tentame, igualmente os propelia o inexorável estado de necessidade contingente, que os atraia o sugestivo impulso das vibrações e simpatias fraternas, àquelas populações profundamente entrecruzadas no sangue gaúcho. Irmanavam-se continentinos e catarinenses lindantes, inspirados na solidariedade estóica do próprio ideal federalista.

Esforçar-se-iam os Farrapos no estabelecimento e mantença de assíduo contacto com as populações do litoral vizinho, cujo eixo providencial seria a remota Freguezia de São Domingos das Torres. Em verdade, de logo acantonariam, neste presídio bem aprestado destaca-

mento, sob o comando do tenente-coronel Pedro Pinto e tenente Alpoim os quais, já a 7 de abril, seriam batidos, de surpreza, e aprisionados pelo capitão Francisco Pinto Bandeira, que entregaria o comando da guarnição ao juiz de paz Dionisio José Luzitano, e pediria, em oficio, ao presidente de Santa Catarina que "enviasse força para guardar a população". (Henrique Boiteux, República Catarinense, p. 37).

Já, porém, a 28, se reapossariam de Torres as armas liberais, às ordens do major José Alves de Morais, que deixaria a direção do respectivo presídio ao alferes Antonio José Bernardes, e se dirigiria ao presidente catarinense, "a quem faz ver que esse ponto fôra tomado à traição pelos indignos que pretendiam, à fôrça, dar posse, em Pôrto Alegre, ao presidente Araujo Ribeiro: mas, que, depois de haverem feito reinar a assolação, o terror, o roubo, o destroço, por onde passaram, tinham sido vencidos. Torres outra vez estava sob o domínio das armas liberais, e esperava que facilitasse o comércio, de modo que vivessem em harmonia os dois povos e se estreitassem ainda mais os laços existentes entre ambos. Tais eram as instruções, que recebera do presidente Marciano Ribeiro". (A. Varela, História da Grande Revolução, vol. 3.º, p. 125; O Mensageiro, de 3 de maio de 1836).

Seria, entretanto, aquêle disputado presídio sucessivamente arremetido e ocupado por fôrças de ambos os grandes campos inimigos. Assim que já a 4 de julho de 36, era juiz de paz naquelas lindes extremas o legalista Hipolito Antônio Rolim, que nesta data enviava a seu colega de Laguna, Silva França, a convocação do presidente Araujo Ribeiro, "para que, no prazo de 15 dias, seguissem para o Rio Grande os emigrados legalistas, afim de ajudarem os companheiros e compatriotas na restauração da boa ordem e igualmente viessem tomar conta de seus bens..." (H. Boiteux, ob. cit., p. 49).

Logo depois acampa Onofre Pires naquêle presídio. Finalmente, por ali transtitaria, em julho de 39, a expedição épica de Canabarro, a caminho de Laguna...

Desenganadamente, pois, se disputariam caramurús e farroupilhas o efêmero domínio sôbre aquêle presídio levantino, por cujo litoral recebiam êstes "toda a espécie de recurso, inclusive munições de guerra..." (H. Boiteux, ob. cit., p. 49). Ao passo que aos imperialistas concomitantemente se impunha o penoso dever de lhos-impedir, a todo poder, que pudessem".

* * *

Entrementes, no imenso quadrante do Planalto da "Serra a Cima", nos antigos "Campos jesuíticos da Vacaria dos Pinhais", empenhava-se violenta luta pela posse exclusiva da maravilhosa rechã continentina, e, precipuamente, do memorável Registo de Santa Vitoria, cuja coletoria era a de maior arrecadação, na Província. Ademais disto, ainda,

precisavam os republicanos manter constante vigilância e livre passagem para Lages, onde contavam êles com "toda a população por si, devido a hábitos idênticos, ligações de família e interêsses comerciais", (H. Boiteux, ob. cit., p. 46) e, mais que tudo, evitar a penetração de forças inimigas, no Rio Grande, por aquêle antiqüíssimo itinerário...

Em cabo possuiam aquelas fronteiras acidentadas as únicas vias de rude comunicação e indispensável contato das hostes liberais sôbre o resto do Império, através da região serrana catarinense.

Desfechavam por extremos opostos os dois caminhos imemoriais, de primitiva penetração da Província do Rio Grande, no vasto Planalto, cuja orografia incomparável, culminante nos Aparados, é berço de grandiosas bacias fluviais, percorriam, respetivamente, de oeste-leste e de sul-norte.

De feito circunda-o a espessura tétrica da Serra-Geral, em formidável semi-círculo, cujas monstruosas arestas, infletidas para o Norte, verticalmente as une a Serra de Pelotas, na retilínea, distensão de sessenta léguas de giro oriente-ocaso. Rompentes, pois, da abruta serrania, as duas estradas históricas, de adentramento e transcurso primevo no Planalto nordestino: — a vetusta picada dos Jesuitas missioneiros, aberta em 1713, ao poente; e a da Serra-Velha, contemporânea da invasão migratória paulistano-lagunista, a sueste. Aquela, mais antiga, vinda de Missões, irrompe dos Matos Castelhano-Português: tange o centro do Planalto, as ilhargas maciças da Coxilha Grande e funde-se na Serra-Velha, às alturas da Guarda de Santa Vitória. Bifurcar-se-ia, mais tarde, no esgalho da entrada bandeirante de Campos Novos-Barracão, quando do povoamento dos "fundos de Vacaria", já na alvorada da centúria XIX. A da Serra-Velha, vinda de Viamão, abria passagem para Cima da Serra; transpunha a Serra das Antas, cruzado o Planalto, na direção sul-norte; extrapassava o rio de Pelotas, no Registo de Santa Vitória. Era de reverso, o tinerário das tropas, de São Paulo à Colonia do Sacramento. Posteriormente, duas breves variantes se lhe derivariam na descida da Serra-Geral para o litoral: a de Três Forquilhas e a do Mundo Novo.

Já na antemanhã da espantosa tragédia, ecoariam, na rechã planaltense, subitâneas escaramuças, de resoluta solidariedade à irradiação da gloriosa conjura liberal. Foi Antonio Rodrigues Bemfica, antigo juiz de paz da Aldeia dos Anjos, o mensageiro que levaria aos conjurados planalteanos o aviso do dia do movimento gigantesco. (Processo dos Farrapos, vol. I, p. 224). Apossar-se-iam da séde do distrito de Vacaria, cujas autoridades banidas rumam para Cima da Serra, onde se preparam para a reação legalista: "...pois a capital está ameaçada pelos facciosos da Vacaria, que dizem para aqui se encaminham..." (Marciano Ribeiro ao tenente Leite de Oliveira. (Processo, p. 46) "... e impedir a passagem dos vacarianos..." (Marciano, ao tenente Goe-

lho de Souza, Processo, p. 37) "... vagam notícias que os vacarianos comandados por Quintiliano descem a reunir-se aos revoltosos de Santo Antônio para acometerem esta capital..." (Marciano, ao coronel Bento Gonçalves, Processo, p. 37).

Em dezembro, avisam as autoridades de Lages ao presidente de Santa Catarina, comendador Francisco Luiz do Livramento, que "nos distritos de Cima da Serra e Vacaria, eram os republicanos em grande maioria, e que, perseguido pelos republicanos, o juiz de paz, sargento-mór Quintiliano José de Moura, fôra obrigado a passar a vara ao juiz de paz, suplente e refugiar-se na Laguna". (Henrique Boiteux, ob. cit., p. 46).

Em março de 36, restabeleceu a legalidade naquêle distrito do Planalto o chefe caramuru' tenente-coronel José Luiz Teixeira. Chamado, enfim, o juiz Quintiliano, quando viajava de Laguna para o Desterro, retrodêdeu aquela autoridade e, em dompanhia do legalista lageano Lauriano José Ramos dois filhos e um irmão, partiu de Lages a resassumir o cargo, no distrito já pacificado. Anteriormente mandára, pelo tenente Antônio Silveira dos Santos, que o fôra buscar, encomiástica mensagem à população do distrito planaltino, que "concitava à obediência ao govêrno legal". (H. Boiteux, ob. cit., p. 46).

Já se achava no passo de Santa Vitória a caravana daquêle juiz de paz, quando lhefoi presente o ofício do tenente-coronel José Luiz Teixeira, que reiterava viesse a rempossar-se no juizado. No dia seguinte, entrou Quintiliano a séde planaltina, acompanhado por mais de 200 pessôas, "as quais, em demonstração de grande regosijo, assistiram à sua nova posse". (H. Boiteux ob. cit., p. 46).

De imediato ordenou Quintiliano ao coletor de Santa Vitória, Antônio da Costa Carvalho, republicano extremado, que "depositasse em Lages os fundos existentes, sob a sua guarda e passasse a Coletoria a funcionar à margem direita do rio Pelotas". (H. Boiteux, ob. cit., p. 46).

Entretanto, receavam as autoridades, recem dominantes, pela própria estabilidade, pois que no contíguo distrito da Freguezia da Cima da Serra operavam farrapos: "A 5 de maio de 36, José Luiz Teixeira, comandante, e Antônio Silveira dos Santos, encarregado da guarda nacional de Vacaria, oficiavam ao presidente de Santa Catarina, comunicando-lhe que na vizinha Freguezia de S. Francisco de Cima da Serra se achava grande força republicana, em vista do que lhe pediam pronto auxílio de gente, armamento e munições". (H. Boiteux, ob. cit., p. 46). Para aquela região sublevada, depois de atendidas as providências solicitadas, marcharam fôrças sob o comando dos dois suplicantes e do tenente-coronel José Barreto do Amaral Fontoura, que comandava o corpo cruzaltense. No campo do rio dos Sinos, deu-se a 29 de maio, o encontro entre essa expedição legalista e o piquete de exploração em que se achavam os chefes das fôrças farroupilhas

distantes, os capitães Mariano Aranha e Felisberto Francisco Soares. Êste foi morto e, aquêle aprisionado". (H. Boiteux, ob. cit., p. 47).

Dessa incursão caramurúa, afoitamente levada às abas da Serra-Geral, teve conhecimento Marciano Ribeiro, que tomava providências para rechassar aquela avançada retrograda: "De Cima da Sérra se verificam as notícias de haver sido surpreendida a nossa guarda, morto o alferes Soares, e preso o capitão Aranha. Receio, pois, que qualquer dia se aproximem essas fôrças e estou tomando as necessárias providências para rechassa-las". (Marciano Ribeiro, ofício a José Manoel Leão, Processo, vol. I. p. 43).

Efetivamente, a êsse tempo, "José Ourives, tendo reunido nos contôrnos da vila de Santo Antônio e Vacaria quatrocentos homens, se dirigiu a Pôrto Alegre; e uma patrulha sua de trinta homens até ao Arsenal de Guerra, porém, perseguida, se retirou..." (Apontamentos, Lobo Barreto, Processo vol. 3º p. 302).

Por essa época, rempossado na judicatura do Planalto, seguiu o sargento-mór Quintiliano para Lages, "afim de aliciar gente para pegar armas a favor da Galegalidade. Procuraram-no, alí, o padre João Vicente Fernandes, ardoroso republicano, e o condutor Costa Carvalho (de Santa Vitoria) e com êle tiveram grave rixa. Logo à noite foi atacada a casa onde se hospedava Quintiliano, por mais de 70 homens. Milagrosamente se escapou Quintiliano", (H. Boiteux, ob. cit., p. 47).

Bem se compreende, dêste incidente, a pasmosa exaltação de ânimos, em toda a antiga "Vacaria dos Pinhais", pelos ideais nacionalistas, contrariados pelo férreo bragantismo.

Logo após a sua posse, no Rio Grande, oficiava Araujo Ribeiro a seu colega catarinense, José Mariano: "que tendo enviado alguns oficiais para os lados de Santo Antônio da Patrulha, Cima da Serra, a reunirem a guarda nacional daquelas regiões, foram capturados, tendo os atacantes encontrado em mão de um dêles o ofício que havia dirigido ao tenente-coronel Marques Lisboa..." (H. Boiteux, ob. cit., p. 42). Ao mesmo tempo, despachava o major Candido Alano, valente e sanguinário legalista catarinense, que acabava de regressar do Desterro, onde fôra em missão do presidente Araujo Ribeiro, "para ir operar na região serrana". Ali chegado, convocou Alano a guarda nacional, que, incorporada na gente que levára, formára forte coluna.

Pouco depois, mandava o território luzitano e absolutista, Pardal, novo presidente de Santa Catarina, ao sargento-mór Paulo Alano e ao viamonense capitão Rodrigo Silva a organizarem centro de resistência no oriente de Lages e Vacaria, onde guarneceriam as picadas do rio Verde e Ausentes, afim de impedir a penetração dos Farroupilhas, serranos no litoral catarinense. Daquele presidente reacionário levou Rodrigo breve mensagem, na qual exortava as populações nordes-

tanas a "que tomassem armas, e agissem de harmonia com o mensageiro Rodrigo". (A. Varela, ob. cit., vol. 4.º, p. 68).

Operavam em conjunto as forças de Paulo e Cândido Alano, José Luiz Teixeira, Rodrigo Silva e outros cabecilhas legalistas, nas alturas dos Ausentes.

Entrementes ,(1837) acantonava no Registo de Santa Vitoria, com excelente destacamento, o capitão farrapo, José Antonio dos Santos Lara incumbido de assegurar a arrecadação das taxas e impedir o acesso das formações da guarda nacional paulista. Havia seguido este oficial para os "Fundos de Vacaria", em serviço de reconhecimento e vigilância necessária sôbre as indecisas bandas missioneiras. Da coluna Alano se destacou o capitão Manoel Joaquim da Silva, com a companhia de 120 homens. Secretamente marchou esta partida, a jusante do rio dos Touros, até a sua confluência no Pelotas, onde existe o Registo de Santa Victoria, que tomára de surpreza. De imediato se adentrára a rumo ocidental do Planalto. Doze leguas andadas, na fazenda do capitão Francisco Borges Pereira (Sesmaria de São Francisco de Borja, hoje, da Cachoeira) topára com a gente do capitão Lara, a 31 de outubro de 37. Colhido de sorrelfa, foi Lara batido e feito prisioneiro com mais 59 revolucionários, depois de perder, por morte, nada menos de 40 praças. Destes prisioneiros, foram doze remetidos para Lage, sob guarda, a respetiva escolta condutora, do tenente Antônio Silveira dos Santos. Ao chegarem ao rio de Pelotas, foram fuzilados cinco desses infelizes. De semelhante monstruosidade sanguinária, deu o juiz de paz de Lages conhecimento ao presidente de Santa Catarina. Mandou este áquela autoridade "procedesse ao corpo de delito e seguisse processo na fórma da lei". Averiguados os fatos e ouvidas as testemunhas, pronunciou o juiz de paz o major Alano, "acusado de outras violências, atrocidades e tropelias". (H. Boiteux, ob. cit., p. 74). Bento Manuel oficiava àquele juiz, a quem felicitava pelo desassombro de sua atitude.

Ao ter conhecimento da invasão caramurúa na região planaltina, ordenou Bento Gonçalves imediata partida da Brigada do coronel Agostinho de Mello.

Rápido avançou até Mato Castelhano, onde soube Agostinho que o inimigo retrocedera e fôra embrenhar-se no território catarinense. Destacou, então, o coronel Agostinho de Melo um dos esquadrões do corpo de Portinho, sob o comando do capitão Jaquim Teodoro Prestes. Em plena região planaltina, soube Prestes da existência em Curitibanos, de legalistas, a mando de João Feliciano, que deveria fazer junção, em Lages com as forças de Cândido Alano e as de Paulo Alano que subia do Desterro. Avançou Prestes até ao Registo de Santa Vitoria, com o intúito de sustar o movimento caramurú. Alí chegado, porém, encontrou o sítio militarmente ocupado pela tropa do intrépido farroupilha Mariano Aranha, que de novo operava naquelas alturas, e ti-

nha, pouco antes, batido a coluna dos cabecilhas João Lourenço Vidal Oliveira e Juca Grande, aos quais tomou toda a cavalhada, fez mais de 70 prisioneiros, inclusive João Vidal. Esta mesmada imperialista havia destroçado no Campestre, a gente de Jerônimo Castilhos e Tomaz Pereira, que se retiravam de Santa Vitória, a se unir à divisão de Bento Manuel, quando souberam da aproximação de forças catarinenses e paulistas. (H. Boiteux, ob. cit., p. 85).

Limpo, entrementes, o Planalto ,de forças legalistas resolveram-se Aranha e Prestes a ir contra-bater em Curitibanos, os grupos daquêles caudilhos retrógrados, cuja projetada junção urgia frustrar, antequanto. Assim que se adeantaria Prestes, enquanto à sombra desse aparato bélico, separadamente bateria o bravo Aranha os dois bandos adversos. Mal, porém, presentiram a vizinhança de forças inimigas, dispersaram-se aquelas parcialidades imperiais. As gentes de Paulo e Cândido Alano, já convergida, precipitaram-se para Laguna. As de João Feliciano, reduzidas à metade, ainda as alcançou Prestes que as extraviou inteiramente. (A. Varela, ob. cit. vol. 4.º p. 232).

Ainda, contudo não desanimaria Cândido Alano. Já de Laguna surgiria no Desterro e dalí, tornaria a Lages, donde, à frente da força violentamente reunida em S. José se dispôs a seguir para o Planalto, em perseguição da coluna do tenente coronel Antônio Inácio de Oliveira, filho, que marchava para Santa Vitoria, onde se reuniria às forças de Aranha.

"Ao chegar, porém, no passo do Correia, foi atacado e completamente destroçado Cândido Alano, que fugiu e foi buscar Asilo em Rio Negro, com o resto da fôrça, onde ficou, até que recebeu socorro do Desterro. Procurando atravessar o sertão para marchar sobre Vacaria, no passo do Caveiras teve outro encontro com as fôrças revolucionárias do mesmo Antônio Inácio. Novamente desbaratado, escapou-se a pé e embrenhou-se na mata". (H. Boiteux, ob. cit. p. 78).

Entrementes, longinquo imprevisto da sorte da guerra viria mudar inteiramente a face das coisas, na belissima região lageana, cuja alma coletiva era genuinamente liberal.

Depois da vitoria das armas farroupilhas, em Inhanduí tenazmente perseguiu o imortal João Antônio ao chefe caramuru' derrotado, o heroico Manoel dos Santos Loureiro. Leva-lo-ia de vencida e sem tréguas, até às plagas, nordestinas, o grande general republicano. Ficar-se-ia, ainda, na picada do Mato Castelhano a vigiar-lhe os passos e a impedir-lhe qualquer tentativa de retorno a Missões. (A. Varela ob. cit. vol. 4.º, ps. 112, 121 e 189).

Não se conformaria, entretanto ,o altivo guerreiro com os revezes da adversidade. Passou a Serra de Pelotas e, em Lages, procurou formar novo contingente, ao serviço da causa imperial, à qual se consagrava de corpo e alma.

Com o apôio das autoridades lageanas, iniciou a organização da

brigada legalista. Procedeu, sem embargo, o indomável retrógrado missioneiro "a violento recrutamento, obrigando muitos cidadãos maiores de 50 anos a pegar em armas; para o serviço da tropa e munício dela, apossou-se de toda a cavalhada encontrada e de grande quantidade de gados, passando título de divida a uns e a outros, não; seus amigos o tiveram no valor de onze contos e seus desafetos viram-se extorquidos no valor de 23 contos..." (H. Boiteux, ob. cit. p. 73).

Ademais, Loureiro praticára violências sem conta, assassínios, incêndios, correrias, prisões; e isto levaria a Câmara de Lages a formular enérgicas reclamações.

Afinal organizada eficiente brigada, juntas as forças de Loureiro, às de Cândido e Paulo Alano, do coronel José Loureiro e outros, coube áquele chefe o comando dela. (H. Boiteux, ob. cit. p. 77).

Ora, os desmandos, violências e perseguições a monte, quer de Cândido Alano, quer, posteriormente de ambos juntamente, exaltariam ainda mais os sentimentos federativos à destemerosa população de Lages profundamente nacionalista e liberal. Em verdade se assistia ao drama fulgurante da nacionalidade insubmissa: eram autênticos luzitanos absolutistas as figuras máximas da reação contra os ansêios da brasilidade. Pardal, Manoel Jorge,, Andréa, Xavier da Cunha... genuinos portugueses bragantistas. Labatut, Calderon... mercenários contratados para chacinar brasileiros e reduzir o Brasil à mentalidade do Estado bragantino. Nacionalista a reação defensiva, cujo espírito de lídima brasilidade federativa implacavelmente perseguia e dominaria, afinal, o retrogradismo bragantista, dos beneficiários do 7 de abril. Seria o último grande apêlo da nacionalidade às proprias tradições impiedosamente conspurcadas a serviço da realeza fictícia. Nada explica melhor esse profundo senso de nacionalismo sacrificado, do que esse impressionante grito de solidariedade brasileira, no longo ciclo da epopéa farroupilha. Lages é bem o símbolo desse instintivo ansêio de brasileirismo heróico estrangulado pela rude fereza bragantôa.

Perseguida, martirizada, aquela população altiva assume atitude bravamente decisiva: o aceno desesperado às armas liberais, que campeavam no Rio Grande.

"Resolvidos os lageanos a sacudir o jugo imperial, pediram auxílio a Bento Gonçalves, para o que enviaram em novembro de 1838 uma deputação a Cruz Alta, onde se achava aquêle chefe e presidente da República Riograndense... Atendendo à solicitação seguiu o vice-presidente Mariano de Mattos para Lages, à frente de mil e trezentos homens, onde entrou a 7 de março e a 11 foi proclamada a república". (H. Boiteux, ob. cit. p. 130).

Partiu de Cruz Alta a divisão de Mariano de Matos, em fevereiro. Transpoz os Matos Castelhano-Português. Adentrou-se no Planalto, que percorreu até o Registo de Santa Vitoria.

Ovacionada pela população lageense, a coluna republicana, que de seguida desbarata grupos imperialistas, errantes pelo interior do Município e os atira além do Canôas. Foram as avançadas farroupilhas até quasi às ráias paulistanas. (A. Varel, ob. cit. vol. 4.º, pag. 190). Destroçam a brigada Loureiro, que alí operava. Loureiro poderia ter obstado à marcha vitoriosa à jornada liberal, "mas como não soubesse geografia, se deixou cercar, e só escapou abrindo uma picada, por onde não puderam transitar os cavalos que fôram perdidos. Assim poude ganhar pelo sul a fralda do Planalto, de onde desceu a Pôrto Alegre, com a força a bem dizer a pé e nua..." (A. Varela, ob. cit. vol. cit. p. 190).

Regressaria, porém, a coluna liberal, cujo comandante iria desempenhar missão diplomática no Uruguai, e, pois, deixaria Lages, a 7 de abril. (H. Boiteux, ob. cit. p. 81).

A notícia destes acontecimentos, pelos quaes fulminantemente alargavam os heróicos liberaes a luminosa parabola à revolução nacionalista, — alarmou a pobre Côrte bragantôa, que se arrastava através da odiosidade do espírito nacional.

Foi então que a trouxe-mouxe se resolveu a regência a estabelecer "outra frente de batalha" cuja organização se processaria nas alturas do rio Negro. Intitular-se-ia "divisão de São Paulo" ou "divisão da serra". Para forma-la foi escolhido profissional da confiança imperialista, o português brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, já tristemente famoso nas lutas riograndenses.

Das costas de Corisco mandou Xavier da Cunha espalhafatosa mensagem aos serranos, aos quais encarecia o valor da coluna do rio Negro "que como por encanto se organizou... e já pisa aquém do Sertão..." (O Povo, de 29-1.º-1840). Era, ainda, a pósse do Planalto, o domínio do Registo de Santa Vitoria. — "eixo de operações" — o que preferentemente se visava, naquela súbita mudança de cenário! Antes, porém, o irriquiéto Cândido Alano, depois de encabeçar instantânea reação, em Lages, abalou-se até Cruz Alta, onde acoroçoaria a formação de outra brigada legalista ao mando de Antônio de Melo e Albuquerque. Aos legalistas cruz-altenses, levará Cândido Alano entusiástica mensagem do brigadeiro Cunha, que os concitava a movimentar-se. De ida, surpreende Alano minúsculo refôrço que mandava Agostinho Melo a Aranha. Deu-se o encontro na "Estância do Lara", no centro do Distrito de Vacaria... (Não existe, no Planalto, semelhante estância: ou seria na de Francisco Borges Pereira, onde fôra batido Lara; ou então, a estância de Ana Maria de Lara, viuva de Fonseca Paes...) Comandava o refôrço destroçado o capitão Lima, que se escapou com 8 praças: tudo o mais foi morto, ou prisioneiro. (A. Varela, ob. cit. vol. 4.º p. 487). Abalou-se o brigadeiro Cunha para Santa Vitoria, onde chegaria a 12 de dezembro de 39. Alano regressára de Cruz Alta e reincorporára-se na brigada de Cunha. Este, ao mesmo tempo que

avançava para Santa Vitoria, "que seria agora o pião de suas operações", fez seguir por Campos Novos e sair nos "fundos de Vacaria" o capitão Hipólito Machado Dias, com ordem de "fazer mão baixa em tudo que fosse farrapo, até o Registo de Santa Vitoria". (H. Boiteux, ob. cit. p. 243). Ao passo que a força do capitão Jordão de Melo entraria no Planalto pelo passo do Borges e ,daí, subiria para Santa Vitoria. Por essa época, daexpedição Canabarro, foi destacado o bravo autêntico, coronel Teixeira Nunes, a enfrentar a coluna paulistana. Chegado ao Planalto e feita junção com as forças de Araujo e Antônio Inácio, coube a este a vanguarda das operações. Esta se defrontou com a cavalaria inimiga ao mando de Cândido Alano, na altura do passo do Borges, e iniciaram tiroteio. Antônio Inácio foi taticamente retirando-se, até que, nos Campos do Socorro, Alano se lhe distanciou e seguiu para Santa Vitoria. Ao mesmo tempo chegava áquele sítio o capitão Hipólito Machado, que fôra até Passo Fundo, na sua afouta guinada. Incorporava-se também o capitão Jordão de Melo. (O Povo, 28-12-39; Boiteux ,ob. cit. p. 252; A. Varela, ob. cit. vol. 4.º p. 494.)

Tanto que se fortificára Cunha, na taipa de Santa Vitoria, determinou ao major Manoel Rodrigues de Souza que avançasse, o que êle fez até à Chapada Bonita onde se lhes juntaram Alano, Hipólito e Jordão. Reunidas estas partidas, rumaram para Santa Vitoria, enquanto os republicanos se aproximavam e entretinham forte tiroteio. Afinal, estabeleceu-se violento combate, logo que chegou o grosso da coluna liberal, que havia pernoitado por Quatís. A vitoria liberal foi fulminante: a perda imperial foi completa, entre mortes, feridos e 106 prisioneiros. Aí pereceu Cunha. Os liberaes tiveram a lamentavel perda do heróe catarinense, coronel Antônio Inácio de Oliveira Filho, astro que desaparecia, destinado aos mais fulgurantes destinos.

A grande vitória farroupilha do dia 14, em Santa Vitoria, seguiu-se a invasão de Teixeira em Lages. Entrementes, avançava a coluna de Antônio de Melo e Albuquerque, organizada na Cruz Alta, ás inspirações da jornada Cândido Alano. Procurava ela juntar-se à divisão Xavier da Cunha, de cujo desastre teve conhecimento, e então, infletiu para a esquerda. Transpôz o Pelotas no Barracão, saiu em Campos Novos e prosurava entrar em Curítibanos, ao encontro de gentes paulistanas.

Na incerteza de se Melo viria pelo centro do Planalto, o que lhe pareceu mais curial, determinou Teixeira a partida de Aranha, a ir esperar, na Freguezia de Vacaria aquela coluna imperialista, e continuou para Lages,com a sua brigada fracionada. "Esta divisão de forças foi-nos fatal..." (Garibaldi, Memórias, vol. 1, p. 82.) De fato, deu-se em Curitibanos encontro desigual, com as forças de Melo, que derrotaria a Teixeira. Este regressaria para Lages, onde permaneceu, sem ser perseguido por Melo, que se fortificaria em Canoas. Teixeira, afinal,

transpõe, de ordem superior, o Planalto, e vem fazer junção à divisão de Canabarro, em Viamão. Outra missão imortal o esperava.

Em substituição do brigadeiro Cunha foi nomeado o general francês Pedro Labatut, que se transportou para o Rio Negro, onde organizaria a nova coluna destinada a invadir o martirizado Planalto serrano e trancar, na Serra Velha, em Cima da Serra, o único passo ainda livre aos lendários farrapos, que se achavam em Viamão. Ao mercenário francês determinou o presidente Saturnino "tomasse posição em Cima da Serra, se a quantidade e qualidade de suas forças o permitissem". (Operações em Passo Fundo, p. 12). Labatut transpôs o passo de Santa Vitória, cruzou o Planalto, atravessou a Serra das Antas e chegou, em agosto, à picada da Serra Velha. Dé logo, receava fosse atacado e pediu ao presidente Andrés reforço de 600 homens, para se manter em Cima da Serra; do contrário, retirar-se-ia, para salvar a côluna. (Operações, p. 29). Em resposta lhe foi autorizado se retirasse até Passo Fundo, onde ocuparia a entrada do Mato Castelhano. (A. Varela, ob. cit. vol. 5.º, p. 264). A 18 de novembro de 40 iniciaria Labatut a fuga sua escandalosa. Atravessou a Serra das Antas. Entrou no Planalto, acampou na estância de Santana da Bôa Vista (Capão Alto) e, não seguro, ainda, avançaria até ao rio Saltinho onde encontraria ponto forte. Entrementes a 16 se abalaria a divisão Canabarro, debaixo de temporal através da aspérrima picada das Tres Forquilhas, com o intuito de bater, pela retaguarda, a coluna Labatut, que pairava na embocadura da Serra Velha, enquanto Bento Gonçalves com diminuta força, na Setembrina, entreteria os imperiais e os desafiaria... Ao saír em Cima da Serra, soube Canabarro, da fuga de Labatut. Restava-lhe picar a retirada à divisão inimiga. Varou a inhospita Serra das Antas Adentrou-se Vacaria fóra, foi fazer alto no Capão Bonito, onde esperaria a Bento Gonçalves e donde, juntos, seguiriam para Passo Fundo, em perseguição de Labatut, que se fortificára na embocadura da estrada do Mato Castelhano...

Entrementes, mandou Canabarro nova expedição a Lages, ao mando do major Bernardino de Oliveira, que alí fizéra magnífica presa de guerra, em armamento, munição e montaria. Feita a junção, no Capão Bonito, dos dois grandes generais, ordenou Bento Gonçalves a partida, para Lages, da brigada Joaquim Pedro Soares, que ali acantonaria. Pedro Soares cruzaria o Planalto, para o levante, e passaria em Santa Vitoria, a caminho de Lages, onde se deteria até 11 de fevereiro. Ficaria guarnecendo o Planalto o corpo do coronel do coronel Antônio Manoel do Amaral, enquanto a levantino, operava o planaltense coronel Antônio Manoel Pereira da Fonseca. (A. Varela, ob. cit. vol. 5.º p. 274; H. Boiteux, ob. cit. p. 271).

Tinha, pois, Canabarro realizado a estupenda travessia da Serra Geral e a da Serra das Antas, em perseguição do poderoso inimigo, que viéra de S Paulo ocupar a boca da Serra Velha, para atacar os valoro-

sos farrapos... Naquêle instante, bem poderia ter sido celebrada a paz, no Rio Grande, depois de inscrito, na legenda farroupilha, o mais assombroso feito militar da épica idade nossa gaucha: "Em 1840, Canabarro, no conceito insuspeito de Araripe, realizou a incrível marcha de Setembrina para a Vacaria, feito que mais evidenciou as suas qualidades de cabo de guerra, o melhor da República". (Otelo Rosa. Vultos da Epopéa, p. 59.) A onze de fevereiro de 41, levantaria acampamento, de retorno da invita Lages, o destacamento do coronel Joaquim Pedro Soares que se adentraria no Planalto pelo vetusto caminho de Santa Vitoria. Seria a última expedição, juntamente com a partida de Bernardino Oliveira e o corpo de Antônio Manoel do Amaral, que atravessaria o desolado Planalto, literalmente empobrecido e semi deserto. Terra de beleza panorâmica sem rival, de estonteante maravilha, de poesia e inspiração panteística.. Incessantemente batida e devassada, à disputa de tumultuárias evoluções marciaes, que lhe talariam todas as verêdas do quadrante gigantesco, ora, legiões liberaes; ora, mercenários caramurús... Empenhado eixo estratégico, a esmadas operações naquela guerra fraticida, do direito contra a prepotência, das aspirações liberaes contra a força bruta da tirania, durante a refulgente epopea farroupilha! — ninguem jámais a conquistaria definitivamente. Tomada e retomada, na sucessão vertiginosa dos acontecimentos, a estupenda rechã nordestina constitue eterna miragem de tragédia, ainda sem história, ao incomparável decênio farrapo. Naqueles inspirados ansêios de brasilidade, simboliza o Planalto o inigualavel predestinado tático: o mais curto relevo topográfico, entre a liberdade e a opressão, que tangia do itinerário bragantino sobre o santificado idealismo gaucho:

— Genuino cruzeiro planaltino...

Também os clarins da última coluna retirante anunciavam já o súbito deslocamento daquelas trepidantes manobras guerreiras, refluidas das soberbas montanhas da região serrana, para as montótonas planícies centrais do indômito Rio Grande...

I I

SANTA VITÓRIA

Insistentemente porfiaram os indómitos farroupilhas no gigantesco tentame de irradiação do ciclo fulgurante da epopéia nacionalista, que descreveriam. Buscariam corresponder a profundas simpatias da vizindade catarinense, onde as contíguas populações lhe abriam os braços fraternais no irresistivel amplexo do mesmo ansêio federativo da nacionalidade, cujos luminosos destinos seriam lentolento eclipsados ao corrupto bragantismo unitarista.

Ao mesmo tempo recrudesciam esforços de reação caramurú, ten-

dentes a estreitar em monstruoso círculo de aço as imortais legiões continentinas, até que ficassem inexoravelmente privadas de qualquer ligação e recursos exteriores.

Era o impiedoso desafio à luta de vida ou morte, lançado à exaltação do Idealismo farroupilha. Assim que, em fins de 1839, à ofensiva dos luzitanos Soares de Andrêa, que retrairia, de vencida, a jornada épica de Canabarro às arenosas planicies de Laguna; concomitantemente sucedia, no Planalto Serrano, a aparição do general português, Xavier da Cunha, que ponteava a lendaria "divisão paulistana", aparatosamente formada no Rio Negro. Já se ela esteiraria ao longo da serra do rio de Pelotas, em agoirentos preparativos de transpô-lo e invadir a região nordestina do Planalto riograndense, simultaneamente por três entradas diferentes.

Já de Rio Negro mandaria à Cruz Alta aquêle cabo de guerra imperialista o tréfego retrógado Cândido Alano, portador de ardoroso apêlo aos monarquistas cruzaltenses, no qual concitava "a todas e até propõe que é chegada a hora de reaparecer no seu município o estandarte auri-verde; e reunido aos bons e valentes oficiaes da guarda nacional, fazerem a reação que reclama o dever de legalistas... Legalistas da Cruz Alta e seus contornos, não esfrieis e não sêde (?) menos que os Lageanos: estabelecei uma boa e leal polícia na vila e vinde com confiança e pronto auxílio... ocupar um ponto militar na estrada do Mato Castelhano..."

Ao enganoso impulso desta exortação ,organizou-se a brigada Antônio de Melo e Albuquerque, que marcharia sobre o Planalto. Ao saber, porém, do trágico fim da expedição Xavier da Cunha, infletiria para a esquerda e adentrar-se-ia em Santa Catarina, pela estrada do Barracão.

Aos 25 de novembro, de Corisco, solta aos ventos do sul o general bragantino exaltada proclamação aos serranos. Anuncia "que já pisa aquem do sertão a vanguarda da coluna do Rio Negro, que, como por encanto, se organizou e armou na extrema divisa de São Paulo, em menos de sessenta dias... composta de aguerridos emigrados, de leaes e valentes paulistas e cavalheiros curitibanos... As forças imperiaes por toda a parte são inumeraveis, e as suas operações serão simultâneas e os resultados, uniformes..."

Ao abalar-se de Lages, onde se-lhe-incorpora Alano, de regresso daquela embaixada missioneira, despacharia Xavier da Cunha, sob o comando do capitão Hipólito Machado Dias, (nas suas próprias palavras) "forte partida de 100 homens de cavalaria, 20 fragueiros do Campo do Tenente e com o mais que podesse reunir, entrar nos Campos Novos, passar o rio de Pelotas, junto ao Mato-Português, e "fazer mão baixa em tudo que fosse farrapo até o Registo de Santa Vitoria, ou suas imediações; aonde eu me vou colocar a toda a pressa".

(Ofício de Xavier da Cunha ao marechal Soares de Andréa, presidente de Santa Catarina.)

Enfim, mandava que o contingente do capitão Jordão de Melo e, em dias de dezembro, o do major Cândido Alano penetrassem o Planalto nordestano, pelo passo do Borges, e fossem a colear, a montante, o vale do Pelotas, a rumo de Santa Vitoria, "onde farei, por agora, o pião das minhas operações". (Ofício citado).

Genuinas manobras de varredura e envolvimento...

"Bastante conhecidos pelas suas façanhas, não perdeu tempo Hipólito Machado Dias: — no dia 2 de deezmbro já pisava aquêles terrenos, onde surpreendeu pequena guarda republicana de vigia sobre aquêle ponto e, logo adiante, outra pequena partida, que arrebanhava gado para municio da fôrça de 200 homens que êles (farroupilhas) já haviam reunido a duas leguas da Freguezia de Vacaria, no lugar denominado **Puladores**. (Correspondencia cit.)

Ao galgar, pela estrada do Barracão, as abas da Coxilha-Grande, "capturou o capitão Hipólito o mensageiro enviado pelos rebeldes ao coronel Agostinho Melo, comandante da vila de Cruz Alta, pelo qual lhe pediam gente para arrostar a divisão paulista." (Correspondencia cit).

Segundo revelação desse prisioneiro, teria aquêle coronel farrapo respondido que "somente lhes enviaria 52 homens, visto haver de ir guarnecer Butucaraí, em consequência de terem os legais retomado Rio Pardo". Entrementes se resolveu Hipólito a ir bater aquela minúscula expedição, que se desabalava para o Planalto. De feito a surpreendeu em Campo do Meio. Desbaratou-a. Aprisionou 42 homens, que se renderam, e matou-lhe o valente comandante, capitão Felisberto, vulgo — Carne Preta. Transpôs ainda Hipólito o Mato-Castelhano e, de corrida, foi até Passo Fundo. Arrebanhou grande cavalhada e reuniu muitos legalistas. Aí, finalmente deixou o tenente Lúcio, com 150 homens a reunir mais gente e ageirar nova cavalhada, e retrocedeu, "com 300 homens a procurar a posição do Registo de Santa Vitoria, conforme lhe tinha determinado o Brigadeiro... (Cit. correspond.)

Ora, "com a demora de Hipólito", marchou, de Lages, o Brigadeiro para aquém do rio Pelotas, e acampou a légua de distância, no lugar denominado Carazinho; depois, sem cogitar no peigo, saiu dalí, no dia 13 de dezembro, à noite, com o seu piquete de cavalaria e 60 caçadores da 1.ª linha; passou o rio Pelotas, e no dia 14, de manhã, foi chegar ao Registo de Santa Vitoria, precisamente quando vinha chegando Hipólito com sua cavalaria, e o bem conhecido capitão Jordão de Melo..." (Cit. correspond.)

Tudo, pois, convence da rigorosa pontualidade observada, entre os legalistas, de convergência, ao mesmo tempo, em Santa Vitoria, das diversas partidas em operação no vasto escampado nordestino. De fei-

to, para ali se ia colocar, a toda a pressa, o general chefe, que faria, do Registo de Santa Vitoria, o pião de suas operações... Porisso tudo, à luz da própria documentação oficial, é inegavelmente gratuito quanto se alegaria posteriormente, de que avançaria aquêle general incauto e descuidoso do perigo iminente... Ordenou Xavier da Cunha aquela concentração, à hora certa, de todas as fôrças de que dispunha, para bater os rebeldes, esmagá-los e, doravante prosseguir tranquilamente o caminho da picada de Serra Velha, donde hostilizaria as legiões farrapas, que cercavam Pôrto Alegre. Medite-se nas próprias palavras do infeliz general reacionário: "... a coluna do RioNegro, que, como por encanto, se organizou e armou na extrema diviza de São Paulo, em menos de sessenta dias... composta de aguerridos emigrados, de leais e valentes paulistas e cavalheiros curitibanos... As forças imperiais por toda a parte são inumeráveis... as operações serão simultaneas e os resultados, uniformes..."

Faltou àquêle desventurado general contar com o mais poderoso dos fatores de triunfos guerreiros: — o espírito indomavel, semi-vizinho do próprio fanatismo, tecido de abnegação e renúncia, dos que sabem lutar pelo ideal imperecível...

Logo após, chegara tambem a expedição de Cândido Alano, que invadira o Planalto, pelo passo do Borges e vinha, desde "os fundos do Vacaria" a pelejar com a vanguarda republicana.

Dês o início da grande revolução, operaria na região serrana do nordeste o heroico farroupilha, coronel Joaquim Mariano Aranha, ao qual, enfim, se juntaria outro predestinado de prol, o coronel Antônio Inácio de Oliveira, filho.

Ao ter, de seus ativos bombeiros, segura informação do esteirado adeantamento nas lindas de Lages, da invencivel "divisão paulista", cujo malogrado intuito seria: — "limpar a região nordestina, postar-se, de carreira, à embocadura da Serra Velha e, daquelas alturas inacessiveis, ameaçar os farrapos, em Setembrina" — simultaneamente pediu Aranha auxílio a Agostinho Melo, em Cruz Alta, e a David Canabarro, que acampava em Torres. Fez Canabarro subir pronto refôrço, sob as ordens do autêntico heróe — o coronel Joaquim Teixeira Nunes.

Realizada, nas bandas levantinas do Planalto, a ligação entre as fôrças de Aranha e Teixeira; determinou este, que assumira o comando da coluna, seguisse breve partida até aos "fundos de Vacaria", já, em serviço de reconhecimento e vigilância; já na esperança de encontrar e, pois, apressar a companhia auxiliar, vinda de Cruz Alta e cujo desbarato ignoravam.

E bem. Percorridas trese leguas, topara esta partida farrapa com o inimigo, que batia para Santa Vitoria, e de imediato a hostilizou: "Na manhã do dia 13, havia o inimigo tomado a ofensiva contra a nossa vanguarda, comandada pelo coronel Antônio Inácio de Oliveira, filho,

Este valoroso oficial, conforme as instruções do comando-chefe, principiou a retirar-se, no passo do Borges..." (Deve ser êngano esta minúcia toponímica": seria a Fazenda do capitão Francisco Borges Pereira, distante de Santa Vitoria, precisamente o espaço de treze leguas. Deste sítio, já dolorosamente nefasto, às armas liberaes, o movimento retirante. Porque o passo do Borges fica mais dez leguas ainda para "os fundos de Vacaria". Logo, o percurso de 23 leguas não seria facil viagem diversiva, para ser vencida, em horas, pelas duas parcialidades contendentes...) "Mostrava o coronel Antônio Inácio recusar combate, afim de inspirar confiança ao major Cândido Alano. Efetivamente este se animou: mas, como quizesse fazer junção com o Brigadeiro Cunha... que o esperava na guarda de Santa Vitoria, quando chegou no campo do Socorro, deixou de perseguir o coronel Antônio Inácio, e dirigiu-se para a costa de Pelotas..." (O Povo, de 28-12-1839; correspondência oficial).

Já era, pois, definitivamente conhecida dos insubmissos continentinos, a intenção clara do inimigo: — concentrar, na inviolavel guarda de Santa Vitoria, toda a divisão volante, e, depois, atacar vantajosamente os gloriosos farroupilhas.

Para fazer imediata junção com aquela vanguarda que retrocedera da Fazenda do Borges, moveu-se às 3 horas da tarde de 13 de dezembro, a brigada coronel Teixeira Nunes, que decampava do Pinheirinho e, de marcha batida, ia pernoitar na fazenda de Santa Cruz, em Quatis.

Entrementes, na ante-manhã do dia 14, arrancaria aquela brigada e, depois de andar pouco mais de legua, descobre o inimigo, encostado no capão fronteiro, a sete quilometros de distância. Rápido esconde Teixeira a fôrça nas quebradas das coxilhas; fá-la mudar cavalos, e marcha a trote largo sobre os imperiaes, que se vão retraindo em demanda da Guarda de Santa Vitoria. Conseguem os liberaes alcançar-lhes a retaguarda, que mantém ligeira guerrilha, sempre em retirada, até que se unem no grosso da coluna retrograda.

Já se havia fortificado o general Xavier da Cunha em posição inexpugnavel, entrincheirado na cerca de pedra daquele vetusto Registo colonial, a qual se distende da espessa mataria do rio de Pelotas, aos itaimbês intransponíveis, pungidos de mato carrasquento e sombrio, do profundo e acidentado vale do rio dos Touros, que logo abaixo conflue nas aguas rumorosas do rio de Pelotas.

Calmamente adentradas naquela muralha lapidar, todas as partidas da "divisão paulista", de contado dispusera o general Cunha as unidades reacionárias, escalonadas a preceito, ao longo da maciça taipa do sitio histórico.

Ao passo que às avançadas liberaes, só lhes ficava a planície raza, defronte daquêle baluarte granítico, no desnudo, quadrante de 600 metros de perímetro. Já às onze horas do dia 14, desdobrava-se a divisão

farroupilha, no tôpo da planura impassivel, à distância de sete quadras do inimigo acantonado, que espera, confiante na pugna e protegido de qualquer perigo, abater literalmente a tradicional afoiteza da cavalaria riograndense... Culminante o momento de ansiedade, que sacode os dois campos adversos. Bravo e perito, sem vacilâncias, porém, o insignissimo lidador gaucho, cuja experimentada bravura assombrara o proprio Garibaldi. Numerosos recontros memoráveis já o sagraram genuino predestinado imperturbavel. Enquanto trepida intensa fuzilaria inimiga, num átimo, decide o imortal Teixeira Nunes: — Faz avançar veterano esquadrão de atiradores, protegidos por forte contingente de lanceiros das fulminantes cargas do sul, e, empós, despacha outro, de exímios clavineiros. Entrementes, forma extensa linha com o restante da cavalaria, e inicia a réplica tenaz à guerrilha da legalidade, "para dar com isso tempo que chegasse a infantaria, todavia, longe de mim para mais de meia légua", (Correspondência citada).

Enfim, "chegada a infantaria, mandei entrar o destemido comandante José Garibaldi à testa dos seus intrépidos marinheiros, os valentes de Maissambú e dos constantes Lageanos, pelo flanco esquerdo do inimigo, através da espessa restinga. Este incomparavel oficial, depois de acossada a infantaria inimiga, daquela parte, veiu sair-lhe na frente do intrincheiramento, e, fazendo vivo fogo, a peito descoberto, principiou a acobardá-la". (Cit. correspondência oficial).

Concomitantemente carregaram as duas companhias do 4.º Batalhão, do comando do major Inácio Peixoto, simultaneamente pela frente e pelo flanco direito do inimigo. Praticam essas duas avançadas lateraes atos de assombrosa bravura, que desnorteiam as hostes imperiaes.

Rompida vigorosa fuzilaria farrapa sobre ambos os flancos legalistas, arroja-se violenta carga de cavalaria, comandada por esse heróe lendário — Mariano Aranha, assistido do coronel Inácio e majores Gaspar Xavier das Neves e Jacinto Antunes, sobre a porteira do baluarte caramurú. Foram-na irresistivelmente e, de impeto, extrapassam a própria infantaria hostil, alapardada na indevassavel cerca de pedra, e vão entreverar-se na cavalaria legalista, distendida ao fundo do campo da batalha. Seria a confusão, o trágico prenúncio da debandada.

Ao mesmo tempo o capitão Valentiniano de Lima, com os corajosos voluntários do Campo do Tenente, (S. Paulo) arremeter-se-ia em destemerosa arrojada de cavalaria, para impedir se rompesse aquela linha da frente, na iminência da temerária investida farroupilha contra a porteira daquela taipa. Já, porém, se choca apenas com a ala do coronel Antônio Inácio, cujo mortal ferimento deixaria sem direção seus valentes soldados, confuzos, aturdidos. Há lances de pasmosa bravura, naquêle embate patético, em que já se luta corpo a corpo e, afinal, se hostilizam peito a peito as duas legiões combatentes. Há brados de

afronta, gritos e remoques recíprocos. Ordens de comando. Confusão de gemidos. Estridulas clarinadas de avançar farroupilhas... Generaliza-se impetuosa, renhida, a batalha travada. A temivel arremetida dos veteranos esquadrões de Mariano Aranha leva de vencida a ala direita caramurúa, que se vai dispersando precipitosamente. "Parte escapa, a nado, no rio Pelotas. Parte se tresmalha no Campo dos Touros. Parte se esconde no potreiro da Guarda..." Assim que Alano, Hipólito, Jordão de Melo foram solicitados heroes da fuga cobarde... Apenas se batia ainda a cavalaria de Valentiniano Lima, que interrompera a penetração na porteira ao contingente do coronel Antônio Inácio, durante alguns minutos. "Enquanto isto acontecia para aquêle lado, o capitão Valentiniano, seus bravos companheiros disputavam a entrada da Porteira: porém, uns dois rapazes atiradores bradaram para que lhes dessem cartuchos, por terem acabado os que traziam; esta reclamação imprudente, ouvida pelo coronel Antônio Inácio (foi-o por seu corpo, que êle estava mortalmente ferido já) fez com que se atacassem ao mesmo tempo por todos os pontos, arrojando-se sobre a entrada da porteira, que foi então forçada; nestas circunstâncias cada um não teve outro recurso senão retirar-se para o mato que borda os dois flancos daquêle muro de pedra..." (Correspondencia legalista. H. Boiteux, Rep. Catarinense, p. 254.) Entrementes, a coluna desse valente fulminado desimpediu a porteira da "muralha de pedra" e desbaratou o restante da patrulha inimiga, dirigida pelo "gigante Valentiniano". (Correspondencia citada).

Foi o desfecho final na debandada imperialista. O extermínio completo da invencivel "divisão paulista", cujo comandante, o general português Francisco Xavier da Cunha perecera afogado, quando fugia espavorido no atropêlo da divisão destroçada, e mais cinco oficiais identificados. Naquêle rude campo de batalha cairam 36 legalistas, mais de cincoenta morreram arrastados pela correnteza do rio de Pelotas. 106 prisioneiros, entre os quais o major Manoel Rodrigues de Souza, capitão Gil Bazílio da Cunha, José Antunes e Pedro Barbosa, tenente José Álvares Machado de Vasconcelos e Manoel Rodrigues de Oliveira Neto. Numerosos feridos. Ademais, farta presa de guerra — armamento, munições e mais de trezentas montarias; seiscentos cavalos... Poucas as perdas farroupilhas, entre elas, desgraçadamente a desse genuino heroi — o coronel Antônio Inácio de Oliveira, filho, que, gravemente ferido, veiu a falecer, seis dias depois: — rutilante existência meteórica que a súbitas se encerrava no pórtico da glória...

E assim desaparecera das fundas cogitações bragantinas a pomposa dicisão paulista, extinta ao pisar o solo gaucho, na sinistra encruzilhada do histórico Registo de Santa Vitoria...

Apagava-se em definitivo a estrêla guerreira do general luzitano, já prosaicamente empalidecida na grande batalha de Rio Pardo, onde

lhe a esquiva tática militar conheceria o pó da humildante derrota, liquidada em conselho de guerra...

Imprevidente e crédulo, êsse cabo de guerra unitarista. Em Lages, receberia em pleno acampamento volante, ardiloso espião farroupilha, da coluna Mario Aranha. Fê-lo crer que "tinha fugido da força rebelde, a qual constava somente de 200 homens, entre velhos e meninos, todos mal armados, dos quais grande parte se acha disposta a passar para o partido legal". Acreditou Xavier da Cunha "nesse disfarçado espião; dêle se serviu para conduzir amistosa carta ao Aranha em que o convidava a apresentar-se, visto que em outro tempo tinha servido em 1.ª linha e tinham sido amigos". (H. Boiteux, República Catarinense, p. 252.)

Dominava-o, de seguinte, a ideia fixa desse engodo, tanto que "... na ocasião do mais vivo fogo muitas vezes perguntou ao capitão Valentiano se já haviam passado para o nosso lado alguns contrários..."

Certo, a jornada épica de 14 de dezembro de 39 desafogaria às legiões republicanas a iminência de funesto perigo, cuja irradiação se iria a refletir no próprio cêrco de Pôrto Alegre...

Narram tradições contemporâneas, transmitidas à memória da posteridade, que três horas a fio durara o recontro sangrento. Já se adensavam as sombras do incomparável crepúsculo planaltino, quando se recolhiam as últimas partidas de reconhecimento e inspeção no terreno contíguo, por onde andaram batendo, ou aprizoando os derradeiros fugitivos da brigada extinta.

Afinal, perpetuaria a lenda a lúgubre fama de assombramento àquelas paragens imponentes, onde longamente se imaginaria errasse ainda o general vencido e desgarrado, no recôncavo da mataria gigantesca...

Por igual, diriam também que, pelas caladas agoirentas das noites soturnas, se ouviriam fúnebres lamentos, cortante sibilar de balázios e vozes de comando no assobio estrepitoso das clarinadas...

TENTATIVA EMANCIPACIONISTA

Durante o decênio farroupilha, a máxima preocupação oratória na assembléia geral, foi a sucessão dos acontecimentos revolucionários da malograda República de Piratiní. Os proprios ministerios, principalmente no ciclo da Regência, recebiam da voluvel fortuna das armas imperiais, nos campos revôltos do Sul, as condições precípuas de seu êxito ou desfavor político. Eram intermináveis as discussões e juizos em tôrno dos homens culminantes que ponteavam a guerra farroupilha, sua finalidade, orientação e desígnios, na inflamada dialética dos deputados da assembléia geral.

Na decorrencia daquele ciclo fulgurante, era geral a confusão e desorientação na política do Imperio.

Daí, evidentemente o surto de contrastes e absurdos, em certas atitudes de parlamentares e sinceros monarquistas, no intuito de pacificar a província de S. Pedro do Sul.

Certo, não destôa dessa onda de confusionismo errante, o extranho projeto de lei, apresentado pelo deputado bahiano, o médico, dr. Antonio Ferreira França, na sessão de 13 de maio de 1837, à assembléia geral, concebida nos seguintes têrmos:

"A assembléia geral legislativa decreta:

"Art. 1.º Na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul se elegerá, pela fórma atualmente estabelecida, uma assembléia provincial extraordinaria.

"Art. 2.º A especial missão desta assembléia será declarar em nome da provincia, se quer ou não continuar unida às mais provincias do Brasil.

"Art. 3.º Se declarar que não quer continuar unida, ficará por este fato desunida e tal reconhecida, e entre ella e o governo do Brasil, se celebrará um tratado de indemnisação.

"Art. 4.º Se declarar que quer continuar unida, então 1.º: ficarão esquecidos todos os acontecimentos revolucionarios; 2.º, se elegerão pela fórma inteira destas eleições, deputados da provincia para a assembléa geral, e trinta e seis deputados para a assembléa provincial ordinária, que deixará de ser de vinte-oito e continuará a ser de trinta e seis deputados; 3.º, pelos mesmos eleitores se procederá á eleição de um presidente para, pela forma da eleição dos senadores, o govêrno geral escolher um dos da lista triplice, proposta pela provincia; 4.º,

a eleição deste presidente se renovará todas as vezes e pelo mesmo tempo que a eleição da assmbléia legislativa provincial; 5.°, uma das atribuições deste presidente será a nomeação do comandante das armas da provincia e dos servidores de quaisquer empregos que se servirem na provincia; 6.°, a assembléia provincial decretará soccorros aos infelicitados pela revolução; 7.°, proporá á assembléia geral o numero de representantes da provincia, pelo qual a provincia deve ser representada na representação nacional; 8.°, legislará sobre todos os objectos de interesse provincial, com salva dos interesses de outras provincias e dos tratados.

"Art. 5.° Esta lei será publicada naquella provincia quanto antes e enviada officialmente a todos os partidos existentes nella.

"Art. 6.° Ficão revogadas as disposições em contrario.

"Paço da camara dos deputados, 6 de maio de 1837. — Antonio Ferreira França."

(Anais da Camara dos deputados, vol. 1.°, p. 55, de 1837, do dia 13 de máio).

A respeito dêste episódio parlamentar, referem os respectivos Anais:

"No momento em que o Sr. presidente (Araujo Lima) consulta a "camara sobre se julga este projeto objeto de deliberação, o sr. "Henriques de Rezende pede a palavra pela ordem, e diz, que não "entra agora a discorrer sobre o merecimento do projecto, mas, "que está em duvida elle envolve materia constitucional; e por- "tanto é necessario discutir primeiro este ponto.

"O Sr. presidente: — Seu autor não o offereceu como objeto de "reforma da Constituição.

"O Sr. Henriques de Rezende: — Ainda que o seu autor não o pro- "ponha como tal, todavia a camara póde dizer que o é. Muitas ve- "zes se manda á mesa um requerimento, e V. Ex.ª lhe chama uma "indicação, ainda que toda a camara diga que é requerimento."

"O projecto não é julgado de deliberação por grande maioria de "votos."

(Anais citados, p. 55-56)

A teôr dêste projeto, se convertido fôsse em lei:

a) Eleger-se-ia, no Riogrande, assembléia provincial extraordinaria, cuja especial missão seria decidir se queria a provincia continuar unida às mais provincias do Brasil;

b) Se declarasse que não mais queria continuar unida, ficaria, por este fato, desunida, e entre ela e o governo do Brasil, se celebraria um tratado de indenisação;

c) Se decidisse querer continuar unida:
esquecidos ficariam todos os acontecimentos revolucionários;
seriam eleitos os deputados da provincia à assembléia geral, e 36 deputados para a assembléia provincial, que passaria a compôr-se dêsse número de representantes;
proceder-se-ia, pela fórma de lista tríplice, à eleição para presidente da província, para que o govêrno geral escolhesse um, que administraria pelo período de tres anos e cuja eleição se renovaria juntamente com a dos deputados provinciais;
a assembléia legislativa provincial teria mais atribuições, para "legislar sôbre todos os objetos de interesse provincial, com salva dos intereses de outras provincias e dos tratados."
Como se vê do projeto estabelecer-se-ia excepcional sistema de investitura presidencial para o Riogrande do Sul, cuja autonomia administrativa ficaria assegurada pelo direito de escolha de seu chefe executivo, mediante eleição de tres nomes, submetidos à resolução do govêrno geral. Era o contrário da exigência da Constituição imperial, que impunha a livre nomeação dos presidentes das Províncias.
Elevava tambem o projeto a representação da assembléia provincial do Riogrande à categoria das provincias de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, cujas assembléias se compunham de 36 deputados. (Ato Adicional ,art. 2.º)

(Anais da Câmara dos Deputados, vol. 1.º, p. 55, de 1837, do dia 13 de máio).

Generosa tentativa de conciliação entre a rebeldia gaúcha e o govêrno imperial, foi a sugestão do deputado Rebouças, levada ao espanto e indecisão da assembléia geral, assim narrada, noutro passo:

"Nessa altura das contorvérsias parlamentares, sôbre a fixação "das fôrças de terra e mar, para investir contra o Riogrande, le-"vanta-se Rebouças, o grande Antonio Pereira Rebouças, e profe-"re oração de pensador e homem de coração bonissimo, que teve. "Refere-se ao sacrifício que enfrenta o Brasil, à resistência inque-"bravel dos Farroupilhas, à longa duração da guerra civil. Faz "consideração de homem superior e, em meio de seu discurso, "desfere parábolas e alegorias de finura mental, para, em cabo, "dizer o a que aspira o Brasil:

— "... acabar com a guerra do Riogrande do Sul, e acabá-la ain-"da que seja como fôr... porque se não acabar em pouco tem-

"po, o Brasil por éla morre... Acabe-se a guerra do Sul, ain-
"da que seja como fôr... porque, Srs., nós nos vamos inanin-
"do exaustos por tôdas as artérias...

"E como, perdurando tanto abuso, há de acabar a guerra! Co-
"mo não se curando dessa moléstia do país, quer-se que se pa-
"cifique uma parte do imperio, em cuja desordem tantos de
"pobres se fazem ricos, de ricos se fazem riquissimos, e, de
"opulentos, opulentíssimos?... (Anais de 1843, vol. 11.º p.266)

Responde-lhe Franco de Sá:

"... eu votarei por éla de tanto melhor grado, quanto desejo
"habilitar o govêrno para o acabamento da guerra do Riogran-
"de do Sul, para o acabamento, não de qualquer modo que
"seja, como em uma das sessões passadas foi enunciado na
"casa, pelo ilustre membro deputado pela Baía...

"— O sr. Rebouças: — apoiado, mil vêzes.

"— O sr. Franco de Sá: — E já, srs., que nesta discussão
"apareceu esta insinuação...

"— O sr. Rebouças: — Insinuação, nunca; é opinião.

"— O sr. Franco de Sá: — E se não é, como se póde tirar dessa
"expressão uma interpretação tão nociva, como a de acabar-
"mos a guerra do Riogrande do Sul pelo abandono da provín-
"cia, cumpre a tôdos os deputados que tomarem parte nesta
"discussão condenar, repelir semelhante interpretação; cum-
"pre fazermos tôdos os esfórços para acabar a guerra do Rio
"grande, mas acabá-la com um triunfo completo da honra e
"integridade do Império, acabá-la com o triunfo completo da
"nacionalidade brasileira..." (Anais de 43, cit. vol. 11.º, p.
"304).

"Na sessão de 11 de abril, treplica-lhe Rebouças, que termi-
"na:

"... mesmo até me persuado (isto é um sentimento particu-
"lar) sim, eu me persuado de que, se acaso houvesse um ar-
"mistício no Riogrande, mediante um ano, ano e meio ou dois
"anos, estaria acabada a guerra do Sul; a maior parte dos
"brasileiros desvairados da grei nacional viriam a éla com a
"convicção resultante da mais dolorosa experiência... (Anais
"cit. p. 745).

Finalmente, quando na Câmara se discutia a criação da província do Paraná, o deputado Joaquim Otavio Nebias, de S. Paulo, alvitraria

esta sugestão de puro sentimentalismo, para de imediato pacificar o Riogrande do Sul:

> "Pelo lado político o meio mais fácil de acabar com a rebeldia "do Riogrande era a criação da província de Piratiní..." (Anais "de 1843, vol. 11.°, p. 458).

Excertos da tese — A Política dos Ministérios e a Revolução Farroupilha.

Copiados pelo sócio do Instituto e diretor da Revista, — Manoel Duarte.

DOIS OFICIOS DE ALFONSO MABILDE

(Introdução do Prof. Walter Spalding — Notas do dr. Manuel Duarte)

PIERRE FRANÇOIS ALPHONSE BOOTH MABILDE, engenheiro e tenente-coronel da Guarda Nacional, nasceu em 30-8-1806 na cidade de Bruxelas (Belgica). Descendente de antiga família francesa, seu pai, Lourenço Mabilde, era também belga, enquanto sua mãi, Isabel Petronila Booth Mabilde era natural da Inglaterra. Diplomou-se em engenharia na Universidade de Liége e veiu para o Brasil a bordo do navio Rembrandt do Cap. Huggues, desembarcando no Rio de Janeiro em 1333. Aí foi contratado pelo dr. Forbes para trabalhar na casa Carrole & Forbes. Rebentando a Revolução Farroupilha, em set.° de 1835, foi encarregado pelo presidente da Província, José de Araujo Ribeiro, de arrumar algumas canhoneiras para o que ofereceu gratuitamente seus serviços. Terminado este, continuou seguindo a carreira comercial por não achar trabalho na sua arte, tendo sido nésta época, encarregado de liquidar a casa comercial de Fabre de Mossielles em Pôrto Alegre, onde esteve empregado até 1837, passando depois a trabalhar por conta própria. Em 22-3-1848 obteve carta de naturalização de cidadão brasileiro, achando-se registado na Secretaria do Govêrno em Pôrto Alegre, no livro 1.°. Neste mesmo ano, em 20-6, foi nomeado engenheiro das colônias da Província do Rio Grande do Sul, pelo então presidente da Província, Tenente General Francisco José de Souza Soares de Andréa .Desde esta época passou a habitar em S. Leopoldo. — Em 22-7-1850, já Tte. Cel., foi nomeado pelo presidente da Província, Comandante do 2.° Batalhão de Infanteria da Guarda Nacional no município de S. Leopoldo. Conservou-se neste posto até 7 de maio de 1851, quando foi exonerado a pedido, tendo durante este período, ocupado duas vezes, interinamente, o comando da Legião no município de S. Leopoldo. Em fins de agôsto de 1857, embarcou para a Europa afim de lá adquirir maquinária e operários tecnicos para montar, em Pôrto Alegre, junto com o sr. Luiz Afonso Azambuja, uma fábrica de porcelana. Ofereceu, por esta ocasião, seus serviços ao presidente da Província, comendador Patrício Corrêa da Câmara, para fazer na Europa estudos referentes aos melhoramentos da Barra do Rio Grande do Sul. Em 1858 fabricou louça na França com matéria prima do Rio Grande, tendo feito uma baixela com as armas imperiais para ser oferecida a

S. M. o Imperador Pedro II. Em 1874 obteve do Imperador permissão de explorar minas de sulfato de cóbre e outros minerais nas margens do Quaraim entre os arroios Caguaté e Capivari, no Rio Grande do Sul. Alphonse Mabilde foi grande observador, passando toda a vida a estudar. Conhecia vários ofícios, entre êles o de ourives e lapidador, tendo deixado trabalhos em ouro, prata e pedras lapidadas. Deixou também, devidamente classificada, grande coleção de pedras e cristais do Brasil que ficou para seu filho Adolfo Mabilde que a vendeu aos padres Jesuitas de S. Leopoldo. Falava corretamente flamengo, português, inglês, francês, holandês, alemão, espanhol italiano e outras línguas, inclusive alguns idiomas selvagens do Brasil que aprendeu durante dois anos, em que esteve prisioneiro dos índios Coroados. Quando conseguiu escapar, escreveu notas sôbre a vida e costumes destes índios, com as quais pretendia escrever um livro em 1866. Estas interessantes notas estão em poder dos herdeiros e delas foi publicada pequena parte no Anuário do Rio Grande do Sul, de 1897 e 1899, e o prof. Antônio Serrano resumiu-as, confórme o próprio original, e publicou êsse resumo sob o título:

"Los Kaigangs de Rio Grande do Sul a mediados del siglo XX", — Según terriente coronel Alfonso Mabilde. — In Revista del Instituto de Antropologia de la Universidad Nacional de Tucuman — Vol. 2. N.º 2. — Tucuman — 1939.

Escreveu mais: Exposição sôbre a barra do Rio Grande (1864) respondendo às perguntas que lhe fez Antônio Manuel da Câmara, encarregado da Estatística Provincial; "Description abregée d'un Cabinet d'histoire Naturelle" (1848) e mais regular série de apontamentos sôbre as plantas do Brasil. Faleceu em S. Leopoldo a 4-12-1892.

Sôbre suas atividades e origem, o próprio Alfonso Mabilde fala em carta ao presidente da Província, respondendo informações solicitadas pelo Ministério dos Estrangeiros. E' a seguinte a carta escrita em português meio afrancezado, como se poderá verificar:

Ao Excell.º Prezidente da Província em Pôrto Alegre.

Elm.º e Excell.º Snr.

Hontem teve a honra de receber a Portaria que V. Ex.ª dignou-se dirigir-me com data de 2 do Corrt. transmitindo-me a Copia do Aviso expedido pelo Ministério dos Negócios Extrangeiros de 16 de Dezembro findo no qual se pedem informações de Piérre François Alphonse Mabilde. Tenho a honra de responder á V. Ex.ª que posto que a idade marcada no referido aviso differe hum tanto com a minha idade, assim como não combinaram inteiramente algumas circunstâncias referidas no mesmo aviso, com tudo estou certo que o indíviduo de quem o Encarregado de Negocios da Belgica na Côrte pede notícias, sou eu mesmo, por não haver na Província outro de igual nome e prenomes, assignando-me sómente por costume Alphonse sem mais prenomes, e por ter com efeito vindo para o Império no

navio Rembrandt Capitão Hugghes que chega no Rio de Janeiro em 1883, tendo eu sido n'aquela cidade convidado pelo negociante americano Forbes à vir para esta Provincia para levantar na cidade de Rio Grande a planta do Canal da Barra, aberto por contracto, pela Caza de Carrole e Forbes, em cuja caza demoreime por algum tempo ainda depois de findado aquelle trabalho. Tendo em Setembro de 1835 arrebentado a revolução na Provincia esteve empregado como Engenheiro pelo Excell. Prezidente n'aquelle tempo Jozé de Araujo Ribeiro, da armação de algumas canhoneiras, para cujo serviço me tinha offerecido gratuitamente. Findado esse serviço segui por enquanto á carreira commercial por não achar occupação na minha arte, tendo sido n'aquella occasião encarregado como agente da caza commercial de Fabre de Mossielles de liquidação de sua caza em Pôrto Alegre na qual tive empregado the em 1837, tendo ao depois negociado por conta propria por algum tempo, thé que finalmente foi nomeado em 20 de junho de 1848, pelo Ecell. Snr. Tenente General Francisco Joze de Souza Soares de Andrea Prezidente da Provincia n'aquelle tempo, para encarregar-me como Engenheiro da medição das Colonias desta Provincia, e dessa data para cá tenho sempre habitado esta villa. Em 22 de março de 1848 tive a honra de obter carta de naturalisação de cidadão brasileiro, cuja carta se acha registrada na Secretaria do Govêrno em Pôrto Alegre, a f.ª do livro 1.º semes. achando-se lançado nella o meu nome tal qual vem indicado pelo encarregado de Negocios da Belgica na Côrte. São estas as informações que tenho a honra de levar ás mãos de V. Ex.ª e que supõem serão suficientes para justificar a identidade de pessoa, agradecendo sinceramente á V. Ex.ª a deferencia e delicadeza com que dignou-se tratar-me.

Deus Guarde á V. Ex.ª

Villa de São Leopldo 11 de janeiro de 1857.

Ilm.º e Exellm.º Prez. Conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, Prezidente da Provincia

Alphonse Mabilde

Os dois ofícios que se seguem, copiados fielmente da copia do próprio punho de Alfonso Mabilde, são, como, aliás, no geral os ofícios de seu copiador do qual, por gentileza do sr. Dorvalino Mabilde extartamos êstes dois, de interesse e, de modo especial, os que tratam dos bugres e dos diversos caminhos que percorriam ,e poisos que mantinham, etc.:

As informações dessas cartas, sôbre os silvicolas, aliás, estão nos seus apontamentos traduzidos, em resumo, pelo Prof. Antônio Serrano da Argentina, conforme já dissemos.

Eis as cartas:

— I —

Illm.º Exm.º Snr.

Em virtude ás ordens que V. Ex.ª dignou transmittir-me em offi-

cio de 15 de Janeiro p.º p.º: logo ao Pontão, passei a inspecionar os trabalhos que ahi se estão fazendo, e fez igualmente huma revisão minunciosa das contas das despezas feitas com as obras em contrucção, tendo em conformidade ás referidas ordens de V.ª Ex.ª

O Quartel para o destacamento da Policia e caza da Colletoria (1) que se está construindo, segundo huma planta que o Administrador Joaquim Ant.º de Moraes Dutra me aprezentou, se entra conforme a referida planta. Posto que ha bastante tempo, que si deu principio a está obra, com tudo está mais adiantada do que era de supór, visto o muito serviço e outras obras que fui precizo fazer-se e que se achão feitas, antes de poder ter dado principio á edificação do dito quartel.

---

(1) Quartél para o destacamento da polícia e casa da Coletoria, no Pontão.

A partir da aurora da centúria XIX, irradiou-se para os "Fundos de Vacaria" súbito deslocamento de povoadores paulistas, que se fôram acantonando á margem esquerda do rio Pelotas e ao longo da imensa serrania de Erechim. Transpunham a ingreme serra de Pelotas e se distendiam na amplidão derelita, onde se iam alojando.

Logo cuidou o govêrno riograndense, no início da revolução farroupilha, de sediar o clássico destacamento da Polícia volante, na entrada do caminho que levava para S. Paulo.

O local escolhido, para quartél da Polícia e casa da Coletoria, — diz o importante relato inédito — foi o Pontão, à beira da estrada sofrivelmente recomposta, e à entrada da serra de Pelotas, cujo passo, desde as primeiras investidas possessórias paulistanas, ficou assente logo abaixo da confluência dos rios Canôas e Pelotas.

No sítio eleito, tratou a administração riograndense de construir quartél à Polícia e Coletoria, à arrecadação de dízimos dobrados às trópas de muares e cavalares que por ali transitariam, a rumo de Campos Novos e Curitibanos, em demanda de S. Paulo longínquo.

Ao mesmo tempo mandaria o govêrno sulino erguer Capéla dedicada á N. S. das Dôres, em plena povoação incipiente.

Sucedeu, porém, no rolar dos tempos, que a nova povoação estacasse, votiva sempre à padroeira inicial, a sua Igreja, e, finalmente, que o batismo primitivo, — Capéla do Pontão — fôsse mudado em — Vila do Barracão ou séde do atual 2.º distrito de Lagôa Vermelha, á encosta da serrania e passo do Barracão, cujo topônimo se tirou do gigantesco Barracão, construido para quartél da Polícia da Coletoria do Pontão.

Passariam a preferir êste rúde caminho as tropas em marcha para S. Paulo, em cuja percurso, — diz o documento em apreço — se encurtavam 70 léguas que se bateriam, se se buscassem, ao Nascente, o famoso Registo de Santa Vitória.

Tudo a obra está em pé e em madeirada, pronta a receber o resto da telha, achando-se já coberta tuda a parte do fundo que compreende o quartel dos Soldados e dos inferiores, e parte da ala esquerda que compreende na frente a salla do commandante, salla dos subalternos e as duas alcovas, o que tudo se acha coberta com 8.800 telhas, achando-se pronto no forno outras 1.000 telhas já cosidas e grandes porção de telhas para seccar no galpão da olaria que em poucos dias se poderá igualmente cozer.

Para acabar de cobrir tudo o resto da obra orsei em 7.000 telhas as que poderão faltar para isso.

A maior parte das portadas e janellas se achão levantadas, e as que ainda não se asentarão no seu lugar se achão prontas, falqueizadas e aparelhadas para irem á seu lugar. As taboas para as portas e janellas igualmente estão prontas e aplainadas, e grande parte dos paneis das mesmas já engravados, á espera que a madeira secca mais para ao depois corta-los de dimensão propria.

O fundo tudo está páo apicado e ripado e barreado segundo exige a Nota N.º 2 que acompanha a planta. Toda a parte do fundo se acha já aterrado, socado e nivellado, e os aterros do resto do edifício continua a fazer-se. Se o Administrador não continuar a soffrer os repetidos transtornos que tem soffrido e dos quaes alguns relatarei á V.ª Ex.ª, segundo V. E.ª, exige, julga que em menos de dous mezes meio, ficara o total da obra concluida. As madeiras que se empregou na obra são mui boas bem escolhidas apropriadas aos varios lugares que occupão. Os esteios, posto que na Nota N.º 1.º da planta se achão notados roliços se achão ser falquizados em palmo reforçado se faça em quadra, o que achei mais proprio do que roliços como vá notado na planta. Os esteios são de cabriuva, Guarapiapunha, Angico vermelho e arroeira, preta, tudo madeiras bem apropriadas e de muita duração ,estando enterradas no chão como são esteios. As linhas e mais madeiramento de cima e da coberta são de Pinho Orucario, menos as thesouras que são de Louro preto. Os portados e janellas são de cabriuva preta e louro preto, ambas madeiras que equivalam o Ipé para estas obras. Os paneis das portas e janellas são de cedro vermelho e de louro preto, madeiras geralmente empregadas para isso. A construção hé assaz solida e as madeiras proporcionadas em grossura; e para o que diz mão de obra, talvez que exeda em bondade as recomendações que me diz o administrador, que V.ª Ex.ª lhe tinha dado verbalmente; porisso notei,o que talvez foi por esquecimento do engenheiro que levantou a planta da obra, que não recomendado nas notas que acompanhão a planta, que todo a obra fuisse assoalhada ou pelo menos forrada de taboas de pinho . = O forrar achava mui bom e pouco dispendioso, e a obra é merecedora disto. = Quanto ão assoalhar poderia-se visto ha ver no lugar muito bom barro, ser tudo o edificio ladrilhado com tijoleiras de palmo emquadras com 3 ou 4 polega-

das de espessura; e o que achava de muita necessidade, he de ser os pateos calçados de pedras, o que com facilidade pode fazer-se, visto as pedras serem abundantes no lugar e boas para esse fim. Como os àterros são de barro vermelho e o terreno dos Pateos da mesma qualidade qualquer chuvas, n'elles forma pantanos, e mui principalmente no pateo geral que fica no centro do edificio, logo que sobre elle pisa çavallos em tempo de chuva. Como as ordens que teve a honra de receber de V.ª Ex.ª limitadas para o que diz a referida obra do quartel, unicamente a indicar algum meio para o bom desempenho da obra o que com effeito fez não me permetti indicar nada destes amelioramentos qua acima acabo de mencionar à V.ª Ex.ª, porem persuado-me que V.ª Ex.ª reconhecerá visto como já teve a honra de dizer a V.ª Ex.ª, a obra sermerecedora de ser acabada com algum preceito, e que não deixará de mandar fazer algumas ameliorações dos que acima apontei.

Depois de ter examinado a obra do quartel cujo resultado acabo de notar a V. ªExc.ª passei á examinar as contas das despezas feitas pelo mencionado Administrador, e para isto franqueiou-me sem escrupulo algum tudo os seus assuntos notas e papeis relativos á Obra, assim como os varios officios de V.ª Ex.ª pelos quais V.ª Ex.ª o autorizou a fazer tudo quanto aqui achei feito.

Fez as mais minuciosas recapetulações das despezas que o referida Administrador fez, e das quaes grande parte já prestou conta á Thesouraria Provincial: e tanto nas contas já apresentadas como nas contas que breve vá apresentar à V.ª E.ª não me fui possivel encontrar huma só quantia lançada ão debito da fazenda nacional que não fuisse proveniente de despezas necessarias e feitas com a maior econômia e sem aumento ou acrescento de quantia alguma aprezentando de tudo documentos, que com o maior cuidado comparei com os assuntos, assim como me foi precizo comparar ou para melhor explicar-me, orçar a obra quanto diz respeito mão de obra e despezas provaveis, afim de poder melhor verificar e convencer-me que as despesas por elle Administrador feitas, forão feitas convenientemente. O tudo achei conforme e como já teve a honra de notar á V.ª Ex.ª com a maior econômia possivel.

Nos varios recibos de quantias pagas, cujas assignaturas huma de mão propria ao recebedor e outras por procuração por não saberem escrever, notei os seus valores e informando-me seguramente e em particular daquelles individuos, principalmente dos que não assignarão com seu proprio punho, quaes erão as quantias que tinhão recebido, tudos conbinarão com os valores estipulados nos mesmos documentos, não tendo encontrado huma só pessoa entre as muitas que teve ocasião de questionar á respeito, que não me dizessem ixatamente o que constava dos referidos documentos que existem em poder do mesmo administrador. Como este em poucos dias deve aprezentar á

V.ª Ex.ª as contas das despezas que fez desde o tempo em que apresentou as ultimas contas, quais são, assim como fuirão as já apresentadas, por mim examinadas, sem ter aí ellas achado cousa alguma que me podesse fazer desconfiar de sua boa fé e lealdade, julguei desnecessário remetter á V.ª Ex.ª a copia das mesmas contas, visto todas elas ellas passar por mãos de V.ª Ex.ª A unica causa que encontrei em tudo este exame, fui não serem os assentos das despezas que fez, feitos com a ordem e clareza que nas administrações desta natureza se exige; porém esta falta, filha da pouca ou nenhuma prática que o referido administrador tem de contabilidade deve infalivelmente ser desculpada por V.ª E.ª, sendo esta pequena falta grandemente compensada pela bôa fé, lealdade e probidade que caracterise o Administrador Joaquim Ant.º de Moraes Dutra. Indiquei-lhe a maneira e a marcha que devia seguir afim de obstar confusões que poderão resultar de assuntos feitos sem ordem e para em fim risquei-lhe varios livros de assentos, cujas normas ficarão em seu poder para pelo futuro por eles guiar-se.

Alem de varias copias de contas que V.ª Ex.ª houve por bem mandar-lhe, risquei-lhe entre outros modelos de livros de caixa, livro de entradas e saidas de generos de consumo e mais objetos empregados nas varias obras que administra, livro de despezas e livro para os assuntos dos trabalhadores e trabalhos diários dos operários que emprega, e de tudo deixei contas simuladas para melhor esclarecimento e vista sua boa vontade não duvida que de hora em diante se achará mais folgado e achará mais facilidade na fiscalização de suas próprias contas, e por conseguinte deverão ser mais claras as contas que apresentará á V. Ex.ª

Se as quantias despendidas pelo Administrador Joaqm. Ant.º de Moraes Dutra fuissão tudas despendidas unicamente com a obra do quartel em construção e se deve o tempo que V.ª Ex.ª ordenou-lhe administrar aquela obra não tivesse trabalhado senão naquella mesma de certo que haviria motivos de supôr que houvesse extravio dos dinheiros que V.ª Ex.ª lhe confiou, e como o povo por cá não tem outra cousa em vista senão a construção do quartel, não fazendo conta das mais obras e serviços feitos por ele administradas, pouco comunicador das ordens que de V.ª Ex.ª recebe, com muita facilidade acharão e procurarão a desacredita-lo. Porem comparado o serviço feito neste lugar e as quantias despendidas não he possivel deixar-se de reconhecer por aonde quer que seja, que ele administrador hé homem trabalhador, bom Feitor e sobre tudo homem de probidade que dispõe dos dinheiros que V.ª Ex.ª lhe confia com a maior econômia e acerto, o que tudo possa asseverar á V.ª Ex.ª a vistas das contas e exame que fez tanto nas obras como das referidas contas.

Quando mandado por V.ª Ex.ª, ele chegou a este lugar hoje reduzido a campo e em pequena povoação, não achou o administrador se-

não hum faxinal quasi intransitavel, que foi preciso rossar, queimar e limpar para poder depois de examinado tudos os lugares mandar construir o mais perto da Serra e d'agua principalmente, o quartel que se está edificando. Fui precizo fazer ranxos para acomodar os trabalhadores, carretões para a condução das madeiras do matto p.ª fora: cangas e mais aranjos para os bois: construir olaria e forma para a fabricação das telhas; abrir numerosas picadas nos mattos e bem serra intransitável, cujas picadas, algumas exedão de legua de extensão e isto para poder tirar das mattas as madeiras falqueijadas para a obra em construção. Para não perder o tempo proprio da plantação fui-lhe precizo em virtude ás ordens de V.ª Ex.ª fazer derrubada de matta para fazer ração cujas roças tem huma area superficial de 75,710 braças quadradas plantadas com 15 alqueires de planta, feijão e milho para o suprimento de seus trabalhadores. Fez huma grande mangueira para o costeio do gado comprado por conta do Govêrno e para o municio dos trabalhadorés; fui preciso cercar potreiros para os mesmos animais, tendo sempre e the hoje em dia hé precizo ter sempre gente empregado nos rodeos afim de evitar estravios de animais que para este lugar tem conduzido.

Outras muitas miudezas poderia mencionar á V.ª Ex.ª, mas julga serem estes os objetos que visto o pouco tempo que ele aqui esta estabelecido como Administrador, que motivarão certo atrazo na edificação do quartel, e que V.ª Ex.ª não deixara de reconhecer. Alem destes atrazos motivados por circunstâncias necessárias e indispensáveis para pode reconseguir a edificar néste tão apropriado lugar do quartel em construção não possa deixar passar sob-silêncio os atrasos que tão voluntariamente e de caso pensado fuirão motivados por caprichos, (por não me servir de outro termo talvez mais proprio e talvez mais acertado) do atual colletor de Sta.ª Victoria, (2) que segundo as

---

(2) ... **colletor de SANTA VITORIA**.

Tinha a administração lusitana, do periodo nosso colonial, autêntica fome de tributos. Daí, originariamente, a cauta série de providências administrativas na fundação do schamados REGISTROS, ou estações coletoras, ao longo dos primeiros caminhos abertos, para trânsito das tropas de muares e cavalares que se tangiam para S. Paulo e para o centro do Brasil colônia, sujeitas a pesados tributos em estações sucessivas. Ao lado, sistematicamente, o quartel da Polícia volante, ou guarda — diriamos hoje — de repressão do contrabando.

No Riogrande, a primitiva guarda e coletoria fôram estabelecidas em Tôrres, Tramandáí, à cobrança de dízimos reais das tropas que margeavam o comprido areal oceânico, vindas de Vacaria do Mar, através do canal do Riogrande, quando se esboçava o famoso "ciclo dos Tropeiros."

Breve, porém, se dilataria o movimento de penetração e apossea-

mento lusitano, em Cima da Serra, através de cuja amplidão desértica se abririam distensos caminhos, rompida a Serra-Geral, primeiro no célebre caminho de Faria e Souza, em 1728; posteriormente, na grande travessia que fraldejaria os Aparados estupêndos e rumariam a espessura da serrania e buscariam o litoral, onde se fundiriam no roteiro de Viamonte, ou itinerário que, a partir de Tremandy, frechava entre Montes.

Em verdade, da planície litórica para Serra a Cima, acompanha-se a lenta formação das infaliveis Guardas reais: — Guarda, Guarda Velha, Guarda do Mato, Guarda dos Itaimbes, Guarda de Santa Vitória, Guarda de S. Jorge... postos de insaciável cobrança dos Dízimos del Rey...

Graças ao estranho espírito de conquistas territoriais, do Morgado de Mateus, impôs-se retraimento da Guarda de S. Jorge, para a márgem esquêrda do rio de Pelotas, a prol de acalmar a sensibilidade do general da Capitania de S. Paulo. Esta, a determinação de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, ao alferes Joaquim José de Córdova, o comandante da Polícia, no Registro de S. Jorge:

"Na Carta incluza que Vmce. fará passar semdemora as maonz do "Snr. General da Capitania de Sam Paulo, reprezento anecessidade "de Vmce. se recolher oseu destacamento aeste Continente, visto es-"tar decidido por Sua Mage. que o Registo de Sam Jorge das Lages, "aonde Vmce. seacha, pertence aquella Capitania. Avista doque logo "que Vmce. receber ordem do dito Snr. General para asua retirada "seporá em marcha com orefeiro destacamento, continuandoa na me-"lhor ordem possivel athe passar o rio das Pellotas cituando-se na "margem delle dentro dos Limitez deste Contnte. naparage que julgar "maiz propria, afim de evitar oestravio dos Reaes direitos, tendo eu "ordenado ao Provor. da Fazda. Rl. dê prontas providenciaz para que "tanto Vmce. como oseu destacamento seaquartelem comoda mente "advertindo que onumero dotal destacamento pode mto. facilmente "ser aumentado como naturalmente sucederá se Vmce. mo requerer "em atenção aexistir oterror que ocazionou na mayor parte das fami-"lias desse Destrito os Estranhos erepetidos insultos que receberão da "parte de alguaz naçoenz de Indios gentios, que confinão com omen-"cionado Destrito. Deos gde. a Vmce. ms. ans. Va. de Sam Pedro do "Rio Grande 26 de Outubro de 1780. Sebastião Xavier da Veiga Cabral "da Camara. Sor. Alfers. Joaquim Joze de Cordova".

De modo que, afastado do centro de Lages aquele símbolo de domínio administrativo da Capitania do Riogrande, no "Continente de Viamão", se firmaria o ciclo de mandonismo impúne de Correia Pinto.

Terminada a grande revolução farroupilha, sentiu o govêrno riograndense imperiosa conveniência de fundar a Coletoria do Pontão,

com a sua Polícia volante e o seu capitão-mór, para integral cobrança do imposto de exportação de muares e cavalares conduzidos para S. Paulo.

Esta última estação arrecadadora seria absolutamente distinta da histórica Coletoria de Santa Vitória decampada de S. Jorge, no rio das Caveiras, e postada à margem esquêrda do rio de Pelotas, na confluência deste e do rio dos Touros, e por cuja pósse rendosa terçariam armas, empenhadamente, farroupilhas e legalistas. Porque Santa Vitoria constituia, ainda, a chave estratégica de comunicação entre o Riogrande e o Império.

Dessa estranha situação de imprevidente "fronteira fechada", entre o Sul e a República, só a revolução de outubro, de 30, viria a tirar a morosa estratégia nacional. Daí, a construção da gigântea rodovia S. Paulo-Riogrande.

ordens de V.ª Ex.ª era obrigado a suprir mensalmente com dinheiro o Administrador d'estas obras.

O referido Colletor Domingos Antonio da Costa Guimarães, (3) assaz individado pelo que me consta por pessoas fidedignas da Vacaria achou-se bastante incomodado de não poder continuar a dispôr mensalmente de certas quantias das que recebia dos direitos Provinciais para com ellas continuar a amortisar suas dividas, e ser-lhe preciza, em virtude ás ordens de V.ª Ex.ª ou do Thesouro Provincial, por d'aquelle dinheiro certa quantia a disposição do Administrador d'estas obras. O resultado d'este transtorno em seus negocios particulares, fez que o coletor procurou todos os meios de encommodar o administrador Joaquim Antonio de Moraes Dutra, faltando-lhe com dinheiro p.ª suas despezas da obra, e retardando continuadamente athe hoje em dia, a entrega das quantias que tem ordem de lhe dar mensalmente dizendo-lhe sempre que o dinheiro que na colletoria se tinha recebido, ó tinha remettido á Thesouraria Provincial, no entanto que o contrário era fisicamente sabido. O Admiinstrador não tendo com que pagar no fim do mês seus trabalhadores, estes negarão-se a continuar no serviço, e retirarão-se athe que tinhão recebido seus salários vencidos, e assim por varias vezes aconteceu ,tendo-se, segundo pude ver no livro dos assentos dos trabalhadores, passado o mês inteiro de Agosto p. p. sem que se fizesse aqui o menor serviço, por não haver trabalhadores, que se tinhão retirados por falta de pagamento, e estes convencidos, segundo o collector os dizia, que o Adminis-

(3)...coletor **DOMINGOS ANTONIO DA COSTA GUIMARÃES**

Pouco se conhece dêsse funcionário provincial, a respeito do qual o meticuloso Memorandum de Mabilde tão rudes provas colhe.

Sabe-se, porém, que Domingos apareceu no Planalto, provavelmente no decênio 40, pois que, em 1840, 1844 e 1845 batizou, na Freguesia de N. S. da Oliveira, os filhos naturais de nomes, — Afra, Senhorinha, Valentina e Domingos, havidos com a mulher Maria Joaquina da Conceição. Dómingos era filho do Sargento-mór Manoel Antonio da Conceição e de s. m. Maria de Jesus, falecida. A mulher era filha natural de Ana Maria da Conceição.

Domingos Antonio, posto fôsse coletor em Santa Vitoria, tornou-se forte fazendeiro na região da Extrema, mui distante da séde de suas funções burocráticas, pois que, em 1850 possuia o campo da Cachoeira do Bom Sucesso, antigos domínios do comandante Manuel da Fonseca Páis, à época da invasão dos Indios, em 1779. Em suas declarações não dá êle a origem de seus domínios treritoriais (meia légua de frente, e, uma de largo). Seguramente, entretanto, de afirmar é que obteve por compra.

Daí, sem dúvida, o ser Domingos terrivelmente endividado, como a Mabilde se queixavam os acredores, na Freguesia, como narra em seu precioso relatório.

trador tinha recebido d'elle dinheiro p.ª os pagar, e que em lugar de os pagar otinha despendido em aranjos seus particulares!

Heis Exm.º Snr. o procedimento do Collector de Sta. Victoria, e de mais pessoas a quem este deve que vendo o negocio entre elles aranjados não o podem levar ao fim premeditado procurão tudos os meios os mais escandalosos, para não somente desacreditar o Administrador, p.ª com V.ª Ex.ª mas tambem para com os trabalhadores, afim de ver se assim empesão a continuação da obra e fazer crer que aquelles atrazos sejão provenientes do mesmo administrador.

Quando eu passei na Freguezia de Nossa Senhora d'Oliveira na Vacaria aonde me demorei mais ou menos meia hora para tratar de aranjos necessarios para minha viagem, varias pessoas, entre elles alguns dos credores do mencionado colector, vierão ter comigo unicamente para informar e prevenir-me contra o atual administrador d'estas obras, e huma principalmente empenhando-se vergonhosamente e sem pejo algum para que desse a V.ª Ex.ª huma informação contra o Administrador João Ant.º de Moares Dutra, afim de ver se V.ª Ex.ª assim o demetir do emprego que V.ª Ex.ª lhe conferido, e pedindo que na mesma occasião, apresentasse á V.ª Ex.ª como pessoa idonea para este emprego o colletor de Sta. Vitoria. — A vista d'isto, poderá V.ª Ex.ª ver que a guerra que fazem ao atual Administrador não hé á sua conduta nem em virtude de seu procedimento, mas sim a seu emprego. Se o papel não fosse confidente tão pouco fiel mencionaria á V.ª Ex.ª as pessoas pelo nome; porem reservarei isto para quando findar minha commissão, e que poderei ter a honra de o communicar verbalmente á V.ª Ex.ª Peço á V.ª Ex.ª haja de disculpar-me esta falta.

Permitte-me que transcreva á V.ª Ex.ª algumas notas relativas ao lugar do Pontão, afim de poder esclarecer á V.ª Ex.ª sobre o lugar escolhido pelo Administrador Joaquim Antônio de Moraes Dutra, como o mais apropriado para a fundação de huma nova povoação já nascente e o lugar da edificação do Quartel em construção. As plantas e perfis do terreno assim como a planta da pequena povoação nascente, que terei a honra de apresentar á V.ª Ex.ª ao findar esta minha commissão ainda melhor esclarecerá a V.ª Ex.ª sobre o lugar de que trata.

Quartel em construcção, vizinhança V.ª X.ª O lugar escolhido para a edificação do quartel hé o mais apropriado possivel, no meio de huma coxilha ao nivel de tudos os terrenos adjacentes. Fui examinar tudos os lugares, a mais de duas leguas tanto acima como abaixo do lugar aonde o rio de Canoas vem desaguar no rio de Pelotas e daonde este toma o nome de Uruguai, e não achei hum só lugar por ser hum serro mui escarpado que se prolonga pela costa do mencionado Rio, e sobre ambas as margens, aonde ha possibilidade de edificar-se huma caza. Alem disto o lugar aonde actualmente está-se edificando o Quartel hé o unico que achei aonde há fontes d'aguas, o que não se encontra logo que se afasta ao centro deste mesmo lugar para se apro-

ximar do Rio do qual hé separado pelo serro acima mencionado. O mesmo acontece logo que se afaste, tanto para leste como para o oeste, alem dos dous arroios, entre os quais se achão as collinas escolhidas pelo Administrador Joaquim Antônio de Moraes Dutra para a fundação da nova capella e a edificação do quartel: acrescentando mais que o referido quartel se acha no lugar aonde passa a estrada que segue desta Provincia para a de São Paulo e bem na entrada da serra já mencionada que beira os rios de Pelotas e Uruguai, serro este como já notei a V.ª Ex.ª, improprio para não dizer impossivel de achar-se em tudo elle perto do rio hum lugar plano que tem o tamanho do mais pequeno rancho e a querer-se edificar qualquer caza ou o novo quartel em outro lugar mais perto do Rio á não ser este já escolhido, teria sido precizo fazer-se excavação enormes para poder assim fazer hum terreno plano que acomodasse o assento de semelhante edificio, scavações estas, que se hum terreno granitico como o da Serra de Pelotas teria sido obra estraordinariamente dispendiosa e sem proveito algum, para o que diz fiscalização dos direitos Provinciais, pois que não há possibilidade alguma entranhar-se com tropas de bestas na referida serra para alcançar o passo do Pontão á não ser pela estrada actual que passa adiante do novo quartel em que se acha reservado a caza para a collectoria. Alem do exame que fez dos lugares adjacentes ao Passo do Pontão assim como da serra si huma extensão de mais de quatro leguas pela margem esquerda dos Rios Pelotas e Uruguai, cujo resultado acaba de notar á V.ª Ex.ª teve ocasião de conversar com não menos de nove tropeiros que continuamente transitão de Coritiba e São Paulo para esta Provincia e sendo varios destes homens, mui praticos e conhecedores de tuda a serra que beira ambas as margens d'estes rios, asseverarão-me imparcialmente que o lugar da estrada, tanto sobre a margem direita como sobre a margem esquerda, he o unico lugar por aonde se podia a não ser com grandes despeza e obras, abrir estradas e na minha opinião e pelo que pude ver, talvez os unicos lugares desta serra que com pequena despeza se possa fazer paredões de pedra e rampas, quando algum dia se tratara de amelhorar ou construir com preceito as estradas actualmente existentes. Hé igualmente o lugar do Passo do Pontão, na foz do Rio Canoas o que mais convem, tanto aos Paulistas como aos Coritibanos, que seguindo desta Provincia para qualquer dos lugares, São Paulo e Coritiba, passando por este passo e por campos Novos, encortão ao caminho de ão menos 70 leguas, vantagem esta que não offerece passo nem estrada alguma das que seguem desta Provincia para os lugares acima mencionados: — Quando em 1835 apontei ao Governo Provincial, os campos Novos para por elles abrir-se a estrada hoje aberta, fui igualmente de 65 a 70 leguas de menos no caminho que tenho calculado, e hé o que hoje se verifica. Esta pequena exposição será suficiente para convencer á V.ª Ex.ª que o lugar escolhido pelo administrador Joaqm.

de Moraes Dutra para a edificação do quartel em construção, não foi escolha feito por caprixo, como algas. pessoas parciaes querão que seja, mas sim escolha filha de grande conhecimento do rio e seus passos, e da serra que o borda ,conhecimento este que não se pode adquerir sem fazer as necessarias excursões e indagações como fez o mencionado Administrador, e o que o povo tudo deste lugar reconhecem.

Passo do Pontão — o rio Uruguai no lugar do passo do Pontão, he fundo ,e tem profundidade media 58/2 palmos, indo gradualmente em menos athe as ribanceiras, aonde a huma distancia de 10 braças ainda tem 10 e 26 palmos de fundo de cada lado. Para cima do passo, e foz do Rio Canoes, he o rio de Pelotas assaz correntoso: porem o rio de Canoas que vem desaguar-se neste último rio, quasi em angulo reto, formando bem na embocadura humas caxoeiras mui correntosa, este corta e correntosa do Rio Pelotas e forma mais para baixo desta Junção e bem no lugar do Passo, hum remanço que favorece extraordinariamente a passagem deste rio, tantó de canoas como dos ánimaes nadando.

Mais abaixo do Passo, cousa de 100 braças mais ou menos, o Uruguai continua seu curso com alguma correnteza porem muito menos do que o Pelotas antes do enterrompimento que soffre no seu curso, pelas aguas do Rio Canoas, que pela força de sua correnteza no lugar desua juncção o represa. Vi passar no passo do Pontão varias tropas de Bestas, e observei que alcanção de lado á lado sem descahir pelo rio abaixo nem se queira um palmo, o que bastante prova que o lugar do Passo he proprio para este fim.

Foi arrematado o passo do Pontão pela Villa de Lages, não obstante achar-se o passo, aquem do Rio de Canoas, que pelo que me consta serve de diviza entre as Provincias de São Paulo e St.ª Catharina, achando-se o Passo sobre os territorios de São Paulo e odesta Provincia. D.ª Anna de Mattos moradora nos campos Novos, fui que arrematou o passo pela quantia de Rs. 250$000. Pelas informações que teve do passageiro d'este passo, e pelos assentos de suas receitas que me franqueiou: desde 3 meses que se acha empregado no passo, receita diaria 4000 rs. no tempo da não transação das tropas de lutas para as Provincias limitrophas, e quando chegue este tempo o qual dava regularmente 7 meses no anno, a receita diária hé de 24 á 40$000 rs. As tropas que entrão n'esta Provincia por este passo, poucas despezas fazem de passagem, por vir a maior parte d'éllas sem carga ou ao menos com pouca carga, o que não acontece quando regressão, pois que as lutas que entrão sem carga n'esta Provincia de nossa exportação. Suponho que esta circunstancia deveria motivar a que a arrematação d'este passo seja feito pelo Govêrno d'esta Provincia e não pelo de Sta. Catharina nem pelo de São Paulo a quem me parece deveria competir visto se achar o passo sobre este território e sobre o

nosso, isto hé, se como me consta, o Rio Canoas serve de diviza entre aquellas duas provincias. O Alemão Pedro Cruz que muito tempo morou no Passo, no mesmo ranxo em que actualmente permaneça o passageiro, diz-me que o rendimento annual deste passo no tempo que ahí esteve arrecadando os direitos de passagem, era de 1:600$000 anual livre de tudas as despezas. N'aquelles tempo não estava arrematado este passo, e tinha se apossado no passo, unicamente por ver o grande rendimento que la podia fazer, e com effeito o julgou tão lucrativo que durante 3 annos que ali esteve, esteve sempre hum homem pago á 20$000 rs. por mez para servir de passageiro, passar as tropas e arrecadar os direitos de passagem que pagão os tropeiros segundo as tabellas estabelecidas.

O actual passageiro encarregado da receita na passagem, recebe da D.ª Anna, arrematante do Passo, 10$000 mensaes e o mantimento precizo como seja charque, feijão, farinha, toicinho e milho vantagem esta que fazia igualmente o Alemão Pedro Cruz ao passageiro que la teve não obstante pagar-lhe 20$000 rs. por mez. Ha no passo 3 canoas pertencentes á arrematante. Huma de 35 palmos de cumprido e 3 1/2 de largura e duas canoas mais pequenas que acommodão 3 pessoas. Alem destas canoas existe 2 canoas grande que forão feitas pelo Administrador Joaquim Antonio de Moraes Dutra, e que pertencem ao Governo. Proporções que offerece o lugar escolhido pelo Administrador Joaquim Antonio de Moraes Dutra para a edificação do Quartel, e para n'elle fundar huma povoação.

Alem de varias nascentes e fontes d'Agua que no maior rigor da secca não se cortão, permanentes por conseguintes durante todas as estações do Anno, hé o lugar da Cappella do Pontão () cercado da parte oriental e ocidental por dous grandes Arroios que pela altura do terreno sobre que correão, offerecem a vantagem de se poder sem qualquer obra hidraulica pouco dispéndiosa levar as aguas, no centro de qualquer dos lugares que se queira edificar, vantagem esta que poucos ou nenhum lugar d'esta Provincia offerece. — A disposição dos terrenos adjacentes aos ditos Arroios ,permitte que nos lugares que se queira, pode-se formar depositos ou caixas d'agua para a comodidade do Povo, offerecendo os mesmos Arroios as maiores proporções possiveis para sobre elles construir-se engenhos d'agua para tafonar e mais fábricas que se queira mover por meio daquelle motor. Ao norte e Noroeste, com o Rio Pelotas que em alguns lugares se aproxima do lugar da Capella a huma distancia de menos de meia legua, sendo este rio abundantissimo de peixes de varias especies — Abunda de Dourados, Piavas, Surobi, Jundiá, Pintados, Mandi; Trahiiras; Grumatam e de varias especias de peixes miudos. Nos dias feriados muitos dos trabalhadores empregados nas obras do Pontão se ocupão na pescaria, e apanhão em poucas horas peixe, com tanta abondancia que salgados

poderião fornecer a cada hum, commida para quasi toda huma semana.

Hervaes. A pequena distancia de 1 1/2 legua para o Sueste se encontra grandees Hervaes que athe agora não tem sido explorados. Foirão descoberto depois que chegou a este lugar o atual Administrador. A Herva de que se gasta na Vacaria e suas immediações provem dos Hervaes, de Missões. Agora he que vão principiar a explorar aquelles hervaes que dizem ser mui grandos.

Madeiras— Hé o lugar da Capella do Pontão arrodeado de grandes pinhaes e mattas abundantes de madeiras de Lei, como seja o Pao Bugre que reconheci ser o Arroeira preto; Guarapiapinhas, Cabriuva; Angica, Tarumão; Cambará; Louro preto, madeira esta mui procurada para mastreação e que muito abunde n'estas mattas; Louro cravo vulgarmente chamado Guapuvira para Marcenaria; especie particular de cedro vermelho para marcenaria; Ipé de varias qualidades; Pão de alecrim madeira branca como a da larangeira porem ondulada de veias mui amarellas que depois de polida, lhe dá hum aspecto mui agradavel á vista, e mui propria para marcenaria; Cangiranas de duas qualidades: Granachinga, e Guatambú, ambas madeiras que equivalem o melhor Ipé, e em pequena distancia de 5 á 6 leguas pelo rio Uruguai abaixo, encontra-se mattas que abundão em madeiras, proprias e mui procuradas para as construções navaes, como seja a Parova, a Tapura o Louro Sassafraz e o Tamburiqui a que vulgarmente dão o nome de timbauva preta. Materiaes para a construção. No lugar mesmo se acha abondancia de pedra propria para alicerces e calçada de ruas (Corpo negro granitico) abundancia e variedade de areia silioso e quartozoza mui boa para as argamaças excelente barro para telha, e tijolo que tem a propriedade de se poder secar ao sol sem raxar otimo barro para louça ordinaria e mais fina, de que vi varias vazilhas de cozinha e talhas ou potos para agua que fuirão feitos grosseiramente e sem roda propria na olaria existente. — Destes referidos barros, o administrador está mandando fazer as telhas com que se cobre o quartel em construção, sendo estas telhas de uma qualidade mui superior a melhor telha que se fabrica na vizinhança da capital, e que muito ameliorará logo que este mesmo barro for trabalhado por pessoa de oficio

População: — Disposição do Povo, Igreja, & .

Depois que V.ª Ex.ª mandou edificar o quartel no lugar escolhido pelo administrador Joaquim Antônio de Moraes Dutra, tem este lugar mudado inteiramente de aspecto. De medonho e perigozissimo por causa dos repetidos attacos que fazião os Bugres, o que obrigava os tropeiros e viandantes a estar á noite alerta e rondando os animais afim de evitar estravio, roubos e assassinios que os Bugres praticavão logo que qualquer descuido dos tropeiros os permetio praticados, este lugar digo tornou-se em rizonho, e o movimento da pequena povoação já

existente n'este lugar e mudou inteiramente de face. — Dos Bugres só reste os vestigios do tempo que por ca tinhão suas reuniões e allojamentos, tendo-se estes retirados para lugares centraes. Hoje (e Deus permithe que assim continue) a maior segurança ha para os viandantes e Tropeiros, que agora vem pouzar no meio de uma pequena povoação, que há cousa de hum anno era matta virgens e faxinaes habitados pelos Bugros. — A planta que levantei d'sstes lugar e que terei a honra de apresentar á V.ª Ex.ª aô findar minha comissão dará a V.ª Ex.ª huma ideia mais clara e demonstrara melhor de que não posso descrever-lo as vantagens que este lugar offerece para a fundação de huma nova Povoação. O proprietario do Campo e terreno em que se esta edificando o quartel, tem feito o que pode para obstar ao aranchamento de povo n'este lugar, e não obstante os meios de ameaças e outros que empregou para evita-lo, contudo o povo para cá acode e va se aranchando diariamente. — A população existente no lugar com cazas e ranxos já levantados já se monta a 95 almas incluindo homens mulheres e crianças, cuja lista nominal igualmente remetterei á V.ª Ex.ª juntamente a referida planta.

Logo que cheguei á este lugar, em tres dias, setenta e tantas pessoas se me apresentarão, supondo que V.ª Ex.ª me tinha incubido de demarcar terrenos e arrua-los como para huma povoação, querendo aquellas pessoas que lhes demarcasse terrenos afim de poderem edifica-los com cazas tanto para morar como para estabelecer cazas de negocios. — Não tende ordem para isso e não havendo planta apropriada ão terreno para este fim, limitei-me a assevera-los que daria parte á V.ª Ex.ª afim que V.ª Ex.ª determinasse o que julgar á respeito. — A maior parte daquellas pessoas são estancieiros de Campos Novos, Vacaria e Lages, sendo a maior parte d'elles homens que possuem fortunas não pequenas e porconseguinte proprias para dar hum primeiro empulso á fundação de huma nova Capella.

Remetterei igualmente a V.ª Ex.ª a lista nominal das principais pessoas dos lugares acima mencionado que desejão estabelecer-se n'este lugar.

A caza em que provisoriamente os Reverendos Padres Missioneiros celebrão os Divinos Mysterios, he coberta de capim e com paredes de costaneiras de pinho. - Não possue contudo ornamento algum, com tudo he o pequeno altar ornado com muita descencia com alguns trastes e imagens pertencentes aos referidos Missioneiros. A caza nova que deve servir de Igreja e que se esta construindo pouco mais ou menos de trez dias de serviço poderá levar para estar pronta e acabada. Posto-que construida tudo de Madeira sómente falqueijada contudo está soffrivelmente construido e com segurança. — As madeiras empregadas na esteiadura e coldramos são de madeiras de Lei; A coberta hé de calhas de pinheiro e as paredes foradas de tabuas do mesmo páo. — He igualmente merecedora de levar hum soalho de taboas ou hum ladrilho de

tijoleiras. — O total comprimento hé de 103 palmos com 33 palmos de largura e 16 palmos de altura do chão ao telhado. O lugar em que está edificado, fui mui bem escolhido sobre o chapada de huma pequena collina, ficando na frente da parte do oeste hum terreno horizontal que forma huma praça mûi espaciosa que não requera para o que diz o chão, obra alguma para d'ella fazer huma praça das mais lindas = A Padroeira da Igreja he Nossa Senhora das Dores.

As ordens que V.ª Ex.ª: tinha transmitido ao actual administrador das Obras do Pontão em officio de 17 de outubro do anno p. p., cujo officio me fez para comunicar, não pude o mesmo administrador cumprir, pois que para demarcar huma meia legua quadrada para logradouro do quartel em construcção, faltou-lhe pessoa idonea para este serviço: e na verdade, a vista das imensas vantagens que o terreno offerece, para n'elles fundar huma povoação, que deve, visto sua posição Topografica e Geografica prometter vantagens extraordinárias para o commercio com as provincias limitrophas e não duvida que como ponto Militar, julga que esta demarcação não poderá ser effetuada senão por hum Engenheiro: não sendo igualmente possivel principiar-se a referida demarcação e medição do Rio, como V.ª Ex.ª o ordena pois que a assim o fazer, fica toda a meia legua demarcada sobre hum serro intransitavel e incapaz de servir senão para roças e isto mesmo em mui limitadas lugares. Depois de ter tomado conhecimento do terreno e o ter esplorado por tudo os lados julguei que o melhor lugar d'onde se poderia principiar a de marcação e medição da meia legua quadrada hé o encosto da Serra, e se há para o sul, procurando a seguir as sinuosidades da Serra e terrenos adjacentes afim de alcançar a meia legua em terrenos iguaes aos que se achão ocupados pelos arranchamentos já existentes e em que se está construindo o novo quartel, e como o Padre Vieira Gonzalves (4) proprietario do terreno em que se esta trabalhando tem terrenos para mais de duas sismarias, como se convencerá logo que os mande medir e demarcar em nada fica o mesmo lesado principiando-se a medição no lugar que acima teve a honra de apontar á V.ª Ex.ª ficando assim a serra coberta de matto entre o rio e a meia legua, em terras devolutas, para o Governo d'elles dispôr da maneira que julgar conveniente, e para assim ter-se á proximidade

---

(4) — **Pedro Vieira Gonçalves** — Natural de S. Paulo, pertence á grande leva migratoria paulistana que, de chôfre povoaria os "fundos de Vacaria", transposto o pique aberto sob a junção dos rios de Pelotas e Canôas. Aí foi Pedro Vieira Gonçalves opulento fazendeiro. Era filho legítimo de João Vieira Gonsalves e de s-m. Rita Maria Saldanha.. Foi casado com Inacia Lopes Vieira, filha do tambem paulistano e grande estancieiro, nos "Fundos de Vacaria", Simão Lopes de Estelita e de s-m. Ana Martins.

da nova povoação estabelecimentos agricolas ou ao menos roças para o abastecimento do povo, assim como mattas para o extracção da lenha.

Tende V.ª S.ª ordenado ão Administrador Joaquim Antonio de Moraes Dutra que abriu huma picada que segue d'este lugar e pela beira do Rio Uruguay athe o passo do Ijuhy, não tem o mesmo tudo principio a este serviço em virtude ás ordens que V.ª Ex.ª lhe transmittiu em officio de 27 de março de 1849, em que V.ª Ex.ª manda que o administrador aguardasse ate ulteriores ordens as ferramentas que V.ª Ex.ª mandou expedir para a cidade do Rio Pardo em 15 de fevereiro de 1849 = Estas ferramentas pelo que me diz o administrador Joaquim Antonio de Moraes Dutra fuirão expedidas da cidade de Rio Pardo para a Barra do Ijuhy (oque fui por engano) para lá lhe serem entregue. = Como V.ª Ex.ª me diz ter mandado provisoriamente parar aquelle serviço, e como consta dos officios acima mencionados, não tem o Administrador tomado conta d'aquelas ferramentas nem opodia por terem hidas dirigidas para o passo do Pontão, lugar da entrada da Picada, e aonde o Administrador permaneceu e esta empregado na administração do Quartel &&.

A demora em tomar conta d'aquellas ferramentas deve causar infallivelmente grande prejuizo pois que segundo a copia da relação d'aquellas ferragens, que tem em meu poder pude ver numerosos artigos que, a não serem desencaxotados e tratados com cuidado são sujeitos a arruinar-se como sejão limas, facões, folhas de serra de varias qualidades e outros muitos artigos; porém sôbre tudo as 50 armas de fogo, e arrobas de pólvora, e 1 cunhete de folha de fladres e 30 als. de sal.

Como por engano tudos os objectos constando da referida relação fuirão parar n'hum lugar improprio, e la entregas á pessoa que de certo não terá tratado delles, hé de supor que grande parte dos artigos que acima apontei a V.ª Ex.ª já devem estar bastante arruinadas e enferrujadas.

O Administrador tendo recebido a relação e o aviso da exposição d'aquellas ferramentas, e sabendo que tinhão sidas dirrigidas para o Ijuhy elle dirigiu á V.ª Ex.ª hum officio dando parte á V.ª Ex.ª d'este engano, e diz-me que não tendo recebido resposta, dirigio-se pessoalmente á V.ª Ex.ª afim de saber de V.ª Ex.ª oque determinava á respeito, e que V.ª Ex.ª lhe diz que como tinha resolvido que aguardasse as ferramentas athe ulteriores ordens, e como não as tivesse recebido ainda, as deixasse la no Ijuhy por enquanto, e que em tempo competente V.ª Ex.ª lhe mandaria ordem para as ir receber julga como já teve a honra de dizer á V.ª Ex.ª, que aquella demora não pode causar senão prejuizo, emferrujando-se grande parte dáquellas ferramentas, pondo ellas em circunstáncias de não prestarem mais, e assim como a polvora e o sal que pela humidade devera ser já em grande parte dissolvida — Suponho que V.ª Ex.ª não deixara de reconhecer isto mesmo e man-

dará que o referido administrador toma conta d'ellas ão menos para poder conserva-las e cuidar afim de evitar maior prejuizo.

O grande interesse que deve segundo o plano de V.ª Ex.ª resultar da abertura d'aquella estrada pela margem do Uruguay seguindo sempre a direção do mesmo rio, como V.ª Ex.ª tinha determinada, me faz persuadir que V.ª Ex.ª á vista da imparcial informação que teve a honra de dar á V.ª Ex.ª sobre a conduta do actual administrador Joaquim Antonio de Moraes Dutra, informação que V.ª Ex.ª verbalmente mandou que desse minuciosamente, me persuade diga que será huma garantia para V.ª Ex.ª mandar ão referido administrador continuar com o abertura de tão util picada. — Acrescentarei mais que tendo entrado em grande distancia no pique que o mesmo administrador principiou de abrir no tempo em que V.ª Ex.ª o tinha mandado abrir aquela picada, pude reconhecer que elle escolheu mui boa entrada e que opique segue por mui bons lugares, oque ainda mais prova á V.ª Ex.ª o conhecimento que elle tem d'esta serra, oque deve prometter á V.ª Ex.ª os resultados satisfatorios que V.ª Ex.ª esperava quando lhe confiou esta commissão tão interessante quam arriscado por causa dos Bugros que vivão n'esta serra. Julga que só elle podera bem desempenhar semelhante comissão por elle administrada ser, como já teve a honra de dizer á V.ª Ex.ª homem não somente mui conhecedor d'esta serra, mas tambem trabalhador que sabe determinar serviço e sobre tudo homem probro merecedor da confiança que V.ª Ex.ª n'elle depositou.

Deus Guarde a V.ª Ex.ª.

Capella do Pontão 1.º de Março de 1850.

Ilm.º Exm.º Snr. Tente. General Francisco Joze de Souza Soares d'Andrea — Presidente e General em chefe do Exercito d'esta Provincia = Porto Alegre.

Alphonse Mabilde
Engenheiro das Colonias

— II —

Illm.º Exm.º Snr.

Encarregado pelo Exm.º Sñr. Tenente General Andrea antescessor de V.ª Ex.ª de Abrir huma comunicação que tem por fim de enviar a Picada Feliz com o Passo do Pontão do Rio Uruguay, dirigi-me a este passo, afim de lá principiar os trabalhos segundo mandão as ordens que o mesmo Exm.º Sñr. dignou transmittir-me em oficio de 14 de Janeiro p. p.. Independente d'este officio, sua Ex.ª authorisou-me em outro officio da mesma data para inspeccionar os trabalhos que no referido lugar do Pontão se estão fazendo, assim como de informar á Sua Excellencia acerca de objetos varios que o mesmo Exm.º Sñr. me determinou e ordenou que informam.

Julga ter cumprido estas ordens, tendo em 1.º de março p.p.º teve a honra de remetter em officio dirigido aomesmo Exm.º Snr. Tente. General todas as informações e esclarecimentos me tinha ordenado que lhe desse. = Para completar as informações que teve a honra de dar a Sua Excellencia em 1.º de março p. p.º faltou-me remetter a sua Exll.ª a lista nominal da pequena população da Capella do Pontão, assim como a lista das pessoas que desejão que V.ª Ex.ª lhe concede terrenos na referida Capella para n'ella edificarem cazas. = Tenho a honra de remetter á V.ª Ex.ª as duas listas mencionadas (n.º 1 e 2) assim como huma notta original (3) dos reverendos Padres Missionarios que me pedirão que expozesse á V.ª Ex.ª a falta que soffreu por não terem para celebrar os Divinos Mysterios os objectos constantes da referida notta e que pedem a V.ª Ex.ª persuadir que V.ª Ex.ª attendendo a tão justo requesição para este beneficio á nova capella, em mandar que lhes seja fornecido o que na ditta notta puder ou pelos menos parte d'aquelles objectos.

Concluindo os exames a que procedi, nas obras em construcção no referido lugar do Pontão, cujos resultados tive a honra participar á Sua Excellencia no mencionado officcio de 1.º de março p. p.º: continuei meu trabalho de abertura de estrada dirigindo-me do Passo do Pontão no Uruguay parao fundo meridional dos campos de Vacaria, deixando sempre a nordeste a parte da serra que comprehende o mato Portugues, campos do Meio e Mato Castelhano. — Esta serra he que devide os Campos de Missões dos da Vacaria e que emenda a cerra as mattas da margem esquerda do Rio Uruguay ás mattas da fralda meridional da Serra Geral. — No lugar mesma conclue esta serra se confunde com a serra que descamba para o sul, e no fundo dos campos da Vacaria, aonde cheguei com a estrada, n'este lugar he que entrei no sertão de matta, vindo sempre procurando as melhores veredas, despontando os Arroios e sempre em direção á Picada Feliz, (5) na qual sobio com a nova estrada conforme ás ordens de Sua Excellencia.

Tanto nos faxinaes do Campo como no matto virgem tenho sempre trazido a estrada com largura de 24 á 25 palmos; em poucos lugares de 20 palmos; e lá onde o matto o permittio, as vezes mais de 30 palmos e assim teria continuado athe a picada Feliz, se os mantimentos não nos tivesse faltado. = Porem as muitas chuvas encherão os rios Turvo,

---

(5)... **direção á Picada Feliz**

Foi o primitivo pique, aberto entre a campanha dos Pinháis em busca da picada da Feliz, no Caí. Por êle passa, hoje, a estrada Buarque de Macedo, que, após a colonização da Serra-Geral, seria construida, para ligar aquela opulenta campanha, à colonia e o litoral. As demais estrada, aventadas pela arguta visão de Mabilde, seriam, muitos anos depois, magníficas realidades.

Prata e Antas, que nos ficavão atraz, ficando de nos cortada a comunicação, vi-me na necessidade de vir de certa altura em diante rompendo o matto a tudo risco, afim de evitar algum acontecimento triste si hum lugar daquelles sem recurso; e abrindo somente hum pique para passar hum animal alcancei a picada Feliz no lugar onde Sua Ex. tinha determinado.

Regula que o serviço que fica a fazer-se, he alargar a picada na largura do resto da Picada já aberta não excedera de duas leguas the a picada Feliz e suponho que com dous contos de reis mais ou menos se concluirá a abertura da Picada the a da Picada Feliz como tinha determinado o Exm.º Snr. General Andrêa.

A extensão da nova estrada desde o Uruguay (Passo do Pontão) The a Picada Feliz he de 33 leguas: e he 5 leguas que poderá haver de lá ão passo da Esperança fazem 38 leguas do passo da Esperança the á Capital regula ter 13 leguas, que com as 38 fazem 51 leguas, distancia esta do Pontão á capital: e pela estrada antigos, passando por St.º Antonio, não tem menos de 90 leguas por pessimo caminhos.

Do passo do Pontão onde principiei o serviço, tenho trazido a nova estrada medida trigonometricamente; assim como faz nivellamente e profil do terreno da mesma estrada desde o rio Uruguay the onde parei com o serviço, pelos motivos que acima teve a honra de expor á V.ª Ex.ª — Este interessante serviço talvez primeiro que se fez n'esta provincia o continuarei logo que V.ª Ex.ª me determino, sendo os mezes de Novembro ou fim de outubro p. futuro os mezes os mais proprios para dar principio a continuação da referida picada.

Logo ão chegar no sertão de matto encontrei vestigios dos Bugros, e poucos dias depois teve a primeira encontro com elles; de cujo resultado teve a honra de dar parte á V.ª Ex.ª em officio de 13 de março p: p.º — consta-me que n'aquella ocasião V.ª Ex.ª mandou que a contadoria Provincial comprasse, ou mandasse confecionar varias roupas para me serem entregos, e serem por mim distribuidas ãos referidos Bugros; porem não cheguei a receber aquella roupa por estar já mui entranhado pelo matto dentro, quando, Joaquim Antonio de Moraes Dutra, encarregado de as conduzir e de me entregár, chegar no largo da estrada da Picada e na Beira do campo, onde dias antes, tinha eu vindo arranchar os Bugros em numero de perto de 300, homens, mulheres e crianças, que com boas maneiras e mimos pude fazer sahir do matto. =

Consta-me que o referido Dutra tem distribuido aquella mesma roupa ãos Bugros conforme a ordem que me consta que V.ª Ex.ª me tinha expedido á respeito, e que não teve a honra de receber .

Stando sempre pessoalmente na frente em descoberta, encontrei 34 arranchamentos, vi allojamentos de Bugros, em varias partes dos sertões e tendo bastante distancia entre-si porem sobre huma mesma cordilheira: — Resolvi-me para assim ficarem tudos devassados — o

resultado fui ficarem mui desacorçoados os Bugros, e terem-se mais de presse decididos á annuir ão convite que os fazia de se retiraram d'aquelle Sertão, como ao depois fizerão. = Das tribus dos Coroados, era a ultima n'esta Provincia que ficara para se conquistar — Hoje estão no campo mansos e pacificos, esperando de V.ª Ex.ª o appoio e proteção de que são dignos pela sua triste condição.

Em 1835 teve a honra de dirigir ão Governo Provincial humas notas acerca aberturas varias estradas que encurtavão muito a distancia entre varios lugares d'esta Provincia; e esta nova estrada que acabo de abrir do Uruguay the o Cahy hé humas dellas. — Posto-que não se achou mais na secretaria do Governo aquellas nottas, com tudo sua Ex.ª o Snr. General Andrea por noticias que teve que tinha n'aquelle anno atravessado o Sertão de matto entre os campos da Vacaria e a parte inferior da Serra, ou fralda meridional da Serra geral na direção do Rio Cahy ão rio Taquary, mandou-me consultar acerca a possibilidade de se abrir aquella estrada; e depois de combinado a derrota e os lugares por onde devia a mesma estrada passar, Sua Ex. então dignou confiar-me a direção da sua Abertura.

Esta estrada no seu estado actual não hé senão huma ramificação de ulhma estrada, cujo fim principal he de reunir os campos da Vacaria á Colonia de São Leopoldo, para huma estrada principal que da dita colonia seguirá the a Capital.

Quando Sua Excellencia determinou-me que seguisse pouco mais ou menos a rumo de S.S. E. observei á Sua Excellencia que com este rumo, alcançando o fundo meridional dos Campos da Vacaria, me vereia obrigado (como de fato) á passar varios rios e torrentes que se poderia evitar se passar, logo que comesse o rumo mais á l'este, podendo-se assim descer a serra desde os Campos de Vacaria the o rio Cahy, passando unicamente o rio das Antas si hem lugar bom de se passar, antoriormente por mim descoberto, e em cujo lugar do rio a actual estrada tambem passa. — Sua Excellencia reconheceu então a necessidade de abrir-se huma segunda picada que se dirigeria do novo passo actual do Rio das Antas, e entre este rio e o da Prata, Arroio saltino e st.ª Rita ,para o centro da Vacaria á rumo de N.N.E. mais ou menos, facilitando assim estraordinariamente o transito n'aquelle sertão, evitando as muitas passagens de rios e torrentes. = Deliberou contudo Sua Excellencia que abrisse a primeira estrada que não somente daria huma mais pronta communicação entre as varias estradas que se esta abrindo pela margem esquerda do Uruguay e a Capital, mas igualmente visto os Bugros occuparem aquella parte do Sertão, entre o rio das Antas e o da Prata, e entre este rio e a parte meridional dos Campos da Vacaria, a referida estrada passando pelo meio d'aquelle Sertão devassaria a serra no lugar mais perigoso que tem pela existencia n'elles dos mesmos Bugros. Servindo ao depois esta Picada não somente para o transito provisorio do Pontão pelos campos de Vacaria

para o Cahy mas sobre tudo para n'ella demarcar-se terrenos para Colonos afim de povoar-se aquelle sertão, e formar-se estabelecimentos agricolas perto de Vacaria, visto não os haver por lá; ficando a outra Picada por entre os rios Antas e Prata para se abrir logo depois de vasar o sertão com a Picada que acabei de abrir: = Esta ultima Picada hé das mais uteis e necessaria possivel.

A deliberação de Sua Excellencia, teve n'esta empreza o resultado o mais feliz possivel.

Forão conquistados os Bugres da unica tribu dos Coroados que ainda errava nos Sertões d'esta Provincia; devassou-se hum matto virgem imenso regados por numerosos Arroios que não se cortão nas estação seccas, cujos terrenos oferecem para a agricultura as maiores vantagens; descobrió-se grande Hervaes que pelo contrario terião ficado no jazigo do esquecimento, sendo como V.ª Ex.ª não ignora, os hervaes huma das fontes de riqueza que possuia esta Provincia; e finalmente abrio-se hum transito entre a parte ocidental e meridional dos Campos da Vacaria e a Colonia de São Leopoldo que para ali achará novo meio de sahida para os seus produtos agricolas.

Por esta pequena exposição ficará V.ª Ex.ª convencida que a grande obra de abertura de estradas entre a parte septentrional e elevada (serra) d'esta provincia e a Parte baixa não esta senão encetada ficando reservada á V. Ex.ª a gloria de mandar por em execução este plano tão bem fundado, que igualmente comprehende a abertura da Picada Feliz thé o rincão de São Marcos ou o do Piahuy nos campos de Sima da Serra, cuja abertura era igualmente destinado fazer-se logo ão findar as picadas que acima teve a honra de apresentar á V.ª ex.ª.

Doze mil e tantos calculos trigonometricos que me hé precizo fazer para poder conseguir dar principio à riscar a planta da estrada já aberta, hé motivo que si esta occasião não remetta á V.ª Ex.ª a planta da mesma, ão menos the o lugar onde me vi obrigado a passar com o serviço topografico. Reconheceu que seria hum trabalho imperfeito porem se não fosse a falta total de tempo para isso teria contudo dezejado apresentar n'esta occasião a V. Ex.ª nem que fosse hum esboço da mesma planta para poder a viste della melhor esclarecer á V. Ex.ª sobre as estradas projeitadas que acima teve a honra de apontar á V.ª Ex.ª e das quaes V.ª Ex.ª dignou-me deixar riscar suas dimensões no mappa da Provincia que se acha em poder de V.ª Ex.ª

Sua Excellencia o Sñr. General Andrêa ordenou-me verbalmente que lhe desse qualquer informação ou nottas que podese recolher na minha viagem, e mui principalmente se estas tendessem a ameliorações dos lugares onde a estrada nova passasse. Esta circunstancia me obriga a informar a V.ª Ex.ª acerca do Districto de Vacaria e respeite ficar este distrito desligar de Municipio de Santo Antonio para formar hum municipio separado.

O Distrito da Vacaria que não tem menos de 25 leguas de comprido

e 20 de largo se acha pertencente ao municipio de St.º Antonio de cuja Villa está separado pelos Campos de Sima da Serra n'huma estenção de mais de 18 leguas, e hum sertão de matta Virgtm de não menos de 14 leguas. — Independente disto, encontra-se obstaculos não pequenos, que alem da grande distancia que separa os dous lugares, ainda mais embaraça as presentes comunicações entre ellas, como sejão o rio das Antas que no lugar do Passo geral se assemelha mais a hum torrente de que a hum rio; cujo passo hé perigosissimo e ás vezes impraticavel; a serra do mesmo nome, a qual coberta de matta virgem não tem menos de 4 á 5 leguas de travessia por caminhos pessimos e quasi intransitaveis; varios arroios fortes nos mesmos campos da Vacaria, e o grande lageado e salto de St.ª Cruz (Rio Cahy) nos campos de sima da serra, cujo lageado com qualquer chuva, pela abundancia d'agua que accumula, e pela força de sua correnteza empede as vezes por varios dias a passagem aos viadantes. Estes obstaculos e a grande distancia que separa o Distrito da Vacaria de St.º Antonio são causas que nunca a justiça hé administrada como deveria sé-lo motivo que muitos individuos fazem justiça pelos suas proprias mãos como talvez V.ª Ex.ª não ignora. Só estas circunstancias serião sufficientes para provar o quanto hé pouco acertado pertencer a Vacaria ão municipio de St.º Antonio, annuir mesmo que aquelle distrito não tivesse as proporções necessarias para formar hum Municipio separados; porem o contrario existe: he á Vacaria hum dos Distritos d'esta Provincia o mais povoado havendo igualmente individuos sufficientemente habilitarios para exercerem os varios empregos de Juiz de Paz, supplentes de Juiz Municipal e Delegados de Policia, evareadores da Camara & &. Tem uma freguezia, a de Nossa Senhora d'Oliveira capas de passar a Villa, e duas povoações nascentes já mui adiantadas em população, a do Pontão na costa do Uruguay, e sobre tudo a da Lagoa Vermelha (São Paulo). D'este ultimo lugar sendo preciso hum individuo comparecer perante o tribunal de St.º Antonio cheguem a esta Villa com menos de 9 dias de viagem ,ou 7 dias indo muitissimamente bem montado. =

Sua Excellencia o Sñr. General Andrêa tendo notícia d'esta nova povoação intitulada São Paulo que se estava querendo formar no referido lugar denominado Lagoa Vermelha ordenou-me verbalmente que na minha passagem por ali, tomasse algumas informações acerca aquella nova povoação. As informações que sua Ex.ª tinha erão mui limitadas, e á penas constava á Sua Ex.ª que alguns moradores da Vacaria querião dar principio a fundação de huma capella no mencionado lugar da Lagoa vermelha.

Mui differente era a informação do que de fato encontrei; e pela lista (N.º 4) que pude obter do Sacristão da Igreja d'aquelle lugar, cuja lista original tenho a honra de remetter á V.ª Ex.ª verá que em 31 de março p. p.º, a população daquella capella montava á 406 habitantes. — Tem muitas cazas, postoque de madeira, páo apiquade e barreado,

muitas cobertas de telhas, mui bem construidas e bem alinhadas. — Existe igualmente huma olaria que trabalha na fabricação da telha. Ha boa aguada e matta perto na distancia de ½ legua. Não me tendo sido possivel demorar-me na dita capella, senão poucas horas, e por ignorar o estado do lugar, fui inteiramente desprevenido de instrumentos proprios; por este motivo não levantei a planta daquelle interessante lugar. = A Igreja he construida de madeira de lei, e com tuda a segurança possivel. Seu total comprimento hé de 80 palmos, com 40 palmos de largura e 18 palmos de altura do chão ão telhado. — Esta ornada com muita descencia, o tudo á custa dos habitantes. — A Estrada geral que segue de Porto Alegre por St.º Antonio, campos de Sima da Serra e Vacaria para Missões pelo Matto Portuguez campos do meio e Matto Castelhano passa pela referida capella, o que lhe dá pelo muito transito grande importancia. — A estrada nova que segui do Passo do Pontão ão Cahy encrusa-se com aquella estrada em distancia de ½ legua á 2 leguas da referida capella, a qual fica mais ão Oeste. Com a abertura da nova estrada que segue do Pontão ao Cahy, pela picada Feliz, e que encurta da Vacaria para a Capital da Provincia não menos de 40 leguas, á Vacaria deve mudar inteiramente de face. — Seu commersio augmentará extraordinariamente pela facilidade de transito que haverá entre estes Campos e a Capital, logo que esta nova estrada estiver de hum tudo pronto. — Os mantimentos como sejão, farinha de mandioca feijão toucinho & &, assucar, aguas quentes, da Vacaria vão buscalas ás Tresforquilhas viagem esta de ir e voltar de não menos de 14 dias. — Pela primeira estrada nova se irá buscar aquelles, objetos á Colonia de São Leopoldo com 5 oras de viagm de ir e voltar. — O sal pela mesma razão ficará muito mais barato, huma vez a estrada pronta de que agora que cada alqueiro custo termo medio cinco mil reis, preço este que com pequena differença ficará reduzido á menos da metade. — Sendo o sal o que mais custo aos moradores da Vacaria, e artigo este indispensavel para poder conseguir n'aquelles Campos a criação do gado Vacum, cavallar e muar muitos estancieiros a não ser os dos mui abastados, são obrigados á limitar, e alguns a reduzir suas criações de gado pelos motivos do preço exorbitante que custo aquelle genero de primeira necessidade; circonstancia este que pela abertura da nova estrada desaparecerá, e será motivo de se ver em pouco tempo povoar-se de gado aquelles immensos campos, hoje em dia quasi desertos.

Eis Ex.ª sim as informações que me cumpro dar á V. Ex.ª acerca a Vacaria , e persuadido que V.ª Ex.ª se convencerá igualmente da necessidade de ser desligado o referido distrito da Vacaria do Municipio de Santo Antonio para formar hum Municipio separado, cumpre-me indicar á V.ª Ex.ª as melhores e verdadeiras divizas para o novo municipio as quais são as seguintes: Ao norte do rio Uruguay, e Pelotas e deste rio pela Beira do Campo the a serra das Antas, á l'Este o rio e serra das Antas the chegar a beira do matto que cobre a fralda meri-

dional da serra geral que pela beira do Campo serve de divisa meridional ão oeste a serra que una a serra da margem esquerda do Uruguay ás mattas da fralda meridional da serra geral. Sendo esta serra, que comprehende o matto Portuguez. Campo do Meio (campo que são mui povoados) e Matto Castelhano compreendida no Municipio the á beira dos Campos do Municipio de Cruz Alta = São estas divizas as mais proprias para o novo municipio.

Sua Excellencia pós á minha disposição armamento, Cartuzamo && oque tudo recebi no Arsenal de Guerra em Porto Alegre para com estes objectos seguir e executar os trabalhos de que acabo de dar conta á V.ª ex.ª = Resta-me fazer entrega d'aquelles referidos objectos no Arsenal, o que pretendo fazer por estes poucos dias, não fazendo n'esta ocasião por não me ser possivel acompanhar pessoalmente a entrega d'elles, como he de minha obrigação.

Deus Guarde á V.ª Ex.ª = Villa de São Leopoldo 27 de Agosto de 1850.

Ilm.º Sñr. Dezembargador José Antonio Pimenta Bueno — Prezidente da Provincia. — Porto Alegre.

Alphonso Mabilde
Engen.º da Colonia

BIBLIOGRAFIA

Obras que recebemos e muito agradecemos:

Remessa do Inst. Hist. e Geog. de Sergipe:

1) Geografia classica — N. F. Tozer — M. A. (Trad. de Gareia Moniz) — Aracaju' — Tip. de "O Estado de Sergipe" — 1907.

2) dr. Telmo Nobre — Subsídios para a sua biografia por E. da Fonseca Doria de Menezes — Aracajú — junho de 1915 — Rio de Janeiro, Tip. do "Jornal do Comércio" — 1916.

3) La défesne contre l'ophidisme — par le dr. Vital Brazil — Trad. française par le prof. J. Miabon — 1914 — Pocai-Weiss & Co. Saint Paul.

5) Documentos Históricos:

Vol.	VII	(1660 - 1670)	- 1929.
"	XIV	(1551 - 1625)	- 1929.
"	XXI	(1662 - 1664)	- 1933.
"	XXII	(1664 - 1667)	- 1933.
"	XXXV	(1549 - 1559)	- 1937.
"	XXXVI	(1559 - 1577)	- 1937.

* * *

Academia Carioca de Letras: Cadernos n.º 13 e 14.

Estebal J. Malanni — **Comunismo y Judaismo** — Ed. La Mazorca — Buenos Aires — 1944.

Hugo Wast — **El Kahal** — Thau Ed. — B. Aires — 1944.

W. Schapkin — **Lo que és Rusia** — Ed. Viestuik — Buenos Aires — S/D.

Acácio França — **A Pintura na Bahia** — Impr. Oficial — Bahia — 1944.

Júlio Meinvielle — **El Judio** — Ed. Gladium — Buenos Aires — 1940.

Hélio Viana — **História do Brasil** — 4.ª série Ginasial — Liv. José Olímpio Ed. — Rio — 1945.

Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894 — Comemorativo ao cinquentenário do cêrco da Lapa — Ed. do Go-

vêrno do Estado do Paraná — 1944 — Emp. Gráf. Paranaense Ltda. — Curitiba.

H. de Vries de Heekelingen — **El orgullo judio** — Ed. La Mazorca — Buenos Aires — 1944.

Veiga Netto — **Antologia Goiana** — Tomo I — Prosadores, jornalista e poetas falecidos. — 1838 — 1944. — Ed. da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos — Prefeitura Municipal de Goiânia.

Benjamin C. Canozato — **Centenário do Primeiro Sêlo Postal do Brasil** — Pôrto Alegre — 1943.

Mário Lima Beck — **Nova Querência** — Crônica das emigrações riograndenses para Mato Grosso — 1935 — Centenário Farroupilha — Livraria Selbach — Pôrto Alegre.

L. de Oliveira Bello — **Dois Titãs do Império** — Imprensa Naval — Rio — 1941.

L. de Oliveira Bello — **Algumas Verdades acêrca do Descobrimento do Brasil** — Imprensa Naval — Rio — 1944.

Propício da Silveira Machado — **Estudos de linguagem** — Monografia da crase — Pôrto Alegre — 1933.

Propício da Silveira Machado — **Síndrome e suas variantes** — Etimologia, Gênero e Pronúncia — 1944 — Of. Graf. da Livraria do Globo — P. Alegre.

Joaquim Bertino de Moraes Carvalho — **A necessidade dos planos nas edificações públicas** — 1944 — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.

Divisão Territorial Administrativa e Judiciária do Estado da Bahia — 1944 — 1943. — Bahia — Imp. Oficial — 1944.

Salvador de Moya — **Anuário Genealógico Brasileiro** — Vol. VII — 1945 — S. Paulo.

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — **Jubileu Social** — 1894 — 1944. — Imp. Oficial do Estado — São Paulo — 1944.

Anuário do Museu Imperial — Petrópolis — 1942.

Guilherme Auler — **O livro d eNotas do barão de Tracoulraem** — Separata de Tradição — Outubro de 1944. — Recife.

Conde de Pôrto Alegre — **Discurso dos srs. General José Pessoa e dr. Castilhos Goycochea** — S/L. s/d.

João Daudt d'Oliveira — **O Destino de Dois Povos** — Conferência. — Rio de Janeiro — 1944.

Banco Nacional do Comércio — **Síntese Histórica do Banco Nacional do Comércio S. A.** — 1945 — Of. Graf. da Livr. do Globo — Porto Alegre.

Arquivos do Estado do Espírito Santo — **Livro do Tombo.** — Vitória, 1945.

Frederich J. Pohl — **Américo Vespucci** — New York — Columbia University.

João Daudt d'Oliveira — **Convocação** — Discurso — Rio de Janeiro — 1945.

Heitor Blum — **Traços biográficos do coronel Emílio Blum** — Curitiba — 1944.

Manuelito de Ornellas — **Caminhos originais do Brasil** — Pôrto Alegre — 1945.

Didio Costa — **Noronha** — Almirante Júlio Cesar de Noronha — Rio de Janeiro — 1944.

Comissão de Estudos de Textos da História do Brasil — Ministérios das Relações Exteriores: — **Bibliografia de História do Brasil** — 2.º Semestre de 1943 e 1.º semestre de 1944 — Rio de Janeiro.

Hélio Viana — **História do Brasil Colonial** paar a 3.ª série ginasial — C.ª Editora Nacional — São Paulo — 1945.

Alfredo Simch — **Município de São Jerônimo** — Rio Grande do Sul — monografia — Pôrto Alegre — s/d.

Frederico Waldemar Lange — **Arenito de Vila Velha** — Publicações do Museu Paranaense — n.º 1 — Curitiba, 1944.

A. J. de Sampaio — **Clossário de Botânica Sistemática** — Publicações do Museu Paranaense — n.º 2 — Curitiba, 1945.

M. A. Teixeira de Freitas — **O Esperanto no Brasil** — Rio de Janeiro — 1945.

Liga Esperantista Brasileira — **Que é o Esperanto?** — Rio de Janeiro — 1945.

L. de C. Porto Carreiro Neto — **Dr. L. L. Zamenhof** — Rio de Janeiro — 1945.

A. Brigole — **Santos Dumont** — **La Aerpioniro** — Rio de Janeiro — 1945.

Inst. Bras. de Geografia — **Tipoj Kaj Aspektoj de Brazilo** — Rio de Janeiro — 1945.

M. Leguizamón — **El primer poeta Criolo del Rio de La Plata** — 2.ª ed. — Panamá — Rep. Argentina — 1944.

Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul **Relatório** — Pôrto Alegre — 1945.

H. de Araujo Goes — **Baixada de Sepetiba** — Rio de Janeiro — 1942.

Leopoldo Petry — **O Município de Novo Hamburgo** — Pôrto Alegre — 1945.

J. Mesquita e F. Rodrigues — **Bibliografia Matogrossense** — Cuiabá — 1944.

Virgílio Corrêa Filho — **Notas à margem** — São Paulo — 1924.
— **As Raias de Mato Grosso** — 3 vols. — São Paulo — 1925-1926.
— **Monografias Cuiabanas** — 3 vols. — São Paulo — 1926.

Publicações Periódicas em permuta:

BRASIL

Ceará: O Mês — Agosto, Setembro, Outubro de 1944. — D.E.I.P. — Fortaleza.

Rio de Janeiro: — Revista Brasileira de Estatística — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Ano V — n.ºs 17, 18, 19, — 1944.
Revista do Museu Nacional — Ano I — n.º 2 — 1944.
Reação Brasileira — Vol. II — N.º 12: Vol. III — n.ºs 1, 2 e 3.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Brasileiro — Vol. 185 — Out. a Dez. de 1944 e vol. 186 — Janeiro a Março de 1945.

São Paulo: — Revista do Arquivo Municipal — Vol. XCVII — Prefeitura Municipal de São Paulo — Dep. de Cultura — 1944.
Revista do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo — Vol. XLII — 1944.
O I.G.G. — Revista do Inst. Geografico e Geológico — Vol. 1, ns. 1 e 2 — 1943.
Revista da Academia Paulista de Letras — Ano VIII — n.º 29 — Março de 1945.
Centro Gaucho — Boletim n.º 38 — abril de 1945.

Rio de Janeiro: — Bibliografia de História do Brasil — Comissão de Estudos dos Textos de História do Brasil — Ministério das Relações exteriores — 1.º semestre de 1944.
Boletim Geográfico — Conselho Nacional de Geografia e Estatística — Ano I, — n.ºs 8, 9, 10, 11, 12. — Ano II, n.º 13—14—15—16—17—18.
Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — Vol. IV — 2.º sem. 1943, e Vol. V — 1.º sem. 1944.
Revista Brasileira de Geografia — Instituto Brasileiro de Geografia — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Ano VI — n.º 2 — 1944.

Mato Grosso: — Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso — Anos 25 e 26 — 1943/1944 — Cuiabá.

Santa Catarina: — Revista do Instituto Hist. e Geog. de Santa Catarina — Vol. XII — 1.º sem. de 1944. — Florianopolis.

Rio Grande do Sul: — Revista de medicina do Rio Grande do Sul — Vol. 1 — n.º 2 — 1944.
Boletim Municipal n.º 17 e 18 — maio a dezembro de 1944.
Boletim de Estatística Educacional — 1942.

ESTADOS UNIDOS

Geographical Review — Published by The American Geographical Society of New York — Vol. XXXV — n.º 1 — 1945.
Quarterly Journal of Current Acquisition — The Library of Congress — Vol. I — n.º 4 — 1944 — Washington, D-C.

The Catholic Historical Review. — Vol. XXX — n.º 3 e 4 — The Catholic University of America. — 1944. — Washington 17, D.C.
The Florida Historical Quarterly — Vol. XXIII — n.º 2 e 3 — 1944. — The Florida Historical Society — St. Augustin — Florida.
The Southwerstern Historical Quarterly — Vol. XLVIII. — n.º 2 e 3 — 1944. — The Texas.
The American Journal of Sociology — Vol. L. — n.º 3, 4, e 5 — 1944/45. — The University of Chicago. — Chicago — Illinois.
American Literature — Vol. XVI — n.º 3 e 4 — 1944. — Duke University. — Durham — North Carolina.
Annals of the Associacion of American Ceiographeion, Vol. XXXIV — n.º 3 e 4 — 1944. — Lancaster, Pa.
Natural History — Vol. LIII — n.º 10. — 1944.
The American Museum of Natural History — Vol LIV — n.ºs 2, 3 e 4 — 1945. — New York.
Em Guarda — Ano IV — n.ºs 1, 2, 3, 4 e 5. — Washington.
Libertação — publicado pelo Escritório do Coordenador dos Negócios Inter — Americanos — Washington.

COLOMBIA

Universidade Católica Boliviana — Vol. X — n.º 36 e 37 — 1944.—Medellin.
Boletim Bibliográfico Bolivarino — Vol. III — n.ºs 18 e 19, vol IV — 1944. — Medellin.
Revista del Archivo Nacional — Tomo VI — ns 61 y 62—1944.—Bogotá.
Boletim de História y Antiguedades. — Academia Colombiana de História. — Vol. XXXI — ns. 355 y 356, 357 y 358. — Bogotá.
Revista de la Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales. — Vol. V — Agosto — 1944 — n.º 20 — Bogotá.

REPÚBLICA DOMINICANA

Boletim del Archivo General de la Nacion — Año 7 — Vol. 7 — ns. 32/33 y 34/35. — Ciudad Trujillo — 1944.

REPÚBLICA DEL URUGUAY

Boletim de Filologia — Tomo IV — n.º 22, 23, 24 — 1943. Montevidéo.
Orientación — Centro Militar — n.º 4 — 1945 — Montevideo.
Revista Militar y Naval — Agosto — Diciembre 1944. Año XXV — ns. 288 al 293 — Montevideo.

MÉXICO

Salubridad y Asistencia — Organo de la Secretaria de Salubridad y Asistencia. — n.º 2 — Tomo I — 1944. — México, D.F.

GUATEMALA

Boletim del Archivo General del Gobierno — Tomo IX — n.º 3. Guatemala — 1944.

PANAMA

Informacion — Rep. de Panamá — Vol. I, n.ºs 1, 3, 4 e 5. — 1945.
Cruz Roja Juvenil de Panamá — Año I — N.º 1.

ARGENTINA

Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropologia — Tomo IV — 1944 — Buenos Aires.

Archivos de la Universidad de Buenos Aires — Año XIX — Tomo XIX — 3 — 1944.

Revista de la Universidad de Buenos Aires — Tercera Época — Año II — n.ºs 3 e 4 — 1944.

Biblos — Camara Argentina del Libro. — Año II — n.º 12. — Buenos Aires.

Revista del Instituto de Antropologia de la Universidad Nacional de Tucuman — Vol. 3. — n.º 2 — Tucumán — 1943. — (Contem: Dicionário Toba, por Tomás Tebboth.)

ÍNDICE DO VOLUME
(ns. 97 e 98)

O IV Congresso Sulriograndense de História e Geografia 3
Recepção do Revm.º Padre Balduino Rambo, S. J.:
— o Caráter da Flóra Riograndense. — Discruso do **Rvmo. P. B. Rambo. S. J.** 8
— Saudação. — do **Prof Walter Spalding** 18
Documentário Farroupilha:
I — Documentos sôbre impostos votados pela Assembléia Provincial 24
II — Documentos sôbre medidas de segurança e abastecimento 28
Velhos Documentos Riograndenses — copiados e anotados pelo **dr. Manuel Duarte** 33
Apontamentos sôbre o Teatro no Rio Grande do Sul e Síntese Histórica do Teatro Sete de Abril, de Pelotas, que serviu de Quartel dos Farrapos, — **Dr. Paulo Duval** 37
Em tôrno da Revolução Farrapa — **Álvaro O. Caetano** 66
Veredas Planalteanas — **Dr. Manuel Duarte** 75
O Sesmeiro de Nossa Senhora das Candêias e suas Descendência **Dr. José de Araujo Fabricio** 86
Os Gonçalves Ribeiro — **Dr. Manuel Duarte** 147
General Souza Doca — **Dr. Eduardo Duarte** 157
Rio Branco — **Otélo Rosa** 161
Esboço Biográfico do General José de Abreu, Barão do Serro Largo — **J. M. da Silva Paranhos Jr.** 164
O Brasil na Cartografia e na lenda — **Prof. Walter Spalding** 211
Dois estudos Farroupilhas:
I — O Cruzeiro Planaltino
II — Santa Vitória — **Dr. Manuel Duarte** 218
Tentativa Emancipacionista — **Dr. Manuel Duarte** 237
Dois Oficios de Aifonso Mabilde — (Introdução do **Prof. Walter Spalding** — Notas do **Dr. Manuel Duarte**) 242
Bibliografia 269

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Reconhecido de utilidade pública por Decreto n. 4373 de 24 novembro de 1921

Séde: Rua Riachuelo, 1307

—— Pôrto Alegre — R. G. Sul ——

COMISSÕES PERMANENTES

História e Geografia:

Afonso Guerreiro Lima
Othelo Rosa
Eduardo Duarte

Antropologia e Etnografia:

Leonardo Macedônia
Olinto Sanmartin
Gaston Hasslocher Mazeron

Paleontologia e Arqueologia:

Armando Dias de Azevedo
Ângelo Guido
Mansueto Bernardi

Genealogia, Heráldica e Numismática:

Padre Luiz Gonzaga Jaeger S. J.
Mario Teixeira de Carvalho
Jorge Godofredo Felizardo

Línguas Indígenas e Folclore:

Manoel Faria Corrêa
Darcy Azambuja
Manoelito de Ornellas

Sindicância para admissão de sócios:

Armando Dias de Azevedo
Othelo Rosa
Jorge Godofredo Felizardo

Redação da Revista:

Luiz Carlos de Morais
Manoel Duarte
Walter Spalding